

61º FESTIVAL DO

ANUÁRIO

FOLCLORE

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - CAPITAL DO FOLCLORE



RAÍZES QUE NOS CONECTAM

61º FESTIVAL DO ANUÁRIO FOLCLORE

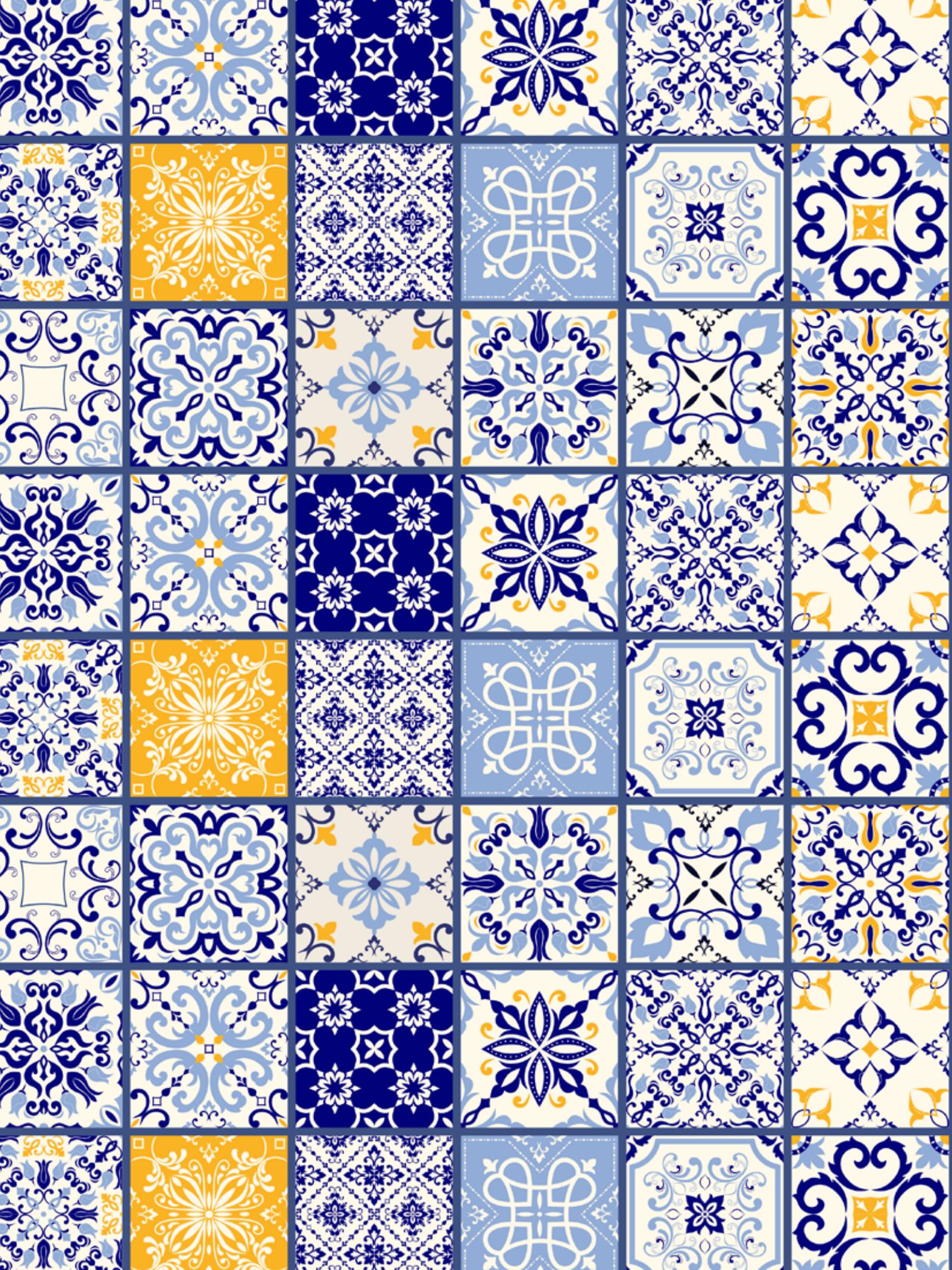
ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - CAPITAL DO FOLCLORE



ANO L - Nº 53 - AGOSTO DE 2025



2 a 10 de AGOSTO
Recinto do Folclore Prof. José Sant'anna





REALIZAÇÃO



CUIDANDO DO NOSSO FUTURO



PRODUTOS

APOIO



PROMOÇÃO



PATROCINADORES



SUMÁRIO

Mensagem do Prefeito	04
“Raízes Que Nos Conectam”	04
Mensagem da Secretária de Cultura e Defesa do Folclore	06
Olímpia e a Defesa do Folclore	06
Jubileu de Castanheira	08
Estado Homenageado	10
Maranhão: o Estado Homenageado	12
O Cartaz do 61º Festival	16
Folclore, Educação e o boi do Maranhão	22
O Bumba Meu Boi de Matraca e o Legado do Boi do Maiobão	24
Nina É, Nina Boi, Nina Sempre Será	26
61º Festival do Folclore	28
Pulsando em Olímpia	30
Minifestival do Folclore	37
Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis	38
Folclorança - EMEB Santo Seno	39
Curiosidades - Memórias	40
A Força da União	42

Raízes do Folclore: Artigos e histórias sobre o folclore brasileiro	44
Olímpia, o Epicentro do Folclore Vivo	46
Dona Odete Coradini – a Artesã do Trançado Estrela	49
Professor Sant’anna	52
Folclore: Fonte de Sabedoria	58
Por Onde Pastou o Boi, por Onde Brincou o Bumba	60
Reinvenções do Boi	68
Olímpia Viva: Memória e história da cidade	80
Educação Patrimonial - Olímpia e o Folclore Brasileiro	82
50 Anos da Matriz, 61 Anos do FEFOL	85
A Arte Contemporânea e o FEFOL	89
Festa	92
Grupos do 61º FEFOL	94
Mensagem final	100
Comissão Organizadora	102
Equipe da Secretaria de Cultura de Defesa do Folclore	104
Expediente	105

RAÍZES QUE NOS CONECTAM

Olímpia, Capital Nacional do Folclore, volta a pulsar no ritmo das tradições brasileiras.

Há mais de seis décadas, nossa cidade honra a missão de preservar e celebrar o folclore nacional, reunindo em um mesmo território o que há de mais genuíno na alma do nosso povo.

Neste ano, o 61º Festival do Folclore chega com o tema “Raízes que nos conectam”, reafirmando o poder das tradições como elo entre gerações, territórios e culturas. Mais de 20 Estados brasileiros, representando as cinco regiões do país, estarão presentes nesta grande celebração, trazendo seus sotaques, suas danças, seus ritmos e seus saberes.

Recebemos com alegria todos os visitantes, grupos e admiradores da cultura popular que chegam para vivenciar este momento. Que sejam nove dias de intensas trocas de saberes, de encontros simbólicos e afetivos, de descobertas e encantamentos. Que cada apresentação, cada roda, cada canto e cada passo fortaleça os laços que nos fazem um só Brasil, diverso, profundo e enraizado em sua memória cultural.

Este festival também é memória viva do sonho do Professor José Sant’anna, idealizador desta grande festa. Foi ele quem acreditou que Olímpia poderia ser palco e abrigo para as tradições populares do país, e assim foi. Seu legado floresce a cada edição, renovado na força de cada grupo e no brilho de cada espectador.

É através da educação que transformaremos o futuro, sem jamais esquecermos de onde viemos. Ao valorizar nossas raízes, cultivamos o respeito, a identidade e o pertencimento. A cultura é viva, se reinventa, caminha, aprende e ensina. Por isso, ela precisa ser transmitida com afeto e consciência, de geração em geração, como um tesouro coletivo que cabe a todos proteger.

Desejamos que esta edição fique guardada na lembrança de todos como um tempo especial, onde o Brasil se encontra aqui em nossa cidade, em sua forma mais autêntica e comovente. Que as raízes sigam firmes e que a festa continue viva, em cada um de nós.

mensagem do prefeito



Eugenio José Zuliani
Prefeito de Olímpia

mensagem da secretária



Priscila Seno Mathias Netto Foresti (Guegué)
Secretária de Cultura e Defesa do Folclore

OLÍMPIA E A DEFESA DO FOLCLORE

A criação da Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore marca um novo capítulo na história de Olímpia. Uma cidade que não apenas abriga o maior festival de cultura popular do Brasil, mas que se ergue como referência nacional na preservação, valorização e transmissão dos saberes tradicionais.

Assumir essa missão é compreender que a cultura popular não é apenas herança, mas ferramenta de transformação. É reconhecer que o folclore educa, emociona e forma identidade. É entender que cada gesto, canto, bordado e ritual carrega em si uma pedagogia silenciosa, passada de geração em geração com afeto, técnica e resistência.

Na 61ª edição do Festival do Folclore, reafirmamos com orgulho o papel de Olímpia como Capital Nacional do Folclore. Somos palco e ponte. Somos território onde o Brasil se reencontra consigo mesmo em suas múltiplas expressões, cores e vozes. Mais que uma festa, o Fefol é uma escola viva, onde aprendemos com quem veio antes e ensinamos com o exemplo da continuidade.

Nossa gratidão se estende a todos que fazem dessa grande celebração um ato coletivo de memória e futuro: à equipe da Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore, à Comissão Organizadora, aos grupos olimpienses e especialmente aos mestres e mestras da cultura popular, que atravessam o país com seus grupos, saberes e bandeiras para compartilhar conosco suas tradições.

Agradecemos, ainda, a todas as secretarias municipais e aos servidores públicos de Olímpia, que, com dedicação, profissionalismo e espírito colaborativo, contribuem para que cada detalhe do Festival aconteça com excelência. Este é um trabalho que ultrapassa os limites da Cultura e envolve toda a cidade como deve ser em uma festa feita para o povo, com o povo.

E, com especial reconhecimento, agradeço ao Prefeito Eugenio José Zuliani, cuja visão sensível e comprometida tornou possível a criação desta secretaria que já nasce com a missão de proteger o que temos de mais genuíno: nossa cultura viva.

Aqui, em Olímpia, o folclore não é lembrança: é presença. É vida que se reinventa a cada edição. É orgulho que se compartilha. É patrimônio que se defende.

JUBILEU DE CASTANHEIRA

Ao falar da simbologia do Jubileu para o Festival do Folclore de Olímpia e ao comemorar a 61ª edição, quando a castanheira é a representação — árvore tão carregada de significados — é inevitável refletir sobre o Professor Sant’anna, que, ao publicar em 1998 o anuário do 34º FEFOL, definiu os júbilos a serem comemorados por 100 anos, em uma projeção para um século. Uma idealização do professor, como uma previsão certa da longa vida que o Festival conquistaria.

Percebe-se a dimensão da expectativa e da fé que ele depositava no Festival, sua certeza de que a semente do folclore brasileiro era tão potente que se tornaria uma longeva árvore cultural, forte e com muitos frutos — assim como é a castanheira.

A castanheira (nome científico: *Bertholletia excelsa*) é uma árvore majestosa e emblemática da Amazônia, conhecida principalmente por produzir a castanha-do-pará (ou castanha-do-brasil). É fundamental contemplar um panorama sobre sua origem, características botânicas e importância na cultura popular.

A espécie é nativa da Floresta Amazônica, no Brasil, e é encontrada principalmente nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima. Pode atingir de 30 a 50 metros de altura. Seu tronco espesso, linear e cilíndrico pode chegar a mais de dois metros de diâmetro. Suas folhas grandes, com até 35 cm, apresentam desenho simples e composição alternada. Suas flores são pequenas, amareladas e de difícil polinização (dependem de abelhas grandes e específicas). O fruto apresenta-se como uma cápsula lenhosa, redonda, parecida com um coco, chamada popularmente de “ouriço”, que pode conter de 12 a 24 sementes (as castanhas). Seu ciclo de vida marca uma das árvores mais longevas da Amazônia, podendo viver mais de 500 anos.

A árvore é considerada uma espécie-chave da biodiversidade amazônica. A castanha-do-pará é uma das principais fontes de renda para comunidades tradicionais e extrativistas da região. O fruto só se desenvolve bem em florestas nativas, pois depende da polinização cruzada feita por insetos nativos e da dispersão por roedores como a cutia. Sua exploração sustentável é um exemplo de manejo florestal não predatório.

Na cultura popular, a castanheira está profundamente ligada à identidade amazônica e à sabedoria popular indígena e ribeirinha. Em lendas, é retratada como uma árvore protetora da floresta, guardiã de segredos e alimento sagrado. Em algumas comunidades, o “ouriço” (fruto da castanheira) é usado em brincadeiras infantis, artesanato e até em rituais religiosos afro-brasileiros. A castanha-do-pará também aparece como símbolo de resistência ambiental e da luta pela preservação da Amazônia.

Apesar de protegida por lei — não podendo ser legalmente derrubada no Brasil por estar em risco ecológico —, a castanheira sofre pressão por causa do desmatamento ilegal e da expansão agrícola. Está protegida pelo IBAMA desde 1992 e é uma árvore ameaçada de extinção em algumas áreas. Não é cultivada com facilidade: plantações fora da floresta têm baixos índices de produção, reforçando a importância da floresta em pé.



A colheita das castanhas ocorre entre dezembro e abril, durante a chamada “chuva de ouriços”. As famílias ribeirinhas e seringueiros percorrem a mata para juntar os frutos caídos no chão. É um trabalho feito a pé, com cestos nas costas e facões, que exige respeito pelas árvores e pelos ciclos naturais. Muitas comunidades criaram associações de extrativistas, que vendem a castanha para o mercado nacional e internacional, promovendo a economia da floresta em pé.

Em várias escolas da Amazônia, o “Dia da Castanheira” é celebrado com atividades de educação ambiental e contação de histórias. Nos festivais tradicionais da Amazônia, como o Festival do Boi-Bumbá de Parintins, elementos simbólicos da floresta aparecem nos trajes e enredos – incluindo a castanheira.

A castanha-do-pará é ingrediente de doces típicos, bolos, farofas, paçocas e outras delícias da culinária amazônica e nordestina. Em oficinas culturais, o “ouriço” seco é reaproveitado para brinquedos, instrumentos de percussão, cuias e peças de artesanato.

A castanheira é envolta em misticismo nas tradições orais amazônicas. Algumas das lendas mais comuns incluem: “*A Guardiã da Floresta*” – Segundo alguns povos indígenas, a castanheira é morada de espíritos ancestrais que protegem a floresta. Derrubá-la seria atrair má sorte ou desrespeitar os encantados da mata; *Lenda do Ouriço* – Em algumas versões ribeirinhas, acredita-se que o fruto só se abre quando a floresta está “em equilíbrio”. O som da queda do ouriço é considerado um sinal de fartura; e *A Mãe da Castanha* – Figura mítica que “cuida” da árvore e castiga quem pega os frutos verdes ou desrespeita o tempo da natureza.

As lendas indígenas sobre a castanheira e o ouriço são parte do imaginário ancestral de diversos povos da Amazônia. Essas narrativas explicam não apenas a origem da árvore e de seus frutos, mas também revelam os valores de respeito à floresta, ao tempo da natureza e à convivência com os seres invisíveis da mata.

O 61º FEFOL traz, em seu Jubileu, uma reflexão tão necessária para os dias atuais, e o visionário Professor Sant’anna parecia ter certeza de que suas indicações ao Jubileu trariam diálogos importantes e de impacto para a sociedade. Assim como a castanheira – imponente e significativa –, o Festival nela parece se inspirar ao trazer, em sua história, a força e a grandeza de representar o povo brasileiro e suas raízes culturais.

Tiago Louzada

*Diretor de Patrimônio Cultural
Secretaria de Cultura e de Defesa do Folclore*



ESTADO HOMENAGEADO





MARANHÃO: O ESTADO HOMENAGEADO

Uma toada de encanto, tradição e resistência cultural

No calor vibrante do 61º Festival do Folclore de Olímpia, é com grande honra que a Capital Nacional do Folclore rende homenagem a um dos estados mais ricos em diversidade cultural do Brasil: o Maranhão. Terra onde a tradição resiste como um tambor que nunca silencia, onde o povo transforma o cotidiano em festa, a fé em dança e a história em poesia.

Situado na região Nordeste e banhado pelo Atlântico, o Maranhão é um verdadeiro mosaico de influências culturais. Sua história é marcada pelo encontro de povos: indígenas originários da região, colonizadores europeus, principalmente portugueses e franceses, e populações africanas trazidas à força durante o período escravocrata. Dessa confluência nasceu uma identidade cultural singular, multifacetada e profundamente brasileira.

A capital, São Luís, é o coração pulsante dessa riqueza. Conhecida como “Ilha do Amor”, por suas paisagens; “Atenas Brasileira”, por sua arquitetura colonial histórica; e “Jamaica Brasileira”, pela força do reggae; a cidade é Patrimônio Cultural da Humanidade graças ao seu centro histórico com mais de 3.500 casarões coloniais cobertos de azulejos portugueses. Ali, a música ecoa dos becos e a tradição se mistura ao cotidiano, seja nos grupos de tambor de crioula ou nas rodas de reggae — ritmo que encontrou solo fértil no Maranhão e tornou-se parte do imaginário popular.

Manifestações Culturais

Entre as mais emblemáticas expressões culturais maranhenses está o Bumba Meu Boi, um espetáculo que mistura teatro, música, dança e religiosidade popular. A narrativa gira em torno da morte e ressurreição de um boi, encenada por personagens como o amo, a catirina, o vaqueiro e o dono da fazenda. Cada “sotaque” (forma de apresentação) do boi — como matraca, orquestra, zabumba, pindaré e costa de mão — revela um modo distinto de tocar, cantar e dançar, revelando a pluralidade interna do próprio estado. No Maranhão, o Bumba Meu Boi é uma celebração coletiva que envolve dezenas de grupos, principalmente durante o mês de junho, com apogeu no São João.

Outra manifestação essencial é o Tambor de Crioula, reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil. Praticado em homenagem a São Benedito, o tambor reúne homens percussionistas e mulheres dançantes chamadas “coreiras”, que giram em saias amplas e coloridas ao som dos tambores rufados com as mãos. A dança é espontânea, corporal, circular — uma expressão de alegria, fé e ancestralidade negra.

Há ainda outras manifestações menos conhecidas, mas igualmente vivas, como o Cacuriá, dança sensual e rítmica originada das festas do Divino Espírito Santo; os cantos de mina e terecô, ligados a cultos afro-brasileiros; os blocos afro, como o tradicional Akomabu; os rituais indígenas dos povos como os Guajajara, Krikati e Canela, que resistem em suas terras e culturas.

Festas Populares e Religiosidade

O calendário maranhense é marcado por intensas celebrações religiosas e populares. O São João do Maranhão é um dos mais tradicionais do Brasil, com festas que se estendem por todo o mês de junho e movimentam todo o estado com apresentações de Bumba Meu Boi, quadrilhas, danças portuguesas, cacuriá, tambor de crioula, entre outras. Diferente do restante do país, o São João maranhense tem mais influência afro-indígena do que europeia, o que se reflete nas músicas, nos ritmos e nas narrativas.



As Festas do Divino Espírito Santo, realizadas em cidades do interior como Alcântara, trazem cortejos, ladainhas, distribuição de esmolas e o famoso Cacuriá. Já o Festejo de São José de Ribamar, padroeiro do Maranhão, reúne milhares de fiéis em romaria à cidade de mesmo nome, reforçando o sincretismo religioso presente em toda a região.

Culinária: Sabores com Identidade

A gastronomia maranhense é outro capítulo de sua cultura viva. Rica, variada e marcada por ingredientes típicos do litoral, da floresta e dos campos, a culinária reflete os traços da mestiçagem cultural. O arroz de cuxá é o prato mais emblemático — feito com arroz, vinagreira (erva de sabor azedo), camarão seco, carne de sol e temperos.

Outros pratos típicos incluem:

- Tiquira: aguardente feita a partir da mandioca, de tradição indígena e considerada patrimônio cultural imaterial do Maranhão;
- Sururu ao Leite de Coco: molusco cozido em um caldo cremoso de leite de coco, azeite de dendê e tempero;
- Peixe Frito no Azeite de Babaçu: peixes frescos fritos em azeite extraído da palmeira de babaçu;
- Juçara: versão maranhense do açaí, tipicamente consumida com farinha e camarão seco;
- Torta de camarão, maria isabel (arroz com carne seca) e caldeirada de peixe também estão entre as iguarias mais apreciadas;
- Moqueca Maranhense: Semelhante à moqueca baiana, mas com um toque regional, utilizando frutos do mar e peixes da região.

Curiosidades e Legado Cultural

- São Luís é considerada a capital nacional do reggae, com dezenas de “radiolas” (sistemas de som potentes) espalhadas pela cidade, além de festas e bares especializados no gênero. A cidade é o local onde o ritmo musical mais faz sucesso fora do território jamaicano, por isso, é conhecida como Jamaica Brasileira.
- O Maranhão é o único estado brasileiro com presença da língua francesa em sua colonização, o que deixou marcas em expressões populares e nomes de lugares. Além disso, o “maranhês” tem influências indígenas, africanas e portuguesas.
- O estado abriga a maior reserva de floresta amazônica em território nordestino, além dos Lençóis Maranhenses, paisagem natural de fama internacional.

- É terra natal de Gonçalves Dias, um dos maiores poetas do romantismo brasileiro, autor do célebre “Canção do Exílio”:

*“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.” [...]*

- Azulejos Portugueses: a capital é famosa por seu centro histórico com milhares de fachadas cobertas por azulejos.

- Bumba Meu Boi: manifestação cultural que mistura teatro, dança e música e é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

“Maranhão, Meu tesouro, meu torrão”

A canção “Maranhão, Meu tesouro, meu torrão” se tornou um hino popular do São João maranhense, presente em festas e memórias afetivas da população. Trata-se de uma toada – melodia ritmada característica das manifestações folclóricas brasileiras – composta por Humberto Barbosa Mendes, conhecido como Humberto de Maracanã (1939-2015), cantor e compositor referência no Bumba Meu Boi de São Luís, especialmente no sotaque de matraca.

Tamãha é a importância da canção, que, em outubro de 2021, o governo do Maranhão sancionou a Lei nº 11.562/2021, declarando a toada como patrimônio cultural imaterial do Estado.

E mais do que uma canção: é um símbolo afetivo, um elo entre a tradição do Bumba Meu Boi de matraca e o dia a dia dos maranhenses. Ao ganhar status de patrimônio imaterial, a toada recebe reconhecimento oficial e histórico – um testemunho da força e da beleza da cultura maranhense que ressoa em cada festa de São João, mantendo-se presente na cultura popular.

A Homenagem

O Festival do Folclore de Olímpia é considerado um dos maiores e principais eventos da cultura popular de todo o país. Uma festa única em sua história, que, há mais de 60 anos, reúne a cultura do Brasil em um só lugar.

Essência que só se preserva graças à ampla participação dos grupos, que fortalecem a representatividade de suas origens e a diversidade cultural do Brasil. Assim, todos os anos, o FEFOL escolhe um estado brasileiro para homenagear. Uma forma de enaltecer ainda mais os laços culturais, criando a oportunidade de imersão na cultura do estado homenageado para a preparação da edição e um verdadeiro intercâmbio cultural.

O Maranhão estreia como estado homenageado. Sua primeira vez como estrela da festa. Ao celebrar o Maranhão neste Festival do Folclore, celebra-se a resistência, a criatividade e a beleza de um povo que transforma a vida em arte. Um povo que dança para contar suas histórias, que canta suas dores e amores, que alimenta a alma com fé, ritmo e sabor.

O Maranhão é uma síntese do Brasil profundo: vibrante, mestiço, poético e orgulhoso de suas raízes.

O Maranhão carrega em sua cultura a riqueza de tradições que atravessam gerações, misturando o legado dos povos indígenas, africanos e europeus em manifestações de valor inestimável.

Que essa homenagem inspire encantamento e respeito por uma cultura que, mesmo diante dos desafios, continua a florescer como tambor que nunca se cala – forte, vivo e eternamente maranhense.

O Maranhão pulsa em Olímpia, junto aos demais estados. Todos unidos em um só coração!

Priscila Minani

Jornalista
Diretora Municipal de Comunicação, Imprensa, Cerimonial e Eventos



Bumba Boi Brilho da Ilha - São Luis - MA



João Carlos Oliveira da Rocha
artista e autor da arte do cartaz do 61º festival de Folclore

O CARTAZ DO 61º FESTIVAL

O autor e a obra

Nessa entrevista, o olimpiense João Carlos Oliveira da Rocha, Rochinha, nos conta um pouco sobre sua história de multiartista, como isso começou e se desenvolveu em sua vida. Dos primeiros contatos e como se deu sua relação com o criador dos festivais, o Professor Sant'anna e como isso proporcionou sua participação de diferentes formas ao longo desses eventos. No seguimento final, ele detalha o processo de criação e execução do desenho que estampa o cartaz e esse anuário do 61º Festival do Folclore.

Anuário: Quando e como as questões ligadas às manifestações artísticas entraram na sua vida? Quais memórias você tem?

Rochinha: Bom, a minha memória é dos três anos de idade. E me lembro que o meu avô acolhia as Folias de Reis, na época de festa de reis, no qual esses foliões, esses músicos, posavam na casa do meu avô, no sítio, antigamente. Meu avô fazia aquelas paneladas e servia o jantar para eles. Eles botavam os instrumentos em cima da cama e eu ia lá fuçar, com três anos de idade. E aí, pra frente, ao longo, eu comecei a tocar pandeiro naquelas festas também de casamento. Os casamentos antigamente, eles faziam uma tenda nos terreirões e contratavam o sanfoneiro, o pandeirista e o violeiro pra tocar o baile. Eu tomava o pandeiro do cara, e as crianças brincando. Aí eu pegava o instrumento, o pandeiro, e ficava tocando. Enquanto as crianças brincavam, eu ficava o tempo inteiro tocando o pandeiro em cima da mesa. Eles botavam uma mesa no meio da tenda e o povo dançando, e eu tocando, com três, quatro anos de idade. Aí passaram esses tempos, eu fui crescendo e comecei a me inteirar. Nós mudamos pra cidade, tinha a Folia de Reis do seu Celso, que era na Vila Cizoto e onde a Folia ia, eu fazia o cortejo com ela, aos 10 anos de idade.

Anuário: Então a sua influência no mundo artístico começou com Folia de Reis?

Rochinha: Com Folia de Reis. Tinha muitos instrumentos e aquilo me despertou a curiosidade rítmica e de cordas.

Anuário: Você então começa com essas experiências junto às Folias de Reis. E aí, como é que surgem, por exemplo, as outras questões da sua vida, como escultura, pintura, desenho, etc?

Rochinha: Assim que mudamos para a cidade, teve um concurso no Dia da Ave. Aí eu ganhei o estadual, inclusive. Era uma viagem para Brasília. Eu ganhei o concurso da ave estadual.

Anuário: Era desenho?

Rochinha: Era um desenho. Tinha que falar sobre a Amazônia. Naquela época lá já se previa o desmatamento. Aí eu fiz uma maritaca com um tronco cortado, com o mapa do Brasil. Eu ganhei o prêmio do concurso da ave. E depois, aos 11 anos, quando eu entrei para a escola Maria Ubaldina, a Dona Cidinha Manzolli tinha uma bandinha e começou aquela manifestação. O contato já com o folclore principiou daí, porque a Dona Cidinha me levou para o grupo parafolclórico dela, onde fiquei quase 20 anos tocando.

Anuário: Você começa com essa experiência de um concurso com o desenho, mas outras coisas foram surgindo na sua vida. Você já fez escultura, e as artes plásticas?

Rochinha: Tá, eu tô te falando até os 15 anos, que eu comecei a tocar no GODAP. Esse convívio com o folclore surgiu com os concursos do Festival. E eu tive um convite pra participar. Eu ganhei o primeiro prêmio do primeiro concurso, entendeu? E daí tiveram vários concursos, eu não me lembro. Eu tive a premiação em cinco concursos. E foi daí que surgiu a necessidade de pintar, de fazer cartoon, de me manifestar em relação ao folclore.

Anuário: Bom, a música permeia todos os momentos da sua vida, correto? Cite, além da Folia de Reis, que outro tipo de música esteve influenciando nas suas composições, naquilo que você faz até hoje? Cite também pessoas que foram importantes nesse seu processo, parceiros que você teve em todos esses momentos.

Rochinha: Então, é... eu participei, eu tive muita convivência com a antiga banda do Dante Pavese, na qual lá eu aprendi a saber sobre a bossa nova, sobre o samba, etc. E lá eu tive um instrutor legal que era o Vitor. Ele era cantor e ele começou a me indicar. E outra pessoa também que me ensinou muito foi o Nereu Nadruz, que faleceu recentemente. Eu nasci como dupla sertaneja, Choquito e Chocolate, com o Claudinei na CECAP. Fomos cantar no comício do Décio Pereira. Foi minha primeira participação comercial. Daí pra frente eu comecei a me tendenciar mais pelo lado da música popular, da MPB, da Bossa Nova.

Anuário: E os parceiros?

Rochinha: O primeiro parceiro meu foi o SR. José Amâncio sanfoneiro, na Vila Cizoto, Eu toquei muito pandeiro com ele, nos botecos, nos bares, assim. Criança eu era, né? 13, 14 anos, aí veio o Claudinei, que é o meu segundo parceiro de música. Depois o Pedroso (Paulo César Pedroso) no Samba Sem, o Tonico e o Tony Boy. Daí surgiu uma amizade musical entre eu, o Ostin Correia (Washington Correia da Silva) e o Wadão Marques (Edward Marques da Silva). Gravamos, participamos de vários festivais, de vários encontros e momentos importantes pra mim.

Anuário: Como é que foram os seus primeiros contatos com o professor Sant'anna?

Rochinha: O professor Sant'anna me conheceu dançando no grupo da Dona Cidinha Manzolli. Numa ocasião o Jonatas Manzolli (filho dela) resolveu fazer um coral. Teve até uma coralista na escola Capitão Narciso, aulas de coral. Eu entrei no grupo e o professor Sant'anna participava também do coral. Eu já tocava no violãozinho e tal, já tinha essa tendência pra música popular. E o professor começou a me convidar pra fazer umas serenatas com ele. O professor, o Natalino, o pessoal da Igreja Metodista. E por fim eu fui trabalhar na prefeitura também, aí ele descobriu que eu trabalhava, que eu fazia alguns desenhos e tal, me convidou para fazer alguns, imitando xilogravura no anuário do Festival. E aí todos os anos, por uns 15 anos, eu participei com o professor Sant'anna, trabalhando na prefeitura, fazendo esses desenhos, esses trabalhos voluntários nos anuários.

Anuário: Você chegou a ter amizade com ele? Teve momentos de descontração, de mais situações, além dessas que ele te pedia para o Festival?

Rochinha: Sim, sim. O professor Sant'anna passou a ser meu amigo, amigo pessoal, de convidar para ir para a igreja. Tinha época que a gente saía, a gente fazia via sacra, a gente ia para o Zé Ferreira, no Adelis. Ele me chamava para acompanhar, ia aos Terreiros de Umbanda para fazer pesquisa, para eu ver como funcionava, desenvolver alguns desenhos. E ele tinha altas ideias de textos com imagens e eu andei desenhando uns quadrinhos, como o gato querendo o pulo da onça. Então, o professor Sant'anna também, quando não era a época de folclore, essa época de coletânea, ele ficava meio triste e me chamava para fazer uma serenata.

Anuário: Então Rocha, nesse período aí que você teve com ele, nessas andanças, nesses momentos que você ia às situações que ele te convidava, lembra de algo curioso dele, engraçado?

Rochinha: É, o professor tinha uma coisa estranha com ele, é que ele tinha uns períodos depressivos. Eu havia comprado um teclado, aqueles teclados que você aperta o botão e toca. E o professor, de vez em quando, ele chegava inopinadamente em casa e parava na porta. Não falava nada. Ele ficava olhando. Um dia, a Márcia minha esposa, estava passando roupa sentada, Era o primeiro ano de casamento e ele falou sério, “nunca vi alguém passar roupa sentada”, rrsrs. Aí, de repente, ele falou: “João, o teu teclado tá ligado? Liga pra mim”. Volta e meia ele fazia isso. Quando a tristeza atacava, eu ligava, ele fechava a porta, cantava hinos como “Grande és tu”, “Anjo lindo”, as músicas que mais alegravam ele. Depois só dizia “muito obrigado, tchau”.

Anuário: Bom, vamos entrar agora nas questões do nosso querido Festival do Folclore. Ele começa por conta daquele momento no grupo da Dona Cidinha? Ou você já conhecia o festival de criança? Como é que o FEFOL entrou na sua vida?

Rochinha: Não, eu era muito ligado ao festival antes da Dona Cidinha, inclusive. Houve ocasião que eu ia ao folclore e já tocava violãozinho, sabia afinar o violãozinho. O Bibi sabia disso. Quando a Inesita Barroso vinha, ele me convidava para afinar o violão dela. Era Joãozinho, na época não era Rochinha que ele me chamava. Aí, ô Fernando, o que que acontecia? Quando começava o folclore, eu, a Débora, a Dagma, quando montavam a barraquinha, a gente já ficava rodeando ali a barraca do professor Sant’anna, o pau de sebo. Inclusive eu participei do pau de sebo. Aquelas maratonas que haviam, eram maravilhosas. Colocava o rabo na mula, lá no burro. Eu participava de tudo aquilo lá, da pipa, era muito ligado em Folias de Reis, quando passavam eu queria tocar, queria ser palhaço de reis.

Anuário: Me fale, de maneira geral, qual que é a importância, qual é o significado do Festival do Folclore para você? O que ele representa para você e o que ele representa para Olímpia?

Rochinha: Bom, o Festival do Folclore, é se resgatar, sabe? A história de um povo, entendeu? E uma forma de você... como é que eu poderia te dizer? De você alimentar o ego das pessoas que participam. É uma forma de você devolver para aquelas pessoas, sabe... Como eu poderia dizer? Um reconhecimento. Um reconhecimento às pessoas simples, às pessoas que cultivam o festival. Eu acho que está perdendo essa tradição folclórica, por fins políticos ou coisas materiais. Mas a cultura, ela bem constituída, ela gera também dinheiro, arrecadação para o município. É uma forma de trabalhar, eu acho que eles descartam um pouco essa possibilidade. O folclore é a minha alma, cara, a minha vida é folclore. O festival tem uma importância muito grande para mim, pois vivi a vida inteira no Festival. E folclore, é a história de um povo, é a história da nação brasileira.

Anuário: Tem importância econômica que você citou, mas qual é a maior importância desse festival para a cidade? Além da possibilidade de você fazer essa relação com o turismo, com a questão econômica.

Rochinha: É, pra mim a importância, por exemplo, nós constituímos uma família hoje, a minha família, minhas filhas foram educadas assim, com folclore, entendeu? Então, a minha cultura musical, rítmica, de cordas, de tudo, cara. foi por intermédio do folclore, E o folclore tá na minha família até hoje. E outra coisa, também acho que deveria trabalhar mais o folclore nas escolas, a cultura brasileira, os ritmos brasileiros. E a importância para a cidade de Olímpia? Olímpia, hoje, ela carrega a responsabilidade de ser a capital nacional do folclore. Então, tinha que fazer isso com mais densidade, com mais carinho.

Anuário: Rocha, o assunto principal dessa nossa entrevista é o cartaz do 61º FEFOL. Como que surgiu em você essa coisa do desenhar, do pintar?

Rochinha: Eu comecei como cartunista, fazendo umas... umas tiras para jornais e tal. Depois eu misturei a pintura. Aí ficou um expressionismo com o cartoon. E quanto ao cartaz, eu tentei fazer da maneira mais simples possível, com a minha cara. Porque você tem visto muitos cartazes aí, muito artificiais, muito fotográficos. Eu acho que eu queria fazer uma coisa bem folclórica mesmo.

Anuário: Então, sobre isso, como é que foi o processo de criação do desenho desse cartaz? O que você pensou para chegar naquele boi?

Rochinha: Eu pensei o seguinte, o boi é uma das figuras mais cultuadas pelo Estado homenageado, o Maranhão. Aí eu tentei resumir o boi da maneira mais simples possível, que é a cara das pessoas desse estado. É simplicidade, originalidade, folclore, entendeu? Pra ficar um cartaz bem limpo, bem modesto.

Anuário: Você tem grande habilidade em desenhar. Penso que a partir da ideia concebida, a execução foi rápida. Estou certo nisso?

Rochinha: Sim. Sim, foi... Eu imaginei assim, eu vou fazer uma coisa, a bico de pena com aguada, né? Trabalhar uma aguada com pincéis aguados, entendeu? Tipo cartoon mesmo. Quando eu tive o convite do professor Sant'anna no passado de ilustrar livros e anuários, foi da mesma forma. Usei a pena, bico de pena, usei a aguada, a aquarela, para ser bem breve, sem muita coisa.

Anuário: E as cores que você escolheu para fazer o boi, além da estética, tem algum outro significado?

Rochinha: O boi, por exemplo, eu fiz, eu tentei fazer uma mistura do sentido, do folclore e da bandeira de Olímpia. Com as cores folclóricas do boi, e eu tentei botar no corpo do boi algo da bandeira de Olímpia para fazer aquela mistura. Os trevos e a cor da bandeira de Olímpia. Citei a bandeira de Olímpia no corpo dele.

Anuário: Rochinha, num dos carnavais do Samba Sem Compromisso, quando o tema homenageou o nosso Festival do Folclore, você construiu alguns bonecos temáticos. E um deles foi um boi, que é até parecido com esse desenho do cartaz desse ano. Você lembra disso?

Rochinha: Lembro. Ah, você fala da escultura. Então, aquilo lá nós resolvemos, você participou também, fazer uma homenagem aos grupos folclóricos e ao folclore de Olímpia. Você lembra que era uma manifestação rítmica por parte das alas? O tema era em homenagem, aí criamos as pessoas...e o boi, né? Porque o boi eu acho uma representatividade maravilhosa, assim, cheio de movimento. E esse boi, eu trago esse boi, que eu morria de medo, esse que foi do Samba Sem. Você lembra quando tinha aquele grupo, como é que chama? Boi de Mamão de Florianópolis. O cara vinha pra cima de mim assim, eu era criança, e ficou na minha cabeça esse boi, aí eu me apaixonei por ele.

Anuário: O que significa para o autor ter sua obra como estampa do cartaz e do anuário do nosso querido Festival do Folclore?

Rochinha: Então, quando eu fui convidado, achei maravilhoso, cara, porque foi um resumo de toda a minha vida no folclore, o convite mais importante que recebi. E eu já falava com o professor para ele trabalhar, por exemplo, quando tinha os quadros, usar os quadros como

capa. Ele não gostava muito, ele preferia usar os grupos folclóricos, as fotos dos grupos, achar um personagem do grupo. Ele falou, “mais para frente a gente vê isso”, e agora aconteceu, realmente está acontecendo, como foi com o Romeu Tameline, ano passado com o José Otávio e agora comigo. Aí eu acho isso maravilhoso, que convidem nos próximos folclores outros artistas olimpienses. Eu fiquei super, super lisonjeado por isso, honrado, sabe? Eu fiquei até emocionado no lançamento do cartaz. Porque foi uma história, uma recompensa. A recompensa da gente não é dinheiro. É saber que você está ali, que a tua arte está sendo reconhecida por alguém. Eu fiquei muito contente!

Luiz Fernando Monzani

Assessoria técnica: Pedro Henrique de Almeida

Fotos: Kaynara Salles Rocha



Desenho para o Cartaz

FOLCLORE, EDUCAÇÃO E O BOI DO MARANHÃO

Os ventos do inverno chegaram por aqui com o perfume dos ipês amarelos a colorir e enfeitar a Menina Moça, Olímpia, a Terra de águas quentes, para o seu Festival Nacional do Folclore, o nosso FEFOL. A festa acontece durante nove dias do mês de agosto. Entretanto, para muitos de nós, no momento em que se anuncia o Estado a ser homenageado no ano seguinte. Começamos de novo e passamos a pesquisar e estudar o estado brasileiro escolhido: encantamento e integração que brota a cada nova pesquisa e estudo fortalece o sentimento de brasilidade deste povo, heróico, de seu brado retumbante.

Fiquei muitas vezes pensativa, tanto do ponto de vista do espectador que assiste à abertura do festival, como do olhar de quem faz parte de todo o processo de concepção, criação e organização. Tenho a felicidade em meu coração de poder conhecer os dois lados e confesso que se apresentam quer pela expectativa de descobrir o que será apresentado, quer pela expectativa de que tudo que foi planejado e pensado aconteça satisfatoriamente.

E assim, neste misto de expectativas, o conhecimento adquirido pelas pesquisas, estudos e conversas, as ideias vão surgindo e começam a ser transformadas em temas com significado, acrescidos por relevante significância. Através das informações encontradas, eu, a professora Taíse Renata da Cruz inicio um trabalho de contextualização e relação do folclore com a educação, honrando o ensinamento do professor Sant'anna.

Neste ano, o início dos estudos folclóricos referente ao Estado do Maranhão foi permeando um viés cultural, que, ao mesmo tempo em que encanta, apresenta um universo de sabedoria popular, de confecção artesanal, seja de instrumentos, indumentárias, figurinos ou do próprio boi. Um boi que é uma homenagem a elementos culturais, religiosos e sociais, mas também é o grande astro da festa, aquele por quem se canta, dança, brinca, o que atrai inúmeras pessoas para participarem dos festejos, principalmente do São João do Maranhão.

Ao relacionar a cultura maranhense com a educação e o folclore, elementos, objetos, coreografias, músicas que até então passavam despercebidas, começam a fazer parte do cotidiano, e, aos poucos, vão se tornando familiares em uma sensação de pertencimento e unidade dos diversos, na, e pela cultura. Nas escolas, desde o mês de abril, brincamos com o boi.

No contexto do brincar pode-se explorar as diversas maneiras de brincadeiras, desde os primeiros registros até as mais diferentes maneiras de acontecerem em cada região do país, afinal, o boi se faz presente em todo o Brasil e no mundo. Porém, o que mais chama a atenção é o brincar com o boi. Os brincantes dos grupos folclóricos preparam-se com muito respeito e alegria para vivenciar cada momento das festividades do Bumba Meu Boi.

O Auto do Bumba Meu Boi caracteriza-se por uma apresentação teatral que relaciona elementos do catolicismo, folclore, tradições indígenas e africanas. A narrativa apresenta o desejo de Catirina, grávida, pela língua do boi e a morte do animal, por seu marido Francisco para satisfazer o desejo da esposa. Com o auxílio de um pajé, o boi ressuscita e a festa do Bumba Meu Boi acontece.

Um outro jeito de brincar com a palavra boi, é escrevendo quadrinhas. A escrita espontânea permite que se contextualize vivências ou emoções de acordo com os propósitos escolhidos. Aqui, segue uma quadrinha com esse jogo de palavras, brincando com o boi (versos da autora):

*Eu brinquei na brincadeira
eu brinquei porque brincastes
Brinca boi, brinca menino
Brinca eu, brinca você!*

Há também as cantigas de ninar como, Boi da cara preta, que, desde um passado remoto, embala o sono de muitas crianças. O principal a ser descrito é a proposta de trabalho pedagógico da educação relativa às manifestações culturais do Maranhão. Para além de conhecerem, os alunos criarem situações favoráveis a esse aprendizado.

Ademais, foram sugeridas situações de brincar com boi, caracterizando-as pelo uso de materiais, como papelão, tecidos, bambolê com fitas de papel crepom ou metalóide, fantoches, dedoches, dobraduras de boi, e outras maneiras que a imaginação possa criar, afinal o céu azul é o limite.

Os momentos de brincadeiras com o boi nas escolas são ricos de diversão e imaginação quando os alunos atribuem sentido e significado ao brinquedo e ao brincar. Quando toquinhos de madeira se tornam um boi, dedos indicadores na lateral da testa, representando o chifre do boi, quando se utilizam dos objetos de que dispõem no local, atribuindo-lhes outros significados.

São nessas situações de interação, que, grandes oportunidades de aprendizagem são desenvolvidas, mas quando se contextualiza em um tema, como por exemplo os personagens do Auto do Bumba Meu Boi, e, ao brincarem, as crianças se denominam como Catirina, ou como o boi, há pertencimento. Um pertencimento que surge nas situações de interação de conhecimentos a que os professores conduzem. Estudar o Estado do Maranhão tem enriquecido consideravelmente nosso repertório cultural local, ao tornar-se parte do processo de ensino-aprendizagem.

Táise Renata da Cruz
Coordenadora Técnico-Pedagógica de Arte e Folclore
Educação de Jovens e Adultos
Secretaria Municipal de Educação



Alunos do Jardim I da EMEB Profª. Vandelicé de Oliveira Santos Cudinoto confeccionando e brincando com o boi, alunos do Jardim II da EMEB Thiago Felício de Sant'anna com fantoche do boi e livro e alunos do Berçário II e Maternal II da EMEB Sítio do Pica-Pau Amarelo brincando com boi

O BUMBA MEU BOI DE MATRACA E O LEGADO DO BOI DO MAIOBÃO

Uma mulher maranhense que fez do Bumba Meu Boi um propósito

Ser fazedor de cultura no Maranhão é carregar nos gestos, na voz e na memória um compromisso vivo com a história de um povo. É atuar como guardião de saberes que resistem ao tempo e à modernidade, reinventando-os a cada apresentação. No Maranhão, cultura não é apenas entretenimento: é identidade, pertencimento e força comunitária. Em nenhum outro bem cultural isso aparece tão fortemente quanto no Bumba Meu Boi, manifestação emblemática e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, declarado pela UNESCO em 2019.

Entre os vários sotaques do Bumba Meu Boi – zabumba, orquestra, costa-de-mão, baixada e matraca – o sotaque de matraca ocupa um lugar especial. É um som que pulsa como um coração coletivo, formado pelo batuque ritmado de dezenas de pandeirões e matracas¹, que se chocam de forma sincopada, criando uma textura sonora hipnótica e vibrante. Esse sotaque é típico da ilha de São Luís e de alguns municípios vizinhos, marcando profundamente as festas juninas do estado.

Fazer cultura no Maranhão não é apenas ser um artista: é parte de um corpo coletivo. Ele aprende desde cedo as toadas, os passos, os modos de se vestir e se ornamentar, os segredos do couro e do bordado do boi. Não há espaço para amadorismo ou para improvisos vazios: cada movimento foi herdado, aprendido, aperfeiçoado. Mas também há criação: novas toadas surgem, novos figurinos são costurados, novas gerações assumem o bastão da tradição. Como diz uma toada famosa no estado “É uma herança deixada por nossos avós, hoje cultuada por nós, pra contar a tua historia Maranhão.”

Entre os grupos mais reconhecidos nesse sotaque está o Bumba Boi de Matraca do Maiobão, um dos mais tradicionais e respeitados da Grande São Luís. Fundado em 2003 por José de Ribamar Coelho, o Boi do Maiobão nasceu do desejo e do sonho de um homem de dar voz e visibilidade cultural à comunidade do Maiobão, bairro popular localizado no município de Paço do Lumiar, na região metropolitana de São Luís.

A história do Bumba Meu Boi de Matraca do Maiobão se confunde com a trajetória de José de Ribamar Coelho, homem simples e apaixonado pela cultura popular que ajudou a transformar um grupo comunitário em um dos maiores símbolos do sotaque de matraca na Grande São Luís. Mas infelizmente veio a nos deixar no ano de 2013. Além de perderem um líder, os brincantes perderam um amigo e conselheiro. Foi um momento de luto coletivo marcado por homenagens que reconheceram sua contribuição ímpar à cultura maranhense.

Mas a história não parou aí. O legado de Coelho encontrou continuidade nas mãos de Silene Coelho, sua esposa, que assumiu o comando do Boi do Maiobão em um dos momentos mais delicados de sua história.

Dona Silene, como carinhosamente é chamada, já conhecia profundamente a rotina e os valores do grupo: por anos, esteve ao lado do marido nos bastidores, participando da organização, do cuidado com o grupo, das estratégias para manter viva a tradição.

Mulher vinda do interior do Maranhão, mãe de dois filhos e esposa que hoje carrega com orgulho o legado do marido. Professora dedicada, descobriu na cultura popular maranhense sua maior paixão. Comandando o Bumba Boi do Maiobão trabalha incansavelmente para manter viva a tradição que foi construída em família e é exemplo de tantas outras mulheres replicadoras do saber cultural do estado. Valoriza cada canto, cada toque de matraca, cada história contada, cada bordado feito, ensinando às novas gerações o valor de suas raízes. Seu maior sonho é garantir que o legado cultural de seu marido e de seu grupo nunca se apague, unindo comunidade, escola e brincantes nessa missão de resistência e celebração da identidade maranhense.

Crianças aprendem desde pequenas a dançar, a tocar, a cantar. Os mais velhos transmitem as histórias dos antigos mestres, as explicações sobre os rituais juninos. Mais do que um espetáculo para o público, o bumba meu boi é uma celebração interna: a comunidade se reafirma como guardiã de um patrimônio coletivo. No barracão, se aprende disciplina, respeito, técnica e história. Crianças e adolescentes se tornam cantadores, matraqueiros, índias, cazumbás – personagens que, longe de serem meros figurantes, são símbolos vivos da força cultural do Maranhão – e Dona Silene comanda toda essa dinâmica durante todo o ano. Hoje, já aposentada, perpetua o fazer cultura no Maranhão não como um ofício qualquer, mas como uma missão. Uma missão de manter viva a memória de quem veio antes, de ensinar quem vem depois, de celebrar a alegria do encontro e de cantar para o mundo a força de um povo que nunca se deixou calar. E, nesse canto forte e plural, o som da matraca do Maiobão ecoa como um coração que bate para todos.

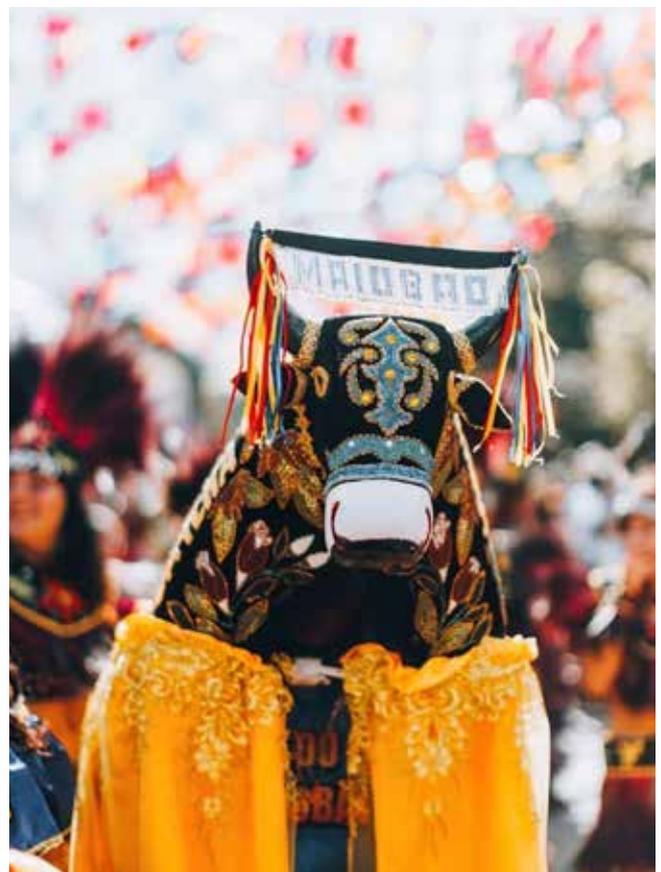
“Eu amo meu boi. Somos família. O ano todo estamos trabalhando, mas também estamos celebrando. Estamos juntos, festejamos juntos e permanecemos juntos. E vou levar isso em frente até o dia que Deus e Nossa Senhora permitir.”

Silene Coelho

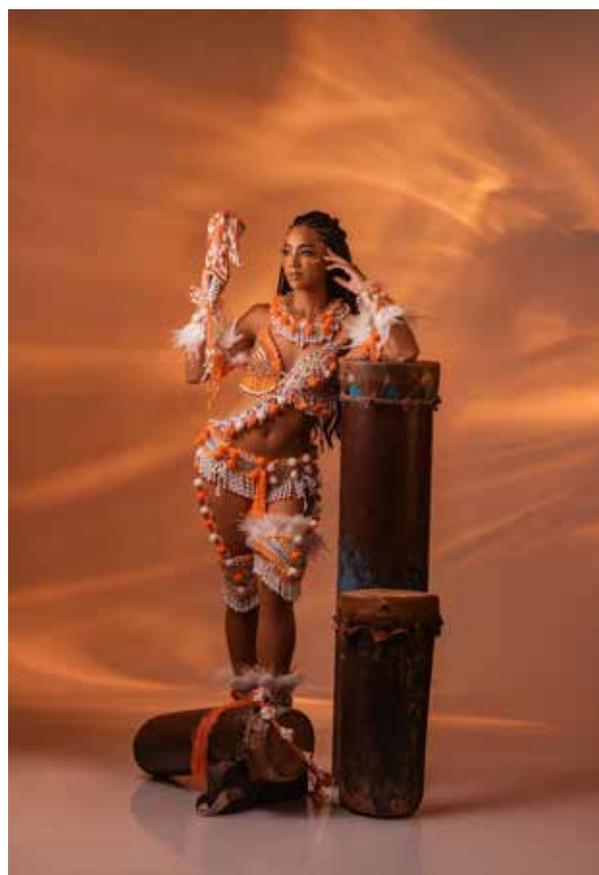
Tarsila Cardoso

Relações públicas pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em marketing e design de comunicação. No Bumba Boi do Maiobão faz parte da diretoria de comunicação e marketing do grupo

¹matracas são instrumentos de percussão feito de dois pedaços de madeira que, ao se baterem umas nas outras, produzem som ritimados.



Bumba Boi de Matraca Maiobão - Paço do Limiar - MA



Boi de Nina Rodrigues - São Luis - MA

NINA É, NINA BOI, NINA SEMPRE SERÁ: Bumba meu Boi de Nina Rodrigues

Às margens dos rios Preto, Muním e Iguará, onde a história e a cultura se encontram, surge o Boi de Nina Rodrigues, um brilho que veio cintilar a constelação folclórica maranhense.

Criado por Concita Braga, a heroína do Iguara. O NINA tem em sua essência a preservação da memória de um povo, sua luta e seus valores.

Tudo isso porque a cidade de Nina Rodrigues, a 180 Km da capital maranhense, é um verdadeiro tesouro natural onde as matas e rios com praias de areia branca formam paisagens exuberantes de tirar o fôlego.

Ao mesmo tempo, a cidade tem uma história emblemática. Foi aqui o palco da Revolta dos Balaios (Guerra da Balaiada) ocorrida durante o período regencial brasileiro. A cidade é testemunha da luta e resistência de um povo em busca de melhores dias.

E assim, por meio da música, poesia e arte, que o NINA revive sua história e mantém viva a tradição. Com 35 anos de existência, esta manifestação cultural apresenta o espetáculo do alto do Bumba Meu Boi com uma energia contagiante, explorando todo seu esplendor.

Vaqueiros, Índias, Catirina, Pai Francisco e o Amo do Boi, embalados por uma orquestra que executa belas toadas protagonizam coreografias esplêndidas e estabelecem o ápice dos festejos juninos no Maranhão.

Desta forma, quando as cortinas se abrem para o São João, o Boi de Nina Rodrigues entoa poesias musicais que exaltam as belezas naturais, a luta de um povo e a resistência folclórica de todo o Maranhão.

Joellson Braga

*Cantador/ Compositor do Boi de Nina Rodrigues
Jornalista Formado pela UFMA com pós-graduação em Comunicação e Marketing*



A close-up photograph of traditional folk costumes. The image features a white long-sleeved shirt with a ruffled collar, a vibrant purple ruffled sash or skirt, and a red patterned fabric, possibly a skirt or shawl, with a dark floral or geometric design. The lighting is bright, highlighting the textures of the fabrics.

61º FESTIVAL DO FOLCLORE

P U L S A N D O E M O L Í M P I A

*Um só coração pulsou em Olímpia
E seguia pulsando o folclore em mim...
Mas então, senti outros pulsares
e já não poderia mais pulsar sozinho.*

*Pulsaram batidas ritmadas
soando a mistura cultural do povo
Entrelaçando vivências e viveres,
contextos, significados e saberes.*

*Pulsa a beleza de um olhar singelo
Repleto de pertencimento e gratidão
Aos que fizeram história e permanecem vivos
Pulsando em nossos corações.*

*É o folclore pulsando em Olímpia
Todo o Brasil em um só coração!*

Táise Renata da Cruz



Foto do acervo da Secretaria de Educação de Olímpia



Muito já se pesquisou ou falou sobre o significado da palavra coração, seja no sentido do órgão do corpo humano, seja no sentido a que se refere às emoções ou sentimentos. Hoje nossa conversa refere-se ao sentido das emoções, de um coração que pulsa em diversos ritmos ao se contextualizar no universo folclórico. É um coração faceiro que vagueia pelas veredas do tempo, deixando rastros de memórias afetivas, lembranças dos belos momentos vivenciados, poesia, encantamento, amores, sempre mantendo registros que se compõem no tempo de agora. Afinal é o coração do Festival da brava gente brasileira.

No roteiro de abertura do 60º Festival Nacional do Folclore, a professora Taíse Renata da Cruz escreveu as falas da personagem Faunasia, narradora interpretada por Luísa Magro Lourenço, sobre o tempo:

*Tempo passagem, tempo permanência, tempo saudade!
Tempo amigo ou inimigo
Tempo de dor ou de alegria
Tempo de fartura ou de escassez
Tempo presente, tempo que passou, e... tempo que há de chegar...
São tantas histórias, que não há tempo pra contar!
Assim, faça no tempo de agora, a nossa hora!
Um momento no tempo pra reviver pessoas que contribuíram e contribuem para a nossa história da cultura popular brasileira.
Tempo organizado!
Foi acontecendo e registrando o passar do seu próprio tempo pra se tornar história.
Tempo que é vida, que aconteceu e acontece!
Por hora uma história e outrora muitas memórias... Início da história de Olímpia!
São as "Marcas do Tempo" em nós!*

Para vivenciar a grandeza do Festival, como em anos anteriores, as reuniões com professores coordenadores da Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos foram iniciadas em março. Apresentou-se um panorama cultural e folclórico no universo da brincadeira de boi, para a qual os professores protagonizaram os brincantes.

Quando pensamos nas brincadeiras com boi é possível imaginar um cenário em que uma criança joga um tecido sobre as costas e improvisa uma cabeça de boi, ou que pega uma pedra, ou pedaço de madeira e já se tem mais um boi, ou até mesmo uma boiada. O universo do brincar de faz-de-conta apresenta-se como uma possibilidade enriquecedora e favorável de aprendizagem e diversão. Assim, as professoras coordenadoras após um momento de estudo e reflexão, participaram de uma oficina para que experimentassem a sensação de ser tripa ou miolo do boi, nomes dados à quem conduz um boi na brincadeira.



Em um pulsar folclórico!

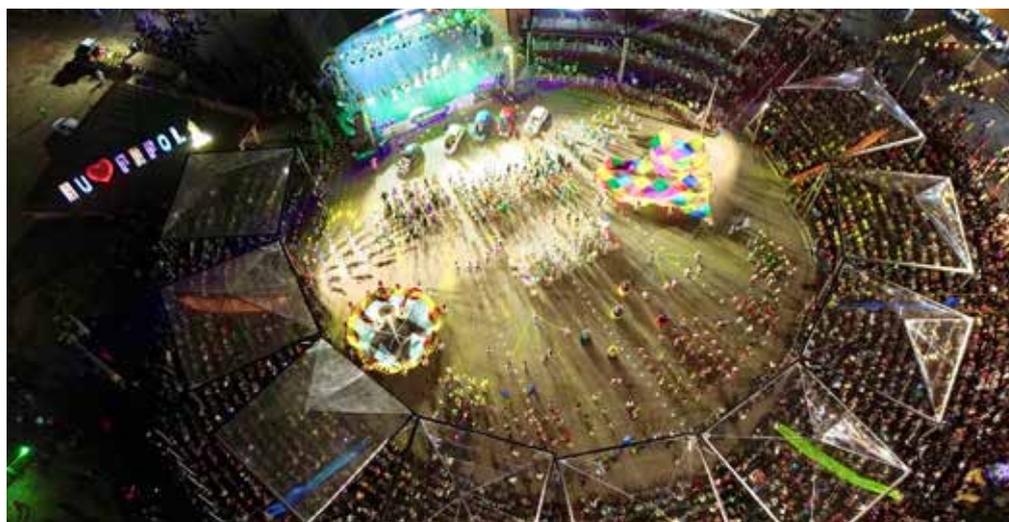
A Comissão organizadora da secretaria municipal de educação composta pela secretária municipal Jéssica Maria dos Santos, pela assessora Eliana Antônia Duarte Bertonecello Monteiro, pela supervisora de ensino Maristela Aparecida Araujo Bijotti Meniti e pelos coordenadores técnico-pedagógicos Bruna Silvestre Bonito, Daniela Monteiro de Freitas, Marcela Aparecida Nespolo Aniceto, Taíse Renata da Cruz e Tiago Pessoa Lourenço. São responsáveis por organizar vários eventos que acontecem dentro do Festival, como a abertura do Festival Nacional do Folclore, a Missa de Ação de Graças, Seminário, Minifestival, Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis e a Folclorança.



Fotos do acervo da Secretaria de Educação de Olímpia



Espetáculo de abertura



Espetáculo de Abertura do FEFOL - acervo Olímpia/Comunicação

A realização acontece com o apoio da Prefeitura Municipal em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura e Defesa do Folclore, assim como todas as demais secretarias que compõem o governo municipal. Vale ressaltar que todos os envolvidos possuem atuações significativas para a realização e o desenvolvimento do evento, considerando sua magnitude e significado.

As belezas e encantos do Estado do Maranhão serão apresentadas em uma performance artística e cultural na abertura do 61º Festival Nacional do Folclore de Olímpia, o qual será realizado de 2 a 11 de agosto de 2025. A Secretaria Municipal de Educação, por mais um ano, será a responsável pela apresentação do espetáculo de abertura que contará com aproximadamente 500 pessoas envolvidas, entre alunos, professores, funcionários, amigos da educação, os grupos Folclóricos e Parafolclóricos olimpienses e a Companhia de Dança Arte N'Alma. A concepção do roteiro é de autoria da professora Taíse Renata da Cruz, e foi idealizado com o propósito de apresentar as belezas do Maranhão, revelando a cultura popular e os brincantes das diversas manifestações culturais do Maranhão. E está em 7 cenas.

A primeira contextualiza Olímpia como Terra de Águas Quentes e Capital Nacional do Folclore, ao apresentar as belezas culturais e naturais do Maranhão aqui em Olímpia.

E nesse amor pulsante apresentamos uma homenagem ao Estado do Maranhão, valorizando e reconhecendo toda a diversidade cultural do nosso país. Maranhão dos Lençóis Maranhenses, de encantos e encantarias, da Serpente Encantada de São Luís, dos azulejos portugueses nas fachadas das construções do Centro Histórico, do comércio, dos artesãos e dos artesanatos locais, da gastronomia de influência africana, indígena e européia.

Assim, soam as matracas, os tambores, as caixas e os pandeirões. Tem Tambor de Crioula, Coco, Cacuriá e os brincantes de Bumba meu boi que se apresentam em respeito às tradições, às toadas, aos patrimônios culturais, é o São João do Maranhão, santo que é Padroeiro de nossa cidade.



Entre tecidos, linhas, cores e formas, vemos a união dos povos, o encontro da diversidade aqui em Olímpia, as muitas mãos, juntas, escrevendo o nosso agora, em versos, rimas, cores e contextos, que se unem para apresentar o nosso folclore brasileiro, o coração de um povo!

Na sequência os grupos folclóricos e parafolclóricos de Olímpia apresentam-se juntos mostrando toda a diversidade e união em um encontro cultural na arena.

O Auto do Bumba Meu Boi é um momento teatral que narra a morte e ressurreição de um boi culminando em uma grande festa em comemoração ao boi que ressuscita e traz alegria a todos.

As brincadeiras com boi serão apresentadas ao som da música Boizim de Capim do saudoso Professor Wadão Marques. Crianças brincando com elementos que remetem ao boi, como pedras, ou pedaços de madeira, bambolê com fitas, papel crepom, papelão, cabo de vassoura com tecido, vários tipos, representando a brincadeira de boi. O propósito desta cena é demonstrar a imaginação, a criatividade e a alegria de brincar.

*As brincadeiras com o boi estão presentes em todo o Brasil!
Assim, o Folclore permanece vivo na presença das crianças.
“É nas escolas que as crianças aprendem mais sobre folclore, criam possibilidades
e se divertem com os brinquedos e brincadeiras populares”.
Vamos brincar de boi?*

A homenagem a nossa Pátria acontecerá por meio de um grupo de boi representando cada região do Brasil, a boiada brasileira. Região Norte apresentará o boi de arena, representado por Garantido e Caprichoso. Região Centro-Oeste mostrará o Boi à Serra com o grupo de Siriri do Mato Grosso. A região Sul trará a brincadeira de Boi de Mamão. A região Sudeste evidencia o Boi Pintadinho e Mineiro Pau do Rio de Janeiro. E a Região Nordeste apresentando o Bumba Meu Boi, o boi homenageado nesta edição do Festival.

Na sequência, apresenta-se o estado do Maranhão e algumas de suas belezas como os Lençóis Maranhenses, o Centro Histórico de São Luís, as encantarias da serpente encantada e os Cazumbás.

Conta a lenda que uma serpente encantada vive em galerias subterrâneas sob a cidade. Acredita-se que a serpente esteja em constante crescimento e que, quando sua cabeça e cauda se encontrarem, a ilha de São Luís será destruída e afundará no mar. A lenda situa partes da serpente em locais históricos da cidade: a cabeça na Fonte do Ribeirão, a barriga na Igreja do Carmo e a cauda na Igreja de São Pantaleão.

O Cazumbá é uma figura mítica e essencial no Bumba Meu Boi, um folguedo popular brasileiro, especialmente na região do Maranhão. Ele é um personagem mascarado, irreverente e brincalhão, que não é homem, nem mulher, nem animal, mas sim um ser mágico com poderes e responsabilidades em relação ao boi.

A Dança do Cacuriá tem suas raízes na festa do Divino Espírito Santo, sendo uma das manifestações culturais que surgem após a derrubada do mastro. A dança é uma celebração da cultura afro-brasileira e da alegria popular, com destaque para a participação das mulheres e seus trajes coloridos. É uma dança que se tornou patrimônio cultural e imaterial do Maranhão, com apresentações que são destaque nas



festas juninas, especialmente em São Luís.

A Dança do Coco do Maranhão é uma manifestação cultural afro-indígena que combina dança, música e poesia, com raízes no trabalho com babaçu e na resistência cultural. É uma dança de roda cantada, com acompanhamento de instrumentos como pandeiros, ganzás e cuícas, e com forte participação dos brincantes através de palmas e sapateado.

O Tambor de Crioula é uma expressão cultural afro-brasileira do Maranhão, caracterizada por dança circular, canto e percussão de tambores, num ritmo forte e envolvente que acelera o coração e toma conta do corpo e da alma dos brincantes.

E chegamos ao São João do Maranhão, a cena que convida para participar dos festejos de São João e contará com a participação dos grupos maranhenses, que estiverem presentes na noite de abertura, ao som da música Maranhão Meu Tesouro Meu Torrão, do Mestre Humberto Maracanã.

E, para encerrar em um clima de alegria, festa e união a música produzida exclusivamente para o 61º Festival Nacional do Folclore, uma homenagem ao Estado do Maranhão, pela Professora Taíse Renata da Cruz:

FEFOL! Somos vozes em sotaques

*É a matraca, é o tambor, é o Brasil inteiro! (Bis)
Vem brincar com meu bol, vem pelo Brasil! (Bis)*

*Chegou! O Maranhão em Olímpia e vai te encantar
Chegou! Vem bailando meu bol, vem aqui se achar! (Bis)*

*É o FEFOL de Olímpia que vai começar!
Corações que se alegram ao folclorar!
Na toada maranhense, vem comigo brincar...
e de mãos unidas, a cultura celebrar!*

**Somos povo que se une numa mesma canção
Somos vozes em sotaques, esse é o Maranhão!**

*Os mistérios desta ilha hoje eu vou te contar...
São Luís tem a serpente encantada que não pode acordar!
Cazumbá vem faceiro e começa a brincar,
São os encantos de uma ilha que vive a pulsar!*

**Somos povo que se une numa mesma canção
Somos vozes em sotaques, esse é o Maranhão!
(Bis)**

Composição: Taíse Renata da Cruz
Intérprete: Diogo Carmo
Produção e Direção Musical: Rafael Veber
Articulação: Alan Sawello Duran
Realização: Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore e Secretaria Municipal de Educação

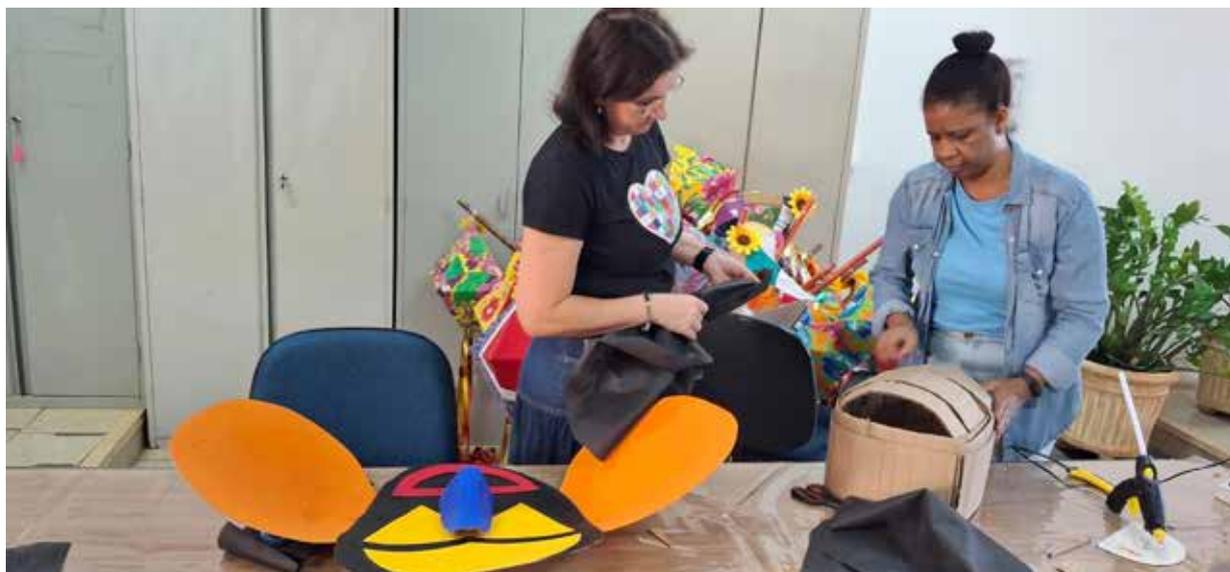
Arte feita para trabalho pedagógico com a letra da música tema do 61º FEFOL



A composição musical apresenta elementos do Estado do Maranhão, fazendo um convite para a brincadeira com o boi. Brinca-se de boi por todo Brasil, brinca-se de boi em qualquer lugar. Também apresenta os mistérios da Ilha de São Luís, como a lenda da Serpente Encantada e os Cazumbás, mas o destaque está no trocadilho de palavras que se referem aos sotaques do Bumba Meu Boi e aos sotaques da variação linguística, reafirmando que somos povo que se une numa mesma canção e somos vozes em sotaques que se encontram em Olímpia no 61º Festival Nacional do Folclore.

Taíse Renata da Cruz

*Coordenadora Técnico-Pedagógica de Arte e Folclore
Educação de Jovens e Adultos
Secretaria Municipal de Educação*



Professoras Marcela Nespole e Taíse Cruz nos preparativos para abertura

MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

Por iniciativa de professores pioneiros, as atividades temáticas do Folclore vêm sendo tratadas de forma relativa no âmbito escolar desde meados de 1950. O movimento, liderado pelo saudoso Professor José Sant'anna gradativamente foi se aprofundando através de pesquisas acerca de usos e costumes de cada região e conseqüentemente, navegando pela seara da cultura popular. Sendo assim, hoje nos tornamos detentores de fato e de direito, do título de a Capital Nacional do Folclore conforme dispõe a Lei Federal nº 13.566, de 21 de dezembro de 2017.

Segundo a trajetória dos pioneiros, em 1984, nasce, nas escolas, o Minifestival do Folclore, tendo como primícia fomentar os estudos folclóricos em nossa rotina docente de trabalho, revestindo-se de extrema importância que os conceitos de Folclore e de Festival do Folclore sejam estudados através de compreensão dos momentos históricos, dos símbolos, credences, brincadeiras e brinquedos, tradições, região de localização, a arte de cada região de suas manifestações culturais. Tais estudos visam a permitir que o professor se sinta seguro e possa desenvolver com os seus alunos um trabalho de excelência, garantindo assim, que a nossa história seja transmitida dialogicamente e embasada em estudos, transformando-se em Projeto Pedagógico permanente da Rede Pública Municipal da Estância Turística de Olímpia, integrando de forma oficial a Matriz Curricular, desde a Educação Infantil (Creche) perpassando pela Educação Infantil (Pré-Escola) e se estendendo até o Ensino Fundamental, anos iniciais.

Podemos afirmar que o Minifestival se iniciou de maneira sutil e vem crescendo gradativamente ano a ano, despertando em nossos alunos o apreço e interesse pelo folclore brasileiro, através dos estudos proporcionados no decorrer do ano, mas também transpõe os muros escolares e promove uma transformação na família e na comunidade. Hoje, após 40 anos, o Minifestival cresceu significativamente e transpôs os muros escolares; atualmente recebe os grupos visitantes que promovem palestras e oficinas divulgando sua cultura. Participam também do Minifestival os grupos de dança formados nas escolas. A princípio, apresentavam-se somente alunos do ensino fundamental. A beleza dessas apresentações motivou uma unidade de Pré-Escola, EMEB Irma Tereza Soares a participar do evento. Outras unidades sentiram-se motivadas, e passaram a participar também. Nesse ano somos dezoito escolas participantes do evento. Temos o envolvimento da equipe escolar, equipe da Secretaria Municipal de Educação, das famílias que comparecem ao Recinto, durante a semana, no período da tarde. A presença dos familiares representa o prestígio a seus filhos, bem como aos grupos visitantes que se apresentam em nosso espaço. Assim, realizamos uma autêntica mostra cultural folclórica, permitindo a interação entre os professores, alunos, famílias e os grupos vindos de diversas regiões do Brasil e o público presente.

De 04 a 08 de agosto de 2025 (segunda a sexta-feira)

A partir das 14 horas

Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas Professor José Sant'anna – Olímpia/SP.



Público e apresentação dos alunos da Rede Municipal de Ensino de Olímpia durante o Minifestival

Maristela Aparecida Araujo Bijotti Meniti
Supervisora de Ensino
Secretaria Municipal de Educação

GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS

A Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, realizada no contexto do Festival Nacional do Folclore de Olímpia, integra o calendário do evento com o objetivo de valorizar as manifestações culturais da infância brasileira. A atividade promove o resgate de brincadeiras tradicionais, pião, bola na lata, pular corda, amarelinha, perna de pau, carrinho de rolimã, bola de gude e bets, proporcionando às crianças experiências lúdicas que reforçam o vínculo com a cultura popular.

Além de seu caráter recreativo, a gincana possui uma significativa dimensão pedagógica, uma vez que os jogos e brincadeiras tradicionais constituem conteúdos estruturantes da disciplina de Educação Física. Ao promover vivências lúdicas que transcendem o simples entretenimento, a atividade estimula o respeito às raízes culturais e fortalece o sentimento de pertencimento à cultura popular contribuindo diretamente para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social dos estudantes, favorecendo a criatividade, o respeito às regras, a cooperação e o fortalecimento das relações interpessoais.

A realização da gincana no âmbito do Festival do Folclore representa também uma importante articulação entre a escola e a comunidade, promovendo a integração entre gerações e reforçando o papel da escola como agente de preservação da cultura e da memória social.

Dessa forma, a Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis reafirma seu valor como instrumento educativo e cultural, que enriquece a programação do festival e contribui para a formação integral das crianças.

Período de realização:

De 4 a 8 de Agosto (segunda a sexta-feira)

Das 7h às 12h

Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas Professor José Sant'anna - Olímpia/SP



Brincadeiras Tradicionais - Cabo de Guerra e Perna de Pau com alunos das Escolas municipais

Bruna Silvestre Bonito

Coordenadora Técnico-Pedagógica de Educação Física

Secretaria Municipal de Educação

FOLCLORANÇA - EMEB SANTO SENO

A Folclorança teve início na década de 90 por iniciativa da professora e poetisa Olimpiense, Maria Antonia de Oliveira, incentivada pelo professor José Sant'anna, com o objetivo de manter vivo costumes e técnicas para a confecção de brinquedos tradicionais e valorização das raízes culturais.

Durante os Festivais do Folclore a professora Maria Antonia de Oliveira, rodeada de recursos materiais (sobras de tecidos, madeiras, caixas, latas, entre outros), confeccionava os brinquedos tradicionais na escadaria da Matriz de São João Batista. O objetivo era promover uma atividade na praça, onde incentivasse e motivasse os transeuntes a criar objetos e brinquedos com recursos caseiros, prática tão usada por nossos pais e avós.

Na época a professora Maria Antonia resolveu partilhar esse projeto com a EMEB Santo Seno, representada pela diretora Vera Lúcia Seno Mathias Netto, pela vice-diretora Maria Domingues Trindade Bacheга e pela Professora Coordenadora Adalgiza Maria Seno Lourenço que em comum acordo com os docentes da escola deram o nome de Projeto Folclorança, que significa Folclore, herança, criança e confiança.

A Folclorança continuou na praça até o ano de 1999 e em 2000 começou a ser realizada no Recinto de Atividades Folclóricas Professor José Sant'anna e continua até hoje, com a confecção de cata-vento e peteca.



Confecção de brinquedos tradicionais durante a Folclorança

Fabiana Martins de Alencar
Diretora de Escola

Karen Bianca Costa
Assistente de Direção

Joana Darc Silvestre de C. Pimenta
Profª Coordenadora

Mônica Fabiana Perpétua C. André
Profª Coordenadora



CURIOSIDADES – MEMÓRIAS

Em 1988 quando ingressei na Prefeitura para atuar como nutricionista da alimentação escolar na antiga Cozinha Piloto, comecei a organizar a alimentação dos grupos que vinham participar do Festival.

Fizemos o refeitório no galpão. Nesse mesmo local armazenávamos os alimentos. Cozinhávamos na cozinha, pois lá estavam os fogões e as caldeiras. Os grupos ficavam alojados nas escolas e vinham até a Cozinha Piloto para se alimentar (café da manhã, almoço e jantar). Ficamos vários anos neste local até que começaram a aumentar os grupos e fomos para o Salão de Festas da comunidade de São Benedito.

Nesse espaço havia uma ótima cozinha e um salão enorme, mas faltava muita água. Dali fomos para a barraca da APAE dentro do Recinto, e montamos uma cozinha, um refeitório e ficamos vários anos até a construção da cozinha dentro da quadra da Terceira Idade. Também a grande quadra era usada como refeitório, e aí permanecemos até o ano 2010.

A partir daí, a Prefeitura Municipal mudou o sistema de fornecimento da alimentação aos grupos. Passou a contratar, por processo licitatório, um prestador desse serviço. Desta forma, a empresa vencedora da licitação torna-se responsável pela alimentação dos grupos.

Fátima Cristina Bernardes Vanzella
Nutricionista
Secretaria Municipal de Educação

A Secretaria Municipal de Educação da Estância Turística de Olímpia, em nome da Prefeitura Municipal agradece pela oportunidade de apresentar suas ações educacionais referentes ao folclore em mais uma edição do Anuário apresentando o trabalho desenvolvido pela Rede Municipal de Ensino.

à direita: confecção de brinquedos tradicionais durante a Folclorança





A FORÇA DA UNIÃO IOV Brasil e Festival Nacional do Folclore de Olímpia em Pro da Cultura Popular

Por que essa parceria é histórica e essencial para o futuro?

A cultura popular pulsa forte no coração do Brasil. E quando instituições comprometidas com sua valorização se unem, o resultado não poderia ser outro: transformação, reconhecimento e fortalecimento das tradições que moldam nossa identidade. É nesse espírito que nasce a parceria entre a IOV Brasil e o 61o Festival Nacional do Folclore de Olímpia (SP) – um marco para o folclore brasileiro e uma virada estratégica na valorização da cultura tradicional em âmbito nacional e internacional.

A IOV (Organização Internacional de Folclore e Artes Populares), reconhecida pela UNESCO e considerada a maior rede mundial dedicada ao folclore, tem como missão promover o intercâmbio cultural entre os povos e salvaguardar as manifestações culturais tradicionais. No Brasil, essa missão ganha ainda mais potência ao encontrar um parceiro do porte do Festival de Olímpia, o maior festival do gênero no país e um dos mais respeitados do mundo.

Parceria com visão de futuro: Educação, Cultura e Turismo lado a lado

Não se constrói uma política pública sólida de cultura sem integrar setores essenciais da gestão pública. Por isso, esta parceria só se torna verdadeiramente transformadora com o engajamento das Secretarias Municipais de Educação, Cultura e Turismo de Olímpia, que agora caminham ao lado da IOV Brasil com um olhar estratégico e sensível.

A articulação entre essas três pastas e a Prefeitura Municipal de Olímpia é o elo que garante que esta união não seja um evento isolado, mas sim o ponto de partida para uma cooperação contínua. A proposta é fazer do Festival não apenas um palco de celebrações, mas um centro de referência, formação e pesquisa da cultura popular brasileira.

II Encontro Nacional IOV Brasil: Educar para Transformar

Em 2025, Olímpia sedia o II Encontro Nacional IOV Brasil, sob o lema “Educar para Transformar – Caminhos do Amanhã”. O evento, que celebra os cinco anos de registro oficial da IOV Brasil, reunirá mestres da cultura popular, gestores, pesquisadores, artistas e educadores de todo o país para um intercâmbio de saberes e experiências.

A programação trará palestras, encontros temáticos, conferências e homenagens, com destaque para o projeto Folclorear, apresentado pela professora Fernanda Colli, referência em educação patrimonial nas escolas.

Além disso, o encontro inova ao lançar o Encontro Temático: Arte e Tradição em Cena, um espaço inédito de diálogo com coreógrafos e diretores de grupos folclóricos, abordando desde a pesquisa de campo até os cuidados na encenação e preservação dos saberes.



Homenagens e Legado

O evento também será palco de momentos de emoção e reconhecimento. Homenagearemos o saudoso professor José Sant'anna (In Memoriam), idealizador do Festival do Folclore de Olímpia, e celebraremos a vida e obra da professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli, a querida Professora Cidinha, com a outorga do título de “Personalidade IOV do Folclore Brasileiro”.

Essas homenagens não apenas reverenciam o passado, mas iluminam os caminhos que podemos seguir — com coragem, respeito e amor à cultura popular.

Olímpia: mais que uma cidade do festival, um polo nacional de cultura tradicional

Graças a essa aliança entre IOV Brasil e o Festival, Olímpia se posiciona como muito mais do que uma cidade-festival. Ela se projeta como um centro de estudos, formação e difusão do folclore brasileiro. Um território onde a ancestralidade encontra a inovação, e onde a cultura não apenas é celebrada, mas também pensada, ensinada e defendida.

A apresentação oficial do projeto “Folclore de Todos os Povos”, conduzido pelo professor Clerton Vieira, presidente da IOV Seção Brasil, revela a ambição de fazer com que todas as regiões do país se vejam representadas e participem ativamente deste movimento de valorização e internacionalização do folclore nacional.

Conclusão: Um Compromisso com as Gerações Futuras

Este não é apenas um encontro. É um marco. Um recomeço. Um compromisso firmado entre instituições sérias e apaixonadas por cultura, que entendem que preservar o folclore é também educar, transformar e construir um futuro com raízes profundas.

Que esta parceria seja semente de outras tantas, e que o exemplo de Olímpia se multiplique Brasil a fora.

IOV Brasil — Cultura viva, memória que pulsa.

Clerton Vieira
Presidente IOV Brasil
Diretor Executivo IOV Continente americano



المنظمة الدولية للفن الشعبي
THE INTERNATIONAL ORGANIZATION OF FOLK ART (IOV)





RAÍZES DO FOLCLORE



OLÍMPIA, O EPICENTRO DO FOLCLORE VIVO **“Elogio em causa própria é vitupério” Tom Zé (cantor e compositor)**

Mesmo sabendo que falar do próprio trabalho pode soar como vaidade, compartilho aqui algumas reflexões sobre a 10ª edição do Simpósio de Estudos Etnomusicológicos de Olímpia — evento que marcou também o lançamento do meu livro *O Folclore é um Processo*, fruto de quase trinta anos de pesquisa dedicada ao folclore e às culturas populares do Brasil.

Olímpia, minha cidade natal, é conhecida como a Capital Nacional do Folclore. E com razão: ela vibra no ritmo das tradições populares brasileiras, especialmente em agosto, quando realiza o Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL) — o maior evento do gênero no país, que em 2025 celebrará seus 61 anos de existência ininterrupta. Minha ligação com o FEFOL vem de longe. Ainda menino, assistia às apresentações dos grupos folclóricos na praça da Matriz, encantado com aquele universo de cores, sons e sabores. Mais tarde, participei do festival com os grupos GODAP e Sarandeiros, e foi justamente essa vivência que inspirou minha trajetória acadêmica. Meus estudos de Mestrado e Doutorado na UNICAMP tiveram como tema central o próprio FEFOL, que sempre foi, para mim, mais que um evento: é território simbólico, campo de pesquisa e lugar de memória viva.

Mas Olímpia não é apenas palco de festas e celebrações; é também solo fértil para o pensamento e a reflexão. Foi nesse cenário, durante a 60ª edição do FEFOL, que tive a alegria de lançar o livro *O Folclore é um Processo*, dentro da programação do 10º Simpósio de Estudos Etnomusicológicos de Olímpia. Essas duas iniciativas se encontram num ponto essencial: a urgência de enxergar o folclore não como algo estático ou preso ao passado, mas como um organismo vivo, em constante movimento e transformação.

O Simpósio de Estudos Etnomusicológicos: Convergência de Saberes em Olímpia

Em um movimento que reforça a relevância dos estudos sobre folclore no Brasil, o Simpósio integrou oficialmente a programação do FEFOL em 2024. Realizado nos dias 5, 6 e 7 de agosto, ocupamos o espaço do Mini Festival, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas e Turísticas “Professor José Sant’anna”. Realizar o Simpósio no coração do festival tem um significado especial: aproximar ainda mais a vivência prática do folclore da reflexão acadêmica. Esse encontro entre teoria e prática, entre saberes acadêmicos e saberes populares é, para mim, a essência da Etnomusicologia aplicada ao nosso contexto.

Idealizado em 2014, o Simpósio foi concebido como um espaço gratuito, aberto e inclusivo — um convite à participação de pesquisadores, professores, alunos, agentes culturais, mestres de tradições e integrantes de grupos folclóricos, além de todos os que se interessam pela cultura popular brasileira. Essa diversidade de vozes é, sem dúvida, um dos pilares do evento. Desde o início, buscamos romper com hierarquias entre os saberes acadêmicos e os saberes populares. Por isso, optamos por mesas-redondas e rodas de conversa como formato principal, promovendo um diálogo horizontal entre Doutores e Mestres da cultura popular. É nesse intercâmbio que se constrói, de forma coletiva, um conhecimento verdadeiramente enraizado na experiência.

Sob minha coordenação, e ancorado tanto na minha formação acadêmica quanto na vivência concreta no folclore de Olímpia, o Simpósio tem como foco principal fomentar a construção de saberes compartilhados. A organização do evento ficou a cargo da Associação Olímpia para Todos, com apoio da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, por meio da Secretaria de Turismo e Cultura — hoje Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore.

¹ O cantor Tom Zé utiliza esta frase para ironizar o autoelogio.



Mesas Temáticas em Destaque: Educação, Museus, Grupos e Turismo

As temáticas abordadas nesta 10ª edição foram cuidadosamente selecionadas para dialogar com os eixos centrais do Festival do Folclore, refletindo preocupações e oportunidades contemporâneas para o folclore brasileiro. As discussões se organizaram em torno de quatro grandes áreas, que se entrelaçam e se complementam:

1. Educação e Folclore – Tecendo Conhecimentos e Práticas

Exploramos a relação entre educação — formal e informal — e as manifestações da cultura popular. O debate ultrapassou a inclusão do folclore como “tema transversal” e focou em como essas expressões culturais podem ser transformadas em ferramentas pedagógicas que constroem identidade, pertencimento e respeito à diversidade. Discutimos a necessidade de formação específica de professores, a criação de materiais didáticos contextualizados e o reconhecimento do saber oral e tradicional como forma legítima de conhecimento. Também refletimos sobre projetos que extrapolam os muros escolares e promovem o folclore como experiência comunitária.

2. Museu e Cultura Popular – Memória Viva, Patrimônio Material e Imaterial

Aqui, o foco foi o papel dos museus na preservação e reinvenção do patrimônio cultural. Discutimos a integração de tecnologias digitais para tornar acervos mais acessíveis e interativos, e enfatizamos a importância da participação comunitária na curadoria. A preservação do patrimônio imaterial — músicas, danças, festas — foi tratada como ação viva, indo além da documentação. Refletimos sobre o papel dos museus como espaços de continuidade cultural, e não apenas de exposição.

3. Grupos de Cultura Popular – Música e Performance no Século XXI

Uma mesa instigante, que tratou da resiliência das tradições frente às tecnologias e às redes sociais. Discutimos como os grupos se adaptam sem perder a essência, utilizando plataformas digitais para fortalecer suas comunidades e ampliar a visibilidade. A fusão de gêneros musicais, os desafios de profissionalização e a sustentabilidade da música folclórica também entraram na pauta, abrindo espaço para pensar o futuro dessas expressões em contextos híbridos.

4. Turismo e Produção Cultural – Estratégias de Políticas Públicas e Mercado

Dada a envergadura do FEFOL, debatemos o turismo como ferramenta de valorização do folclore, desde que gerido com ética e participação comunitária. Questionamos a espetacularização superficial das manifestações e refletimos sobre como o turismo pode gerar renda, protagonismo e reconhecimento legítimo aos detentores dos saberes, sem comprometer a integridade cultural.

Representatividade, Diálogo e Impacto

Um dos aspectos mais marcantes e que mais me deixaram realizado nesta edição do Simpósio foi a diversidade de vozes e a representatividade alcançada nas discussões. O evento contou com a presença de pesquisadores renomados, como a Dra. Suzel Ana Reily (UNICAMP), referência na etnomusicologia brasileira e internacional; o Dr. Edilberto Fonseca (UFF); a Dra. Júlia Andrade (UERJ); o Dr. Welson Tremura (Florida University); e a Ms. Luana Palma (IFSP – São José do Rio Preto). Também estiveram presentes Larissa Graça e Ana Cândida, representantes da Fundação Roberto Marinho, responsáveis pela implementação do Novo Museu do Folclore de Olímpia, um projeto de grande relevância para a preservação e difusão do folclore e das culturas populares brasileiras.

No entanto, o verdadeiro diferencial do simpósio foi a participação ativa dos mestres da cultura popular e dos integrantes dos grupos folclóricos e parafolclóricos. Grupos como o Fitas, de Montes Claros (MG); o Grupo Eita (PB); o Maracatu Vozes da África (CE); e os Bacamarteiros de Carmópolis (SE) trouxeram ao evento uma dimensão vivencial e genuína, fazendo do simpósio um espaço de troca real, horizontal e profundamente enriquecedora entre o saber acadêmico e as tradições populares.

Além das mesas temáticas e rodas de conversa, o simpósio abriu espaço para a apresentação de pesquisas em formato de pôsteres, elaboradas por estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao longo do primeiro semestre de 2024, os alunos da disciplina de Geografia Cultural se dedicaram ao estudo do Festival do Folclore de Olímpia, realizando trabalho de campo durante o evento e produzindo trabalhos acadêmicos a partir dessa experiência. Tive a honra de contribuir com esse processo ministrando, em parceria com a UERJ, uma aula sobre o FEFOL aos estudantes, fortalecendo o vínculo entre ensino, pesquisa e extensão.

Todas as atividades da 10ª edição do Simpósio foram amplamente compartilhadas com o público, graças à transmissão ao vivo realizada pela página do Instituto Federal de São Paulo – campus São José do Rio Preto.

A convivência entre o saber acadêmico e o saber popular foi o que conferiu ao simpósio uma potência singular – algo que nenhum livro, aula ou palestra, por si só, conseguiria proporcionar. A riqueza do evento esteve justamente nesse encontro genuíno de saberes, onde cada voz teve seu espaço e cada experiência contribuiu para um entendimento mais profundo e plural do que é o folclore no Brasil contemporâneo.

Conclusão: O Folclore Ressoa em Olímpia

O que emerge da análise conjunta entre meu livro *O Folclore é um Processo* e o 10º Simpósio é uma visão clara: o folclore brasileiro não é um arquivo morto, tampouco uma tradição congelada. Ele é processo – vivo, mutante, resistente. É um fluxo contínuo de criação, adaptação e ressignificação. Com uma abordagem etnográfica, o livro propõe uma ruptura com o olhar conservador e cristalizado, convidando à escuta atenta do presente, onde o tradicional se encontra com o contemporâneo.

O Simpósio, ao integrar essas ideias à prática e ao diálogo entre múltiplas vozes, reafirma Olímpia como um lugar de reflexão crítica e celebração viva do folclore. Uma cidade que não apenas recebe um festival – mas o vive, o pensa, o transforma. E mais: que entende que, para que nossas tradições continuem ressoando, é preciso escutá-las com o coração aberto e o pensamento afiado.

Estêvão Amaro dos Reis

Doutor em Música pela Unicamp e descendente de uma família historicamente vinculada a tradição dos Santos Reis em Olímpia



Suzel Reily e Estêvão dos Reis e público do Simpósio

DONA ODETE CORADINI – A ARTESÃ DO TRANÇADO ESTRELA

Expressão máxima do artesanato olimpiense

Dona Odete Coradini abriu as portas de sua casa para um bate-papo folclórico. Contou sua história, ligada ao professor José Sant’anna, ao Festival do Folclore e ao resgate do nosso artesanato identitário.

“Ah! Em primeiro lugar, quero dizer uma coisa (emocionada). Eu não sou olimpiense de nascimento, eu cheguei aqui com oito anos de idade, mas me considero adotiva.”

O artesanato em Olímpia sempre foi fonte de criatividade e de busca por soluções cotidianas – as mãos de muitos moradores transformaram barro, madeira, palha e metal em utensílios e objetos com grande funcionalidade, mas também carregados de simbolismos, afeto e estética. No início do Festival, o professor José Sant’anna, em suas pesquisas, sempre buscou artesãos e suas criações, pois sabia que essas obras expressavam a essência do folclore no cotidiano – eram a materialização da cultura popular.

Atualmente, a expressão máxima do artesanato olimpiense é, sem dúvida, o Trançado Estrela – feito com palha de milho e de identidade singular. Ao apresentar esse trabalho, é imprescindível destacar a artesã local que preserva e difunde essa técnica exclusiva.

Dona Odete Coradini mudou-se para Olímpia ainda criança e viveu aqui toda sua vida. Mais do que cidadã emérita, sua história de vida confunde-se com a história da cidade e do Festival do Folclore. Ela foi aluna do professor Sant’anna e, na escola, aprendeu os primeiros passos da arte. Com o tempo, percebeu no artesanato uma forma de expressão que trazia beleza e utilidade para seu dia a dia, o da família e de toda a cidade. Buscou conhecimento por meio de revistas e cursos em Olímpia e região, aprimorando sua técnica. Trabalhou com pintura em tecidos, porcelana, tela, papel machê, entre outras técnicas. Já adulta, tornou-se amiga do criador do Festival, que, por meio do muro dos fundos de sua casa, pedilhe que produzisse objetos para o evento – bandeiras ou pequenos mimos para presentear autoridades durante o FEFOL. Ela sempre atendeu com carinho e de forma voluntária, aproximando-se cada vez mais da organização do Festival.



Fotos do acervo de Olímpia: Trançado Estrela e mãos de Dona Odete produzindo o artesanato

“Quando a Zeca (Zeca Scura, outra grande colaboradora na organização da festa) veio pra cá, começamos com o Salão (Salão de Arte). Eu falei com o Sant’anna: ‘Vamos fazer um salão de folclore, tem muitos alunos que gostam de pintar’; incentive. Aí falei para a Zeca e nós começamos. A Zeca foi atrás e eu era coordenadora. Ela descobriu que o Tamelini (Romeu Tamelini) tinha voltado de São Paulo, e o Rochinha (João Carlos Rocha, artista olimpiense) participou do primeiro salão, inclusive foi ele quem ganhou.”

No primeiro ano do mandato do prefeito José Fernando Rizatti, o Festival no Recinto do Folclore sediou o primeiro Salão de Arte do FEFOL. Dona Odete conta com saudade que a iniciativa sua e de Zeca foi fortemente incentivada. Na época, o Recinto ainda estava em estruturação e não havia local adequado. O prefeito cedeu sua própria sala para que o concurso acontecesse. Foram dezessete anos organizando o Salão de Arte – as primeiras edições dirigidas por Zeca e coordenadas por Dona Odete. Quando Zeca Scura faleceu, muitos temeram que o salão acabasse. Mas Dona Odete não desistiu e garantiu a continuidade.

O Salão cresceu muito: artistas de toda a região, e depois do país, se inscreviam, com mais de duzentos inscritos de várias partes do Brasil e do exterior. Além de pinturas, o salão passou a receber artesanato – estavam lá artesãos de todos os lugares.

“Minha filha tirava licença do trabalho pra me ajudar, e meu filho mais novo era meu secretário, meu marido pegava o carretinho e trazia os móveis da minha casa. Toda tarde o professor Sant’anna ia lá, levava café, levava bolo, ficava conversando e dizia: ‘Adoro vir aqui, me relaxa ficar olhando essas coisas.’”

O Salão de Arte ganhou visibilidade. A premiação incluía medalhas de ouro, prata e bronze, além de menção honrosa.

“No último ano do Salão participou gente do Chile, da Argentina, do Rio de Janeiro, de Minas, do Rio Grande do Sul, de Rio Preto, de Araraquara, de Bebedouro... gente de todo lado.”

Quando Dona Odete encerrou esse ciclo com o Salão de Arte, o legado construído por ela, Zeca e pelas gerações de artistas olimpiense permaneceu por mais dez edições. O salão já não integrava os planos de Dona Odete – a vida reservava um novo e belo capítulo para essa artesã resiliente, criativa e talentosa. A cidade então recebeu representantes do Sebrae. Ao conhecerem a história de Olímpia, seu festival e o Museu de História e Folclore Maria Olímpia, ficaram encantados com um achado único: o chapéu de Trançado Estrela.

“Quando o professor Sant’anna saía pegando peças, pedindo para famílias, para as professoras... A esposa do (professor) Vitório Sgorlon, que dava aula em Altair – naquela época distrito de Olímpia – uma família doou um cesto, um carro de boi de madeira, os boizinhos e a carroceria de trançado Estrela. Trabalho muito bonito, e o chapéu está no Museu até hoje...”

Na gestão do prefeito Luiz Fernando Carneiro, esse resgate foi incentivado com a assessoria do Sebrae. Mas foi uma olimpiense quem realmente desenvolveu a técnica – foi a silenciosa pedagogia do folclore. Lalá, uma artesã local especializada em palha, tornou-se ponte entre o museu (dirigido por Maria Miranda) e uma artesã idosa, detentora de variadas técnicas com palha de milho. A equipe se uniu, fez testes, moldes e tentativas. O trabalho era desafiador e, após quinze dias, a assessoria técnica estava prestes a desistir – o processo não avançava. Então chegou o reforço com Isabel Gameiro, costureira e artesã, que trouxe técnicas de costura, moldes e gabaritos. Aos poucos, as artesãs desenvolveram o passo a passo ideal, e Olímpia começou a reivindicar sua herança ancestral adormecida.

“Chamaram todos os artesãos que quisessem participar, e eu estava no meio. Umass cinquenta, sessenta pessoas... foi muito rústico – as palhas chegavam do sítio do jeito que vinham... aí tinham cinquenta pessoas, metade desistiu: dizia que coçava, que fazia barulho... essas coisas.”

Era preciso mostrar ao mundo essa joia do artesanato olimpiense recém descoberta. O Trançado Estrela foi para São Paulo, Minas Gerais e Brasília. Entre as peças produzidas, uma cortina monumental de 7×9 metros encantou a todos – e uma árvore de Natal no Shopping Anhembi, na Faria Lima, cobria até o segundo andar, toda enfeitada com Trançado Estrela de Olímpia.

“Desenvolvemos uns trabalhinhos: almofadas, estrelas, enfeitinhos de árvore... e a cortina que fizemos. Com o tempo, as ‘muié’ foram diminuindo porque não havia retorno financeiro; sobrou só eu e a Dona Isabel – ela, muito idosa e adoentada... fiquei sozinha em casa. Resolvi organizar o negócio, pois gosto dessas coisas. Peguei as palhas, lavei, higienizei; se for preciso tingir, ti-njo; se precisar ‘armazenar’, guardo para não estragar... a linha estava difícil, a cola também... fui desenvolvendo tudo. Hoje já tenho a linha certa, fiz até uma cola caseira: mais fácil, mais barata (risos). Artesão tem que inventar coisa barata.”

A Estância Turística de Olímpia se orgulha de pessoas como Dona Odete Coradini, homenageada pela peça literária do FEFOL. O trabalho que ela desenvolveu ao longo de décadas continua a florescer e encantar. O Trançado Estrela ganhou dimensão e se consolidou como genuíno artesanato olimpiense graças à sua persistência. Grandes instituições buscam conhecer, validar e divulgar o Trançado Estrela – a força dessa joia de palha é imensurável.

“Que as pessoas descubram, usem e façam.”

Tiago Louzada

Pedagogo - Arte Educador

Diretor Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural



Dona Odete Coradini



P R O F E S S O R S A N T ' A N N A

Um Pesquisador que Desvendou Tradições

Ao pesquisar na internet informações sobre o criador do Festival do Folclore de Olímpia, Professor José Sant'anna, para compor um livro que lhe havia prometido quando ainda em vida, deparei-me com citações interessantes em um Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, publicado em 1983.

Na publicação catarinense, apresentada em formato de revista, o primeiro ponto de destaque advém de um trabalho do escritor, pesquisador e professor José Carlos Rossato, de Votuporanga, que foi parceiro de Sant'anna e chegou a integrar o Departamento de Folclore de Olímpia. O trabalho em questão tem como nome "Dinheiro na Boca do Povo", onde parte do material utilizado é fruto de pesquisas do criador do Festival do Folclore de Olímpia (Fefol).

Outra surpresa encontrada na publicação foi um artigo do também professor Rothschild Mathias Netto, à época presidente da Comissão de História de Olímpia (1982). Claro está que esta é uma parte muito pequena de sua obra, mas prova a importância de Sant'anna no contexto folclórico nacional, já que a publicação era de Santa Catarina, datada de 1983.

No entanto, o que mais desperta atenção e comprova que, como pesquisador, Sant'anna foi a fundo nas tradições, é que no trabalho de Rossato são citadas pesquisas suas sobre as várias conotações dadas ao dinheiro na cultura popular brasileira.

As Múltiplas Faces do Dinheiro na Tradição Popular

Rossato explica seu trabalho de forma minuciosa, dizendo:

"No vernáculo encontramos diversas denominações dadas ao dinheiro, em virtude das variadas situações. Assim é que os acionistas dão-lhe a denominação de dividendos; os administradores, orçamento; os agricultores, lucro; os aposentados, pecúnia ou aposentadoria; os arrendatários, renda; os associados de clubes, mensalidade; os bancários, cifrão; os banqueiros, juros; os beneméritos, legado; os benfeitores, caridade; os capitalistas, valores; os chefes em geral, gratificação; os comerciantes, prêmio; os contadores e economistas, receita; a Casa da Moeda, papel-moeda; os corretores, comissão; os criados, ou mesmo outra classe operariada, salários; os devedores, promissórias; os dirigentes do esporte bretão, folha de pagamento; os doadores, oferta; os financistas, moeda; os funcionários públicos, holleriths, proventos ou vencimentos; os futebolistas, luvas; os governantes, verba; os indivíduos idôneos, crédito; os industriais, fatura; os magistrados, emolumentos; os menores de idade que não têm uma profissão remunerada, mesada; os militares, soldo; os ministros e secretários de Estado, recursos; os necessitados, empréstimos; as noivas, dote; os operários, diária; os parceiros na atividade agrária, parte (meia, terça, quarta); os pagadores, recibo; os parlamentares, subsídios; os pedintes, adjutório; os prestamistas, camês; os pretensos sócios de clubes, jóia; os profissionais liberais, honorários; os promotores de vendas, ajuda de custo; os queixosos, indenização; os religiosos, espórtula; os representantes do povo, exceto os vereadores, representação; as seguradoras, pecúnia; os separados judicialmente, pensão alimentícia; os sócios, cotas; os vendedores, comissão ou porcentagem; os vereadores, subsídios ou auxílio; além de outras formas menos utilizadas".

E complementa sua análise: "Observe que são as circunstâncias, convenções ou conveniências os elementos que dão ao dinheiro, quando se remunera, a sua correta denominação no espaço".



Dinheiro e Quadras: A Poesia Popular Documentada

Uma das alusões mais significativas ao mestre dentro do artigo científico de Rossato explica o valor das quadras populares: “Dinheiro e Quadras. O dinheiro, tradicional veículo de comunicação, aparece até nas quadrinhas folclóricas.

A seguir, apresentaremos algumas, cedidas pelo Prof. José Sant’anna, recolhidas no Município de Olímpia”. As quadras coletadas por Sant’anna revelam a sabedoria popular:

*Há quem pense que o dinheiro
É que traz felicidade;
Mas só quem goza saúde
É que é feliz de verdade.
Dizem que foi o Demônio
Quem inventou o dinheiro,
Mas quem quer ver o Demônio,
Fique com bolso maneiro.
A mulher e a galinha
São dois bicho interesseiro,
A galinha pelo milho
E a mulher pelo dinheiro.
(Esta é conhecida em quase todo o território nacional)
Quer o rico, quer o pobre,
Todos têm seu amorzinho;
O rico com seu dinheiro,
O pobre com seu carinho.
O dinheiro tudo compra,
O dinheiro compra tudo,
Compra até o silêncio
Do mais triste linguarudo.*

Como se vê, dinheiro e literatura popular também se acasalam, conforme observa Rossato.

Os Cantos de Cegos: Música e Subsistência

Rossato, entretanto, cita outro fruto importante das pesquisas do professor Sant’anna: “Também constatamos o valor do dinheiro para a sobrevivência nos cantos de cegos. São diversas as melodias cantadas por pessoas desprovidas de visão, como um meio de ganhar a vida”.

“Esta melodia a ser apresentada é um canto de cego. Ela é o resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Olímpia (SP) pelo confrade José Sant’anna”.

“O cego canta pedindo. Geralmente é acompanhado dos acordes de cavaquinho ou pandeiro. Mas há os que executam sanfona, cuica e gaita. É mais raro os que tocam viola ou violão”.

O canto de pedido seguia esta estrutura:

*Quem pede, pede chorando,
Quem dá merece bondade;
Dá esmola ao pobre cego
Na maior necessidade.*

Depois que recebia o adjutório, o cego cantava agradecendo, sempre acompanhado pelo seu instrumento:

*Deus lhe pague,
Deus lhe ajude,
Deus lhe dê vida e saúde.
A saúde é caridade,
Caridade é virtude.*

Rossato acrescenta que “há muitos que entremeiam com músicas sertanejas. Geralmente cantam em estações (rodoviárias e ferroviárias) ou em logradouros públicos”.

Uma observação interessante do pesquisador é que em Cosmorama (SP), ele constatou a presença de um cego que cantava enquanto executava simultaneamente sanfona e gaita, sendo que esta estava adaptada sobre aquela.

Religiosidade e Tradições: A Oração a São Vicente

Rossato também destaca uma oração que foca no assunto do dinheiro, demonstrando como Sant’anna não deixava escapar nenhum aspecto da cultura popular:

“Vale a pena registrar a oração a São Vicente, para aumentar o dinheiro, recolhida pelo professor José Sant’anna, em Olímpia, cuja informação é da senhora Ermelinda Batista de Oliveira (D. Laia), casada, católica, pouca instrução, 40 anos (1980):”

*Deus te salve, ó Lua Cheia,
Com toda a sua enchente
A louvor a São Vicente,
Quando fores e voltares
Trazei-me desta semente.*

(Enquanto rezar, mostrar a numeração de uma nota de dinheiro à lua)

Esta oração revela a sincretismo entre as crenças católicas e as tradições populares, onde elementos da natureza (lua) se associam aos santos católicos (São Vicente) em rituais de prosperidade.

O Visionário dos Festivais: Retrato de um Pioneiro

O outro ponto de destaque do Boletim Catarinense é um artigo do também professor Rothschild Mathias Netto, com o título “O Criador dos Festivais e o Folclore”, onde coloca pontos interessantes sobre Sant’anna e sobre o Fefol.

“Olímpia, filha do sertão, nascida no coração de um grande vale, tinha tudo para se tornar uma cidade-padrão em estudos folclóricos, isto é, no cultivo dos usos, hábitos e costumes da nossa gente e na preservação das mais caras tradições da nossa terra”.

“Para sua glória, a um de seus filhos não escapou a real significação de tudo quanto emana do espírito do povo. É óbvio que nos referimos ao Professor José Sant’anna. Esse moço cheio de entusiasmo começou por fazer ‘pesquisas de campo’ e, em seguida, a registrar tudo quanto brotasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão”.

“Em 1964 realizou o Primeiro Festival Folclórico. Daí por diante, não mais parou. Hoje, o criador dos já tradicionais festejos de agosto conta com valorosa equipe de colaboradores, porque (para usar a linguagem bíblica, tão de seu agrado) ele foi como o sementeiro que rasgou o solo e pôs a semente para germinar. A planta surgiu tenra, cresceu, tornou-se árvore, ganhou porte e o sementeiro não pôde atingir mais, com as próprias mãos, os ramos das alturas”.

A Incompreensão e a Verdadeira Essência do Folclore

Mathias Netto prossegue com uma crítica sutil mas contundente: “A despeito, porém, da repercussão e do vulto que tomaram os festivais folclóricos de Olímpia, há os que não compreendem o alcance do folclore ou que lhe meçam o valor apenas pela coreografia pitoresca de suas manifestações mais interessantes”.

“Entretanto, na cooperação vicinal das populações rurais; nos cantos melancólicos ou alegres dos caboclos; nas noites negras ou claras de luar; nos ritmos frenéticos de nossas danças; na crença fervorosa em um Deus criador de todas as coisas; no árduo trabalho do cotidiano; no alvoreço dos folguedos infantis; nas horas de intensa euforia e até nos momentos de grandes dores, os nossos antepassados formaram hábitos, criaram usos, geraram costumes, legados às gerações porvindouras e que permanecem como brasas dormentes, à espera do sopro da brisa para que despertem e crepitem em fagulhas saltitantes”.

Esta passagem, escrita por Rothschild Mathias Netto, presidente da Comissão de História de Olímpia (1982), revela não apenas a poesia de sua prosa, mas também a profunda compreensão do que representa o folclore autêntico.

Considerações Finais: O Legado de um Pioneiro

O artigo do professor Rothschild, sem dúvidas, serve como fechamento perfeito deste estudo que mostra, com palavras consonantes, a alma do criador dos festivais. Suas palavras revelam poeticamente o descontentamento que Sant’anna levou para o túmulo com aqueles que não entenderam o verdadeiro alcance do Fefol, sempre querendo transformá-lo num espetáculo de luxo e beleza, e não em palco para os humildes componentes dos folguedos se irmanarem e trocarem informações sobre o que e como viveram suas tradições.

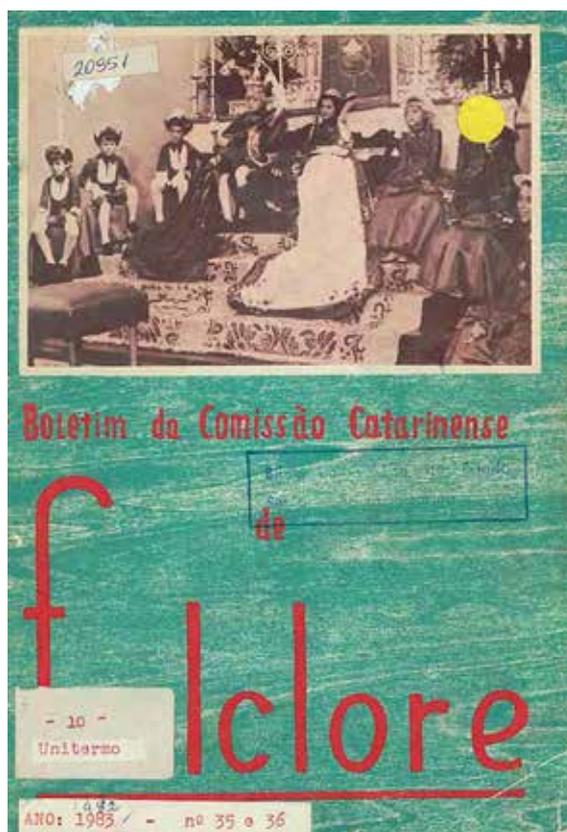
Este registro histórico, preservado no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore de 1983, comprova que a obra de José Sant’anna transcendeu as fronteiras paulistas, alcançando reconhecimento nacional entre os estudiosos do folclore brasileiro. Suas pesquisas sobre as múltiplas denominações do dinheiro na cultura popular, os cantos de cegos, as quadras folclóricas e as orações tradicionais demonstram a amplitude de seu trabalho como pesquisador.

O professor Sant'anna não foi apenas o criador de um festival, mas um verdadeiro desbravador das tradições populares brasileiras, um homem que compreendeu que o folclore autêntico não se encontra apenas na performance, mas na alma do povo que preserva e transmite suas tradições através das gerações.

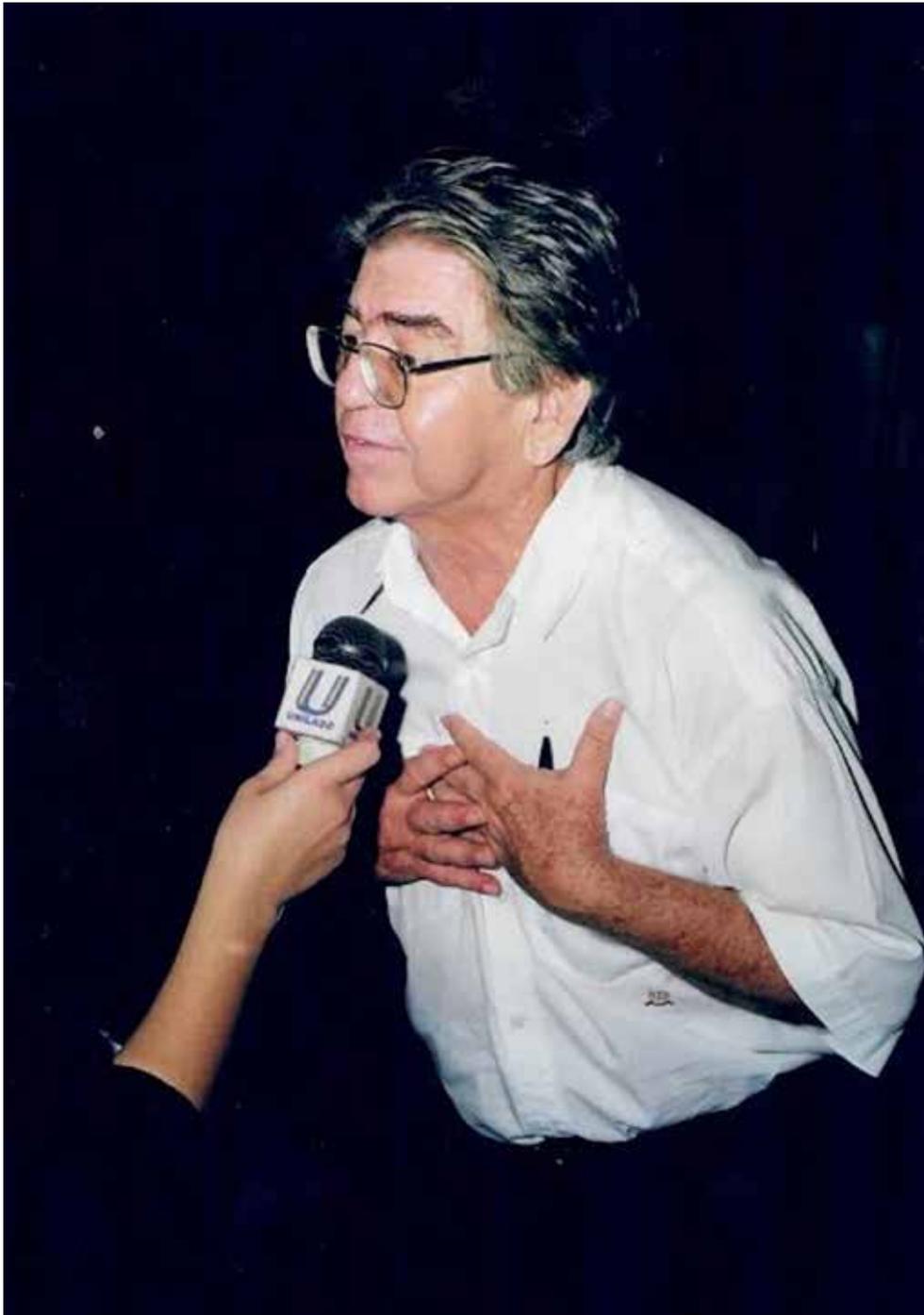
Sua metodologia de pesquisa de campo, seu cuidado em registrar informações detalhadas sobre os informantes (como no caso de D. Laia), e sua capacidade de enxergar folclore onde outros viam apenas curiosidades, fizeram dele uma figura fundamental na preservação da cultura popular brasileira.

José Antônio Arantes

Jornalista, escritor e pesquisador



Capa do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, revista traz citação ao Professor José Sant'anna



Professor José Sant'anna

F O L C L O R E – F O N T E D E S A B E D O R I A

José Sant'anna, um sábio que bebeu da fonte da sabedoria do povo (Folk – povo, Lore – sabedoria). Bebia e bebia e não saciava sua sede de conhecer os cantares, dançares e os saberes do povo.

Mergulhou na sabedoria do povo, e, se tornou um sábio que escolheu seus parceiros, companheiros de trabalho, que ele conseguiu sensibilizar e levar pra o mundo de sabedoria, junto ao povo que cria no seu cotidiano soluções para o seu viver.

Assim, conseguia reunir dia a dia um grupo que ia participando das pesquisas e bebendo da água que emanava da sabedoria popular, e o folclore foi tomando conta de cada um de nós, que tínhamos o privilégio de conviver com o entusiasmo dele pelo folclore e os produtores dele – o povo.

Cada um encontrando espaço e lugar no grupo de pesquisa, buscando a manifestação com a qual mais se identificava, e ele, caminhando e orientando todos como o regente de uma orquestra, ajustando os sons com muita sabedoria. Foi ajustando e encaminhando todos nós para o grande concerto que se tornou o Festival do Folclore.

Sant'anna tinha sede, vislumbrou, acreditou em todos nós, na sua própria paixão. Ele ia a campo, pesquisava e trazia muito conteúdo para todas as atividades. Focava nas crenças, nos costumes, em todos os fazeres e sabedoria do povo.

Minha participação no grupo foi a música, que já era minha companheira desde a infância.

Sant'anna pesquisava, gravava e trazia os cantares do povo para que eu os ouvisse e os colocasse nas linhas do pentagrama para garantir que a pesquisa não se perdesse.

Esses pentagramas estão registrados nas páginas de vários Anuários do Folclore. São registros de várias formas da Folk-Música.

Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Presidente de honra do 61o Festival do Folclore de Olímpia

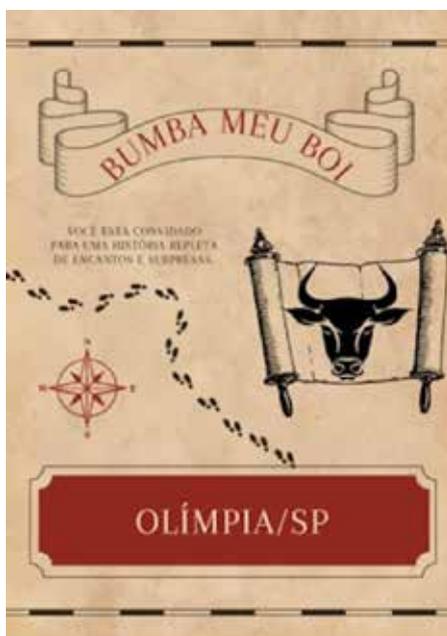
Maria Aparecida de Araújo Manzolli, a professora Cidinha Manzolli, como é conhecida carinhosamente por seus ex-alunos, se dedicou ao ensino público por 28 anos, sempre atuando em educação musical. Na década de 60, iniciou sua pesquisa sobre o folclore brasileiro, participando e coordenando várias edições dos Festivais Nacionais do Folclore de Olímpia (FEFOL). Em 1967 fundou e coordena até hoje o grupo de Danças Parafolclóricas GODAP, que preserva e divulga danças das diversas regiões brasileiras. Criou e coordenou 10 festivais Internacionais do Folclore, em Olímpia, trazendo para o Brasil grupos de 40 países diferentes. Participou como palestrante convidada e com o GODAP de encontros e festivais de folclore em diversos estados brasileiros e em países da América do Sul, Norte, Europa e Ásia. É reconhecida por sua dedicação ao ensino e à cultura, especialmente por seu trabalho na área da educação musical. Dona Cidinha Manzolli é considerada uma guardiã da cultura de Olímpia e uma referência na preservação do folclore brasileiro. Seu trabalho na área educacional e cultural é amplamente reconhecido e valorizado.

POR ONDE PASTOU O BOI, POR ONDE BRINCOU O BUMBA

**“Este Boi não é daqui é do Sertão do Piauí
Este Boi não é de lá, é do Sertão do Ceará
Este Boi é de Mamão é de lá do Maranhão”**

Verso da cantiga do Boi de Mamão Catarinense cantada pelo Mestre e Brincante Marcio Guimarães em seus Grupos de Bois de Mamão na infância em Florianópolis - SC.

Heis que é chegado mais um Festival de Folclore de Olímpia, este ano rendendo merecida homenagem à cultura do Maranhão, e nada mais justo do que escolher você para a partilha desta história.



Convite ilustrando o Bumba meu boi e a cidade Olímpia

Imagine você que ao chegar em casa encontre uma caixa em frente a sua porta. Você pega a caixa, abre a porta e coloca a caixa sobre a mesa a fim de abrir para verificar o que tem dentro dela. Ao abrir, lê a seguinte mensagem:

Ao senhor dono da casa, com sua licença e louvor.

Meu nome é Bumba Meu Boi e convido a desbravar minha história. De onde venho, quem me pariu, e por onde pastei e brinquei durante os primeiros anos de minha existência. Seguindo a ordem da vida, tive uma concepção, uma gestação, uma fase infantil, jovial e madura e nem sempre fui o Bumba Meu Boi que sou hoje. Levei alguns anos para me tornar essa manifestação encantadora que tanto orgulha o estado do Maranhão e o Brasil. Minha história é feita de muitas histórias e como minha infância nunca saiu de mim, lhe convido para brincar. Você está recebendo um jogo de Quebra Cabeça que revelará os possíveis caminhos que percorri, mas muito de mim está contido antes de eu chegar neste mundo. Na verdade, eu sou produto de muitas culturas e da manifestação do espírito humano. Sei que hoje é muito simples se emocionar com minhas toadas, apreciar a alegria dos brincantes, o brilho das máscaras, as cores das vestimentas e o pulsar da batucada. Mas nem sempre foi assim. Já fui motivo de vergonha, de medo, de manipulação e de juguete de interesses daqueles que viram em mim uma

maneira de se aproximar para aprender a falar a língua do povo. De qualquer sorte, minha maturidade me fez ser símbolo de resistência. Certamente já leu, ouviu e quem sabe até escreveu a meu respeito. E por supor que me queres bem, foi escolhido este presente para você. Porém antes de começar a jogar, é preciso dizer que quando tratamos de história corremos o risco de nos depararmos com idéias contrárias as nossas, por isso vamos deixar de lado pelo menos neste jogo, nossas paixões, orgulho, antigas convicções e preferências. Quero que me veja como uma criança que lhe convidou para brincar. Vamos lá?

Regras do Jogo

Você esta recebendo um jogo de peças de um quebra cabeça que terão que se encaixar perfeitamente. Ao final, terá montado um cenário que revelará caminhos que poderão indicar a origem da brincadeira do Bumba Meu Boi. Para montar este quebra cabeça você poderá utilizar o conhecimento adquirido por meio de pesquisas, entrevistas, livros, jornais, documentos, gravuras, dossier, artigos, conversas, vídeos, TCCs, muita imaginação e intuição. Porém, não desanime se por acaso algumas peças não se encaixarem perfeitamente. Certamente a culpa não será sua. É que a minha história contém fatos obscuros e é provável que você precise caminhar para frente deixando alguns espaços vazios para trás. Isso ocorre por que a história se constrói, de contratempos, de curvas sinuosas, de fatos premeditados, mas também de acasos. Constrói-se de paz e guerra, de amor e ódio, enfim não é uma ciência exata, por isso seja muito provável que esse jogo não se encerre aqui. Para dizer bem a verdade a história é assim, por que é feita por seres humanos. Portanto a melhor maneira de tentar acender uma luz sobre as dúvidas que temos em relação á história seja nos colocarmos dentro do cenário e perguntarmos para si mesmo: O que eu faria se estivesse vivendo este jogo neste tempo e espaço?

Uma dica importante é prestar atenção na cronologia dos fatos. Lembre-se, a história sempre anda para frente, todavia olhando para traz ela nos mostra que desde tempos remotos o Touro e o Boi exercem fascínio sobre o homem. Seja por seu símbolo de imponência, força, virilidade, utilidade e poder, o Touro sempre esteve muito presente no inconsciente e cotidiano das mais variadas e remotas civilizações.

Já percebeu que o jogo começou?

Então já pode procurar as peças e tentar encaixá-las, afinal já temos nas pinturas rupestres referências a estes animais, bem como referências em livros sagrados, como em um dos mais famosos do mundo: O Antigo Testamento, quando em Êxodo encontramos a descrição em que Moisés ao voltar das montanhas vê o povo adorando a um Bezerra de Ouro que era conduzido pelas ruas em forma de cortejo. No Egito encontramos a representação Sagrada do Boi Ápis, na Índia a adoração á Vaca Sagrada, no totetismo do Boi Geroá entre os Ba-nanecas, no Minotauro da Mitologia Grega e símbolos da era contemporânea como a imponente escultura que representa o Poder Financeiro na Walls Street nos Estados Unidos. Não há dúvidas que é o Touro/Boi o animal que o mundo dedica mais referências e homenagens e esse fascínio e adoração sempre acompanharam o homem nesta epopéia humana, fazendo brotar em cada canto e em cada tempo uma maneira do homem buscar um sentido para a própria existência.

No decorrer deste desafio, irá observar que viajar nas brincadeiras de boi que dão vidas e cores ao Folclore Brasileiro, é contar a própria história deste país, desde a mística dos povos originários que assimilaram e compartilharam cultura com os negros e brancos, até os mais variados fenômenos políticos, sociais e culturais.

E por entender que o desafio de contar essa história por meio de um quebra cabeça não é tarefa tão



simples, escolhi como forma de apoio nesta tarefa Quatro Peças Chaves que em conjunto com outras, podem ter sido fundamentais para que as Brincadeiras de Bois se enraizassem e se transformassem no Bumba Meu Boi que sou hoje.

Uma dessas peças chaves chamaremos de Igreja, por seu papel na socialização, educação e sistematização dentro do território Brasileiro. A outra chamaremos de Tauromaquia, expressadas pelas touradas Portuguesas e Espanholas. Em seguida, a próxima Peça Chave daremos o nome de Colonização Açoriana, que ocorreu em diversas regiões do país e em diversos períodos da história. E por fim, a quarta peça daremos o nome de Escravidão Negra implantada no Brasil durante 350 anos e que somaram mais de 4 milhões de negros chegados ao território Brasileiro trazendo consigo uma bagagem cultural que até hoje se manifesta em sons, cores, sabores, mitos, ritos e gestos.

Viu que ajuda bacana? Admirar o Folclore Brasileiro é ter respeito por todos aqueles que vieram antes de nós, principalmente pelas condições desfavoráveis e desumanas que muitos aqui chegaram e viveram. Hoje depois de tanto combater, aprendi que sem sofrimento não seria do tamanho que sou.

O Bumba guarda em si tanta beleza, mistério e esplendor por que é formado pelo puro espírito humano, que por sua vez sempre se adaptou as circunstâncias.

A Política, o Estado, as relações de poder, as navegações, as atividades e interesses econômicos, os povos originários, os agrupamentos humanos, as operações militares, a miscigenação, as epidemias, as campanhas governamentais, as guerras internas e externas, as invasões, a inquisição, as culturas ancestrais, as artimanhas de sobrevivência dos sujeitos envolvidos e os macros e micros processos de imigração, em tudo influenciaram na construção do que hoje se conhece por Bumba Meu Boi, eclodindo nos fenômenos ocorridos a partir dos movimentos da independência do Brasil como lembra o professor Felipe Caliu Abrão, tal qual um ritual de passagem, onde de fato começo a viver a minha juventude e o início de uma maturidade, demarcando meu território como símbolo de Brasilidade. Mais adiante os fenômenos impulsionados pela Proclamação da República me tornaram mais robusto, onde símbolos e valores passaram a ter fundamental importância, sobre tudo nos eventos, cerimônias, documentos e missões oficiais. Mas é claro que são as circunstâncias de cada tempo e lugar que irão formar minha personalidade. E esta aí o motivo de minha personalidade se manifestar de forma particular em cada região.

Na continuidade deste desafio não devemos esquecer que no Brasil colonial temos uma transplantação da cultura de Portugal para as colônias que vão incluir além da língua, a religião, as festas e costumes de Portugal. É aí então que vamos lançar nossa primeira peça chave sobre a mesa.

O Boi conhece seu dono

É sabido que desde os primeiros anos de Brasil, a Igreja introduziu diversas práticas de catequização que envolvia sermões, rituais, jogos, música, brincadeiras, teatro, perseguição, imposição e tortura. A Ordem Franciscana muito influenciou por meio da catequese a fé e o imaginário dessa gente que aqui já vivia, visto que foi São Francisco de Assis que introduziu o Boi e o Jumento no presépio no ano de 1223 e que no Brasil a igreja já nos primeiros anos do descobrimento implantou o presépio vivo como forma de exaltar o nascimento do Menino Jesus.

São Francisco de Assis era amigo das artes manuais e quase animista e totemista na sua relação com a natureza, e com a vida animal e vegetal. Imaginamos que seus missionários observavam e conservavam essas características em suas metodologias educacionais. Foi Américo Vespúcio, que em 1501 navegando nas águas de um rio, deu a este o nome de São Francisco. Este rio desempenhou papel fundamental na colonização, expansão territorial e desenvolvimento econômico do Brasil e até hoje movimentou o imaginário do povo como herança desses tempos.



A expressão: “Procurar pêlo em ovos,” sempre tem espaço quando o assunto é história. Portanto não é descabido supor que a presença da burrinha e do boi manifestados em nosso folclore, possam ser reminiscências do presépio de São Franciscano de Assis do século XIII, visto que temos influência da educação Franciscana na literatura, na arte, na arquitetura, na defesa dos direitos humanos e no respeito para com os animais, além de uma infinidade de nomes de cidades, bairros, escolas, hospitais, instituições de caridade, ruas, pessoas, personagem folclórico, cujo nome homenageia o santo. Nas Folias de Reis por exemplo, o Boi aparece bailando majestoso em diversas regiões do país.

Importante nos atentarmos para a aproximação e participação que teve os Franciscanos com a Igreja dos Pretos em diversas partes do país, juntamente com a Ordem Jesuíta.

Na Ordem Jesuíta encontramos um impacto profundo na educação e evangelização do Brasil. Os jesuítas eram proprietários de terras, possuíam autonomia e riquezas com interesses algumas vezes distintos do estado, então foi evidente que houve diversos conflitos, que com toda certeza impactaram nas relações dessas instituições com o fazer do povo.

A igreja tem como maior produto de sua doutrina a fé cristã, porém uma coisa é catequizar e apresentar os rituais litúrgicos a um grupo cristão ou não cristão, outra coisa é apagar da memória e alma desses grupos suas antigas e profundas crenças.

É muito provável que em minha infância, na qual não guardo todas as lembranças, eu era apenas um brinquedo de divertimento trazido por um grupo de colonizadores que corriam pelas ruas em uma pequena aldeia colonizada, e que mais adiante me tornei um símbolo de devoção e fé, entre cores, toadas e tambores nas Festas em minha homenagem. Sobre meu corpo desenharam lindos e brilhantes bordados de Santos Cristãos, mas jamais se esqueceram de destacar os símbolos, nem de entoar seus cânticos evocando seus orixás e seus encantados, apontando de onde eu vim em seus adereços, fantasias e danças.

A igreja esteve presente no ambiente social nas mais variadas épocas de forma bastante complexa, hora fortemente alinhada com o estado e por vezes com diferenças de interesses e até perseguida.

O Touro venceu o Toureiro

As Touradas no Brasil chegam como mecanismo de impor aos olhos de quem quisesse ver, “a quem o Brasil pertencia”, fortalecendo valores políticos e identitários, impondo-se a tradição em eventos e solenidades oficiais. As touradas inicialmente destinadas ao deleite da nobreza Portuguesa, passaram nos séculos á frente a fazer parte das coisas do povo, pois afinal, o povo precisa de festas. Não que elas eram acessíveis ao povo. Mas é que o povo é engenhoso em suas adequações. Afinal quem não tem cão, caça com gatos, Quem não tem touro, inventa um touro. E dizem alguns por aí que a Tourada é um parente distante que tenho nesta história, e por isso peça importante do jogo.

No Brasil existiram distintos modelos de organização de touradas. O primeiro foi o Estatal, desenvolvido durante o período colonial e monárquico, recebendo significativa influência dos costumes dos colonizadores portugueses. O outro modelo foi o Empresarial, que teve como base o mercado taurino, nunca vinculado ao atraso e sim como entretenimento do futuro, que socialmente com o tempo se consolidaria como espetáculo esportivo.

Vou contar o que ouvi dos mais antigos, que em uma terra distante chamada Lisboa as Touradas eram comuns, e como forma de atrair o público para esses eventos, eram utilizados nos intervalos, negros escravizados, que de forma cruel eram submetidos a protagonizar cenas desumanas que poderiam levar a ferimentos graves e até a morte. Há também registros que negros eram encarregados da limpeza das praças de touro e posteriormente no século XVIII passam a exercer função recreativa nos intervalos das touradas, representando quadros cômicos, porém não menos perigosos.



Cena representando “pretos em cavalinho de pasta”

Um dos números chamava-se “pretos em cavalinhos de pasta” cuja cena apresentava negros escravizados montados em fantasias de cavalos que deveriam instigar o touro ferido pelos toureiros.

Como a missão é montar o quebra cabeça da minha história, sejamos criativos e também racionais nas tentativas de encaixar peças. Podemos questionar a nós mesmos, se o cavalo e boi que contracenam em duelo na Brincadeira do Boi de Mamão em Santa Catarina, possa ter alguma relação com o espetáculo “preto nos cavalinhos em pasta” que ocorriam na descrição em Lisboa, visto que a primeira descrição em Santa Catarina de uma brincadeira em 1853 com um Boi fingido é protagonizada por negros e tem o nome de Bumba meu Boi. Assim, muito possivelmente dentro de uma relação diária de indivíduos de culturas diferentes, é de se esperar que a maneira de praticar ou fazer alguma coisa, receba ajustes e influências de um lado e de outro.

Ao buscar as peças que possam montar o quebra cabeça da origem do Bumba Meu Boi, não podemos supor que o tratamento do escravo teria sido diferente no Brasil, pois as touradas perduraram por aqui até a primeira metade do século XX e certamente faziam parte da vida comum das pessoas, independente de serem contra ou a favor, livres ou escravizados, portugueses ou brasileiros, cristãos, judeus ou mouros.

O negro na sua relação com a sociedade escravocrata sabia muito bem utilizar de suas habilidades para negociar funções sociais de trabalho. Ainda que não possamos provar, não nos parece lógico supor que um senhor de escravo desejaria perder um escravo músico, toador, escultor, artesão, festeiro, saltador, malabarista ou hábil na brincadeira do bumba, liberando-lhe, por exemplo para morrer na guerra perdendo assim um agente aglutinador e muito útil a suas intenções de boa convivência social e lucro.

Como podemos ver, já podemos fazer uso de peças complementares ramificando a partir da Tauromaquia as mais variadas possibilidades que possam associar esta prática cultural ao Bumba meu Boi. Talvez uma boa dica sejam as pinturas de antigos viajantes ou as obras artísticas anteriores aos nossos jornais, como exemplo, as telas do artista Francisco Goya na Espanha, retratando crianças e adultos brincando com touros e cavalos fingidos em seus recreios.



Cena representando “Juego de la Vaquilla”

A Baleia é o Boi do Mar

A Colonização Açoriana no Brasil representa mais uma peça chave para contar essa minha inquietante História.

Faço lembrar que essa peça chave é escolhida, considerando que os colonizadores açorianos chegaram em grande número em períodos importantes da construção de nosso país, possuíam uma estreita relação material e espiritual com o boi, sendo sociáveis e solidários na vida comunitária, eram homens da terra e do mar, traziam uma carga no seu modo de ser muito próxima ao europeu do século XV o que lhe conferiu uma certa credibilidade para os interesses do colonizador português, afinal juntava-se “a fome com a vontade de comer”, ou seja, a necessidade da coroa em povoar e desenvolver um novo território cobiçado por muitos, com corações desejosos por prosperarem em uma nova terra livre dos vulcões que levavam a fome e a escassez. Além de serem hábeis no trato da terra e do gado, os açorianos já desafiavam as baleias nos mares, tal qual o toureiro desafiava o Touro na arena. A capacidade de adaptação e a resiliência são características marcantes desse povo que possui uma herança cultural ligada à música e dança marcantes em diversas manifestações do folclore Brasileiro.

No jogo de quebra cabeça da história, dificilmente peças se encaixarão por coincidência, portanto temos que dar especial atenção ao fato de que as regiões brasileiras que possuem a Brincadeira do Boi com notoriedade, receberam população Açoriana em tempos de colonização, e que não por coincidência temos exemplos de outros legados culturais quando prestamos atenção a Tradicional Festa do Divino Espírito Santo que ocorre com muita força no estado do Maranhão, tanto nas igrejas como nos terreiros, além de tradições tipicamente Açorianas como a Corrida do Boi na cidade de Alcantara MA, cujo um ou mais bois amarrados em cordas saem em correrias pelas ruas da cidade, em clara similaridade com a tradição do Boi de Campo ou Farra do Boi manifestadas no litoral Catarinense e que foram trazidas pelo colonizador açoriano.



*Corrida de boi em Alcantara - MA e
Farra do boi - SC*

Aliás, o Professor e Escritor de Bumba Meu Boi Felipe Caliu Abrão faz lembrar que a notícia do ano de 1829 no Jornal O Farol Maranhense muito provavelmente descreve uma Corrida de Boi de Brinquedo (falso), e não uma apresentação de Bumba meu Boi tal qual conhecemos. O professor brinca com a idéia de que o Bumba Meu Boi inicia nos jornais antes mesmo do Bumba Meu Boi tal qual conhecemos existir. As rendas de Bilro formam outro exemplo das similaridades existentes entre culturas que receberam açorianos em sua colonização.

No artigo de O Estado do Maranhão em 04 de julho de 2020 José Sarney cita-os como “uns dos primeiros colonizadores do Maranhão, cujas festas juninas atuais incluem boi de verdade, soltos nas ruas, bem como danças de boi que sobrevivem no Maranhão e em Santa Catarina colonizada também por Açorianos”.



Importante entender que a ocupação do Arquipélago dos Açores inicia no século XV e que seus habitantes ficaram isolados culturalmente durante dezenas de anos do continente, motivo que justifica as práticas de jogos e brincadeiras com os Bois e Touros nas Ilhas e sua prática quando chegam ao Brasil. Seria como dormir na idade média e acordar na idade moderna.

Agora como pode perceber as peças do jogo já estão mais agrupadas, possibilitando uma visão menos fragmentada de minha história. Continuemos a buscar peças que ainda estão na caixa e vamos recuar para os espaços em abertos deixados para trás.

Importante observar que muito antes dos açorianos chegarem ao Brasil Meridional a partir de 1748, levados desses povos já haviam chegado ao Estado do Maranhão em 1619, 1675, e 1722 e posteriormente ao Grão Pará em 1751, locais esses tipicamente reconhecidos como celeiros de brincadeira de boi. Lembrando que nesta época o Estado do Pará abrangia também o Estado do Amazonas que é reconhecido por todos, de intensas manifestações de Bumbás. No estado da Bahia os primeiros açorianos se estabeleceram no século XVI, posteriormente chegaram com maior fluxo a partir de 1820. Outros estados como Ceará, Pernambuco, Espírito Santo, Piauí e Rio Grande do Norte embora em menor escala também receberam colonizadores açorianos. Seria mera coincidência as brincadeiras de boi se manifestarem nesses estados?

No início do jogo já dissemos que não há coincidências no encaixe de peças de um quebra cabeças, portanto seguimos montando.

Senhor de si

A quarta peça Chave do jogo dentro deste cenário é o Negro escravizado. A ele atribuímos às práticas de criação de gado, mitos e ritos envolvendo o símbolo do boi, a necessidade de manifestar sua fé, sua cultura, o seu grito de dor, sua alegria, sua tristeza e sua luta pela sobrevivência. Atribuímos seu desejo incansável pela liberdade, sua enorme astúcia de fazer sobreviver suas crenças em um dia a dia de implacável perseguição, sua devoção a ancestralidade, ao cultivo dos batuques e danças e sua conexão espiritual com as forças da natureza, além de encontrar no Boi um amigo que movimentava as pesadas engrenagens dos engenhos ou as rodas que movimentavam os carros de boi no transporte da colheita do dia. Esse povo que construiu a riqueza desse e de muitos outros países chega ao Maranhão entre os séculos XVIII e XIX e aqui encontra campo fértil para materializar suas dores, alegrias, espiritualidade e meios de resistência.

Quero lhe confessar algo: às vezes me pergunto se o negro é meu pai de criação. Agora que o jogo ficará instigante. Pois apesar da Igreja, das Touradas, da colonização açoriana e da presença dos negros evidenciarem o surgimento do Bumba Meu Boi, jamais poderemos apontar os “donos da brincadeira”. Pois como mesmo disse Camara Cascudo: “nem os africanos, nem os indígenas e nem os portugueses tiveram Bumba meu Boi tal qual nós possuímos.”

Em outras palavras o Bumba meu Boi é exclusivamente produto da Cultura Popular Brasileira. Vamos em frente nesse desafio da história? Já consegue me dizer de onde vim? Lembre-se: mais importante do que saber de onde vim, é saber pra onde vou. Mas isso é outra história.

O quebra cabeça esta em pleno movimento de montagem sobre a mesa. Encontro-me na fase adulta. Conseguimos chegar aos batalhões, cada qual com suas características, sons, indumentárias e sotaques. Toadas cantam o amor pela pátria, pela terra, pela índia, pelas lutas. Bordados cultuam os Santos e datas de festas se reservam aos louvores.

Entretanto ainda existem espaços não preenchidos. Talvez aguardando personagens ou acontecimentos ressuscitarem em meio ao escombros do esquecimento. Talvez encarcerados pela vaidade ou interesses



escusos daqueles que estiveram lá para contar minha história, mas que no caminho se perderam querendo ser mais importante do que a própria história que contavam.

Neste quebra cabeça aprendi um pouco sobre minha vida. Aprendi que sou feito de crenças, costumes, raças, religiões e povos diferentes. Que eu não tenho só um pai ou só uma mãe. Sou filho daqueles que entregaram o bastão das suas experiências aos que lhe sucederam. Pra falar bem a verdade, pouco me importo se sou nascido neste ou naquele lugar. O que mais me importo é o que farão de mim daqui para frente. Pois vejo um mundo decadente dentro de uma cultura rasa e sem raízes fortes. E embora seja adulto, acho-me importante as crianças que já não sobem mais em árvores e se recusam a dançar em uma quadrilha junina.

Eu sou o Bumba Meu Boi e quero Urrar ao mundo que embora esteja ornamentado de santos, defendo o respeito aqueles que cultivam outras formas de fé. Sou o Boi que encantou o europeu, o indígena e o negro, o açoriano e o português. Sou o Boi que absorveu o calor dos porões dos navios negreiros, se mantendo em força, coragem e medo ao encarar a morte aplaudida nas arenas. Sou eu o símbolo de Brasilidade.

Hoje estou á disposição daqueles que acreditam nas minhas potencialidades pedagógicas. Sim! Eu tenho muito a ensinar aos pequenos, pois sou feito da mais pura ingenuidade artística. Eu pastei pelos campos verdes, mas também corri, lutei e sangrei nos Chãos de Lobos. Conheço a história de meu país e do povo que adotou esta terra.

Estou hoje em Olímpia, nesta cidade que levanta todas as bandeiras do folclore e da educação. E meu Urro ecoa ao longe. É o Boi pedindo passagem com suas ferramentas de aprendizagens, trazendo consigo sua galhardia, beleza, magia e encantamento. É o Boi que ensina a criança a partilhar, é o boi que ensina a criança que é preciso morrer para se renascer para o novo. Em um país construído de sangue, suor, injustiças e desigualdades, mas que também foi e é solo de grandes homens e mulheres que nesta terra viveram e vivem. Eu sou filho do Brasil, e filho dos Sonhos de cada um que se dedicou a viver e sobreviver. Obrigado amigo por me desvendar. Eu sou Bumba meu Boi.

Márcio Guimarães

Pedagogo, Pesquisador e Mestre de Boi de Mamão em Florianópolis Santa Catarina

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Felipe Calil – O Bumba Meu Boi na Província da Bahia e Outros Bumbas – Editora Alta Performance Goiânia GO
ABRÃO, FELIPE Calil – O Bumba meu Boi do Século XIX – Fontes Hemerográficas, Literárias e Oficiais (1829 a 1900) Coleção Bumba meu Boi Vol.3 Editora Alta Performance Vol.3 Goiânia GO
ABRÃO, FELIPE Calil – Boiada Reunida – Capítulo Encantados e Encantarias no Folclore Brasileiro – Mundicarmo Ferreti, Editora Alta Performance 1ª Edição -2023 Goiana - Goiás
ANDRADE, de Mario – Danças Dramática do Brasil Editora Garnier, Editora Edição 1 de janeiro 2002
BARROSO, Oswald. Más Caras – Do Teatro Ritual ao Teatro Brincante Fortaleza – CEEExpressão Gráfica e Editor, 2019
BASTOS, José de Menezes - Ensaios sobre a farrá do boi – Florianópolis Editora UFSC 1993
Complexo Cultural do Bumba Meu Boi – Dossiê do Registro –São Luis – MA Janeiro 2011
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia:Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra S/A. 1996.
LEAL, Luiz Augusto Pinheiro : Capoeira, Boi-Bumbá e Política no Pará Republicano (1889-1906) - Afro Ásia, numero, 32, 2005, pp.241-269 Universidade Federal da Bahia - Bahia Brasil
MENDONÇA, Luis. História da Imigração Açoriana (séculos XVII-XX) – Ponta Delgada, Editora Letras Lavadas, 2024
NUNES, Fábio Santana, "Dossiê "A LOS TOROS!": AS TOURADAS EM FEIRA DE SANTANA (1893-1905) – Caminhos da História - [Universidade Estadual de feira de Santana (UEFS),Brasil vol.26,núm. 1,2021
Piazza, F Walter. O escravo numa economia minifundiária
Editora da resenha Universitária Udesc - 1975 São Paulo - SP
SOARES, Doralécio. Folclore Catarinense. Editora da UFSC, 2002 – Florianópolis - SC

R E I N V E N Ç Õ E S D O B O I : **As complexas relações de troca do bumba meu boi do Piauí com a brincadeira de boi do Maranhão e do Pará**

Em dois de maio deste ano, lá pelo começo da tarde, enviei para Dó¹, radialista, dono de boi e compositor de toadas de São Luís do Maranhão, uma toada do Boi Imperador da Ilha, de Teresina. Dó tem um ouvido apurado e é grande conhecedor dos sotaques e instrumentos, assim, ao escutar uma toada, ele imediatamente a relaciona à alguma vertente do boi. Em resposta, ele me mandou o áudio transcrito a seguir:

– Boa tarde, professor! De onde é esse boi? Ele tá com o sotaque meio indefnido, não é? Se é sotaque da baixada, tocada pandeiro, ou a caixa, ou da ilha. Mas é de outro estado, um sotaque que deles, não é. Eu apenas achei, assim, uma indefinição no sotaque. Mas é muito bom a gente divulgar esse boi.

Quando ouve a toada, imediatamente ele nota estas características particulares da sonoridade, do ritmo do Imperador da Ilha. Esta indefinição da qual ele fala pode significar, na verdade, justamente o sentido da interpretação de Mello Moraes Filho (1999) ao chamar de “caldeamento estético” as manifestações culturais que temos. Ou seja, cada expressão da cultura brasileira revela um caleidoscópio de influências, de variadas culturas e gentes. E com o Boi não seria diferente. Ele é um universo inteiro, mas não um homogêneo, planejado; pelo contrário, é um símbolo que se apresenta de maneiras variadas, a depender do lugar, da época, do brincante e do espectador. Neste sentido, esta indefinição da qual Dó fala pode ser, na verdade, os resquícios das influências que o Imperador da Ilha recebeu ou causou.

Compreendemos aqui que o Bumba meu boi seria a manifestação cultural dos mecanismos de resistência, sobrevivência e sociabilidade dos povos africanos escravizados no Brasil. Ou seja, ele é o produto das relações complexas que os escravizados viviam e dos enfrentamentos que travavam. O Boi sobrevive, incansável, se reinventando e se adaptando cada vez que vê necessidade. O Boi sabe caminhar pela tênue linha das relações políticas e sociais que envolvem a Cultura. Filho de um século de profundas mudanças no Brasil, das instabilidades e transformações políticas, das lutas e levantes sociais, do Abolicionismo e da Independência².

Há, de certa forma, uma tenacidade astuta no Boi que o permite sobreviver e prosperar mesmo em regiões isoladas onde a comunicação e a compreensão do quadro geral estão complicadas. Identificar e incorporar o novo é um dos traços mais característicos do Boi, e seu bailado envolvente e sinuoso para lidar com as confluências políticas e sociais o fazem, de certa maneira e em certo grau, um retrato das subjetividades das experiências e sobrevivências de um brasileiro do século XIX quando o Boi surge, ou do XXI no qual escrevo³.

O BOI PIAUIENSE

O estado do Piauí tem um território alongado, mas relativamente estreito, o que significa que ele se estende pela lateral oeste do Nordeste quase que completamente. Ele faz fronteiras com o Maranhão por toda sua borda ocidental e com o Ceará do lado oriental em sua metade norte. Com Pernambuco no meio leste e com a Bahia no sudeste e sul. Mesmo que na década de 1950 o chamado êxodo rural já tivesse acontecido em muitas outras capitais, a população piauiense permanecia concentrada no interior. Com uma economia baseada na pecuária e no extrativismo, só havia alguma migração acentuada perante crises, mas só seria no meio do século XX que ocorreria um deslocamento populacional mais significativo do interior para a capital.

O entremeio entre a fundação da nova capital e a ascensão dela fez com que Teresina permanecesse pouco populosa em seu primeiro século de existência. Esta falta de unicidade (Queiroz, 1993) fica às claras no fato de que até meados do século XX não havia estradas que ligavam as regiões do Piauí entre si, mas delas com os estados fronteiriços. Mas, principalmente, pelo fato de que o principal meio de locomoção até meados do século passado era marítimo e fluvial. Ou seja, quem estivesse em Parnaíba teria mais facilidade para ir ao Ceará, ao Maranhão e ao Pará que ao sul do estado do Piauí. Não havendo estradas conectando as regiões e com a possibilidade de navegação afetada pela época do ano, há ainda a questão de que não havia muitas cidades próximas ao rio até depois da fundação de Teresina, justamente porque o Piauí surge em função da pecuária e do extrativismo, principalmente na parte sul através da ocupação dos baianos que buscavam pastagens.

Isto ocorre em função da fragilidade de Teresina, que não reunia em si a totalidade das confluências do estado até então. Sendo uma capital frágil, as cidades interioranas se relacionam entre si ou com outros estados. É preciso lembrar que não há isolamento real quando há possibilidade de troca. O que existe é o estabelecimento de uma conexão em detrimento de outra. Esta ausência de unidade permaneceria até a década de 1950 (Queiroz, 1993), quando a situação piauiense sofreria uma virada.

Iniciada em 1939 e terminada em 1945, a Segunda Guerra Mundial não ficou só na Eurásia, mas atingiu o mundo de uma maneira incontornável. No Piauí, o efeito principal foi o crescimento excepcional das exportações da cera de carnaúba, o que alavancou a economia do estado. Se por um lado isso pode representar um avanço, a dependência econômica de um único insumo, por outro, debilita economicamente aquela sociedade. E quando a guerra acaba em 1945, a queda abrupta nas exportações na segunda metade da década fragiliza a economia piauiense e reorganiza as dinâmicas entre as regiões e as cidades. Nesse ponto, inicia-se uma migração das cidades interioranas para Teresina, que, paulatinamente, vai se tornando o centro populacional do Piauí.

E quando uma pessoa se muda, nunca vai sozinha. Na bagagem carrega saberes e costumes que aprendeu em seu lugar de origem, e agora os leva para o novo ambiente em que passará a viver. Assim, quando uma família do interior do Piauí se muda para Teresina, cada integrante dela carrega alguma particularidade. Seja por gênero, racialidade ou idade, cada pessoa apresenta e representa o lugar de onde veio de uma maneira própria. Quando se muda um núcleo familiar de uma cidade do sudeste do estado para a capital, o menino de dez anos irá utilizar e relacionar as práticas culturais de sua região de maneira diferente da mulher de 40. Isso significa que há sempre algo de peculiar na forma como cada indivíduo compreende e interpreta o mundo ao longo da vida.

Como já discutido, o Bumba meu boi no Piauí é profundamente atravessado pelas influências dos outros estados. Tanto que à sudeste, o Boi está no Reísado, assim como no Ceará e na parte do rio São Francisco na Bahia. Ao norte, em Parnaíba, o Boi tem maiores proporções, assim como no Pará, além de compartilharem personagens como o Cazumbá, também presente no Boi de baixada do Maranhão. Mestre Cardoso, parnaibano que se mudou para o estado do Pará, começou a brincar nos Bois da região aos dez anos, e quando tinha 14 montou o seu primeiro brinquedo, o Boi Dominante. Morou em Carutapera, no Maranhão, e depois em Viseu, Bragança, Poço Novo e, enfim, Ourém, todas cidades do Pará. Viveu em Ourém até o fim de sua vida⁴. E depois da regulamentação do campeonato de Bois de Parnaíba, a proximidade do Boi parnaibano com o Bumbá amazonense de Parintins se intensificou, mesmo que essa conexão remonte à relação desde o Ciclo da borracha. Esses vínculos denotam que uma região aprende e ensina a outra. O Bumba meu boi de Teresina também vive essas simbioses, especialmente sendo uma cidade planejada.

Em Teresina – Subsídios para a História do Piauí, Monsenhor Chaves dirá, na parte intitulada Festas do Passado: “no São João, o boi, as fogueiras, os balões, os fogos, merecendo especial menção os terríveis buscapés” (2013, p. 32). E ainda que ele fale em um Boi de São João já no século XIX, ele não parece ter sobrevivido à virada do século visto que não encontramos quase nenhum vestígio deste Boi de São João. Cabe lembrar que no interior o Bumba meu boi poderia não ser tão noticiado, o que até pode justificar o fato de termos encontrado apenas quatro fontes no século XIX no Piauí, todas de Teresina, nas capitais havia uma preocupação com pureza e civilidade que não permitiria que este tipo de manifestação popular passasse despercebida.

As quatro fontes sobre Bumba meu boi no Piauí no século XIX são todas relacionadas ao São João. Apesar de serem em décadas diferentes, todas compreendem dos primeiros anos de Teresina até a Proclamação da República. Além da menção feita por Monsenhor Chaves, transcrita acima, também temos um pedido de licença às vésperas de São João e São Pedro.

APPI (PI) – 22 DE JUNHO DE 1857

P. Secretaria de Polícia Ilmo. Sr. Dr^o. Chefe de Pol^a.
(rubrica ilegível)

Maurício, escravo de Franc.^o Mendes de Sousa, morador nesta cidade tendo obtido licença do seu Senhor para dirigir o brinquedo denominado Bumba meu boi em vésperas de São João e São Pedro a’ noite, vem pedir a’ VS se digne a conceder-lhe licença p.^a poder sair a rua nas referidas noites, sujeitando se o Suppr.^a aos direitos respectivos, pelo q. //.

Na

E. R. Mce.

Pelo Suppr.^a q. sabe escrever

Antonio Jo Bapta. Serra.

APPI – Pasta: Teresina ~ Coletora ~ Escravos. SEGOV: Arquivo Público do Piauí, 1857
APUD FERREIRA, Elio. O Bumba-meu-boi ‘nasceu’ no Piauí e depois foi para o Maranhão?.
Rota 343, 28/06/2020. Acesso: 18/04/2023.

Interessante notar que Maurício já havia conseguido permissão de seu proprietário para dirigir o brinquedo, o que significa que havia alguma aceitação do Boi. Se ele conseguiu a licença para sair às ruas não sabemos.

Segundo Mairton Celestino da Silva (2008),

“Constantemente reinventada por seus participantes, a diversão do boi foi gradativamente ganhando o status de “brinquedo”, sendo durante o século XIX caracterizado como um instrumento do protesto cativo. Talvez seja por isso que muitos escravos para utilizá-los nas festividades populares precisavam pedir licença municipal, concedida pelo próprio delegado de polícia de Teresina. Foi o que aconteceu em julho de 1862 com o escravo Rufino, pertencente à Cândida Canária. Antes de colocar o bumba-meu-boi nas festividades de São João, Rufino pediu, nos dias que antecederam à festa, a devida licença para se apresentar ao público. Segundo informações prestadas pelo próprio escravo, seu objetivo era de alegrar a população e conseguir alguns recursos nos dias de festa, porém Rufino exagera na brincadeira, ao apresentar no ritmo do tambor e da “frenética dança” uma “cantiga” que, segundo as palavras do delegado, “envolvia nomes de pessoas estranhas ao tal brinquedo; e por isso casei a permissão que dei para ser ele apresentado ao público desta cidade.” (p. 106).

Assim, novamente, o boi aparece no São João. Os nomes estranhos aos quais o delegado se refere, podem ser Pai Francisco e Mãe Catirina. A última fonte de bumba meu boi no Piauí no século XIX a que tivemos acesso é de um jornal que o criticava com o comum adjetivo atribuído ao boi: selvageria.

OITENTA E NOVE (PI) – 25 DE JUNHO DE 1874

DIVERTIMENTO SELVAGEM: Mais uma vez, vespera do dia de S. João, houve n'esta capital o detestavel folguedo do boi; alias tão aplaudido por muita gente de gosto depravado! Triste espetáculo, no meio de um povo que aspira aos fóros de civilizados!...

Oitenta e Nove (PI – 18 a 1), Teresina, 1874, ed. 24, pg 3. IN: Hemeroteca Digital.

Vale ressaltar três coisas sobre essa matéria. A primeira é que ela começa dizendo “mais uma vez”, o que significa que aquela não era a primeira vez do Boi nas ruas de Teresina. A segunda é que exceto na obra de Monsenhor Chaves, essa é a primeira vez que fica claro não só que o Boi existe, mas que conseguiu brincar. E a terceira é que reforça a ideia de que uma parte de Teresina repudiava o Bumba meu boi porque o viam como o contrário do ideal de civilidade que almejaram alcançar. O Boi de São João vai ressurgir apenas na década de 1930 com o Boi do Matadouro quando três irmãos maranhenses se mudam para Teresina para trabalhar no matadouro da cidade. O Boi do Matadouro era um Boi de matraca, e o Mestre Passarinho era ligado ao Boi da Madre Deus, de São Luís do Maranhão⁵. Posteriormente, ele se consolidaria como o Riso da Mocidade⁶. Quando chega, é só com a matraca. Depois, em Teresina, ao se misturar com os imigrantes dos dois lados do rio, o som do Boi se diversificou e o sotaque foi surgindo.



Foto apresentada a mim pela professora Mundicarmo Ferretti. Seu Maleiro, atual mestre do boi, identificou vários personagens da imagem. Essas informações foram repassadas à Comissão Maranhense de Folclore.

O Boi de janeiro piauiense, por outro lado, parece ter sobrevivido melhor, tendo maior continuidade neste período de aparente sumiço do Boi de São João. Atualmente, no entanto, o Bumba meu boi atrai um público maior que a Festa de Reis, ao longo do Rio Parnaíba – de Parnaíba até Florianópolis –, o que pode estar relacionado à maior força da navegação, que permitia maior contato entre as cidades dessa região. Sobre a segunda metade do século XIX, Silva (2008), dirá que

“A presença do bumba-meu-boi nas festividades da cidade era bastante comum, principalmente na folia de Reis, uma das brincadeiras que mais preocupava as autoridades públicas. A quantidade de licenças para barras e pedidos de vendas de alimentos e



comercialização de fogos encaminhada pelos populares à Secretaria de Polícia, durante os dias da festa, apontam para um sensível aumento dos praticantes da folia de Reis na cidade”

Em Teresina havia três irmandades religiosas, como relata Monsenhor Chaves “a de São Benedito, criada no dia 6 de janeiro de 1861 e instalada no mesmo dia sob os auspícios do mui reverendo arcebispo, vigário Mamede Antônio de Lima, na igreja matriz. Tinha por finalidade honrar e festejar São Benedito todos os anos no dia de Reis.” (2013, p. 55). A Igreja de São Benedito é fundada pouco mais de uma década depois da criação da irmandade, em 1874. Silva (2008, p. 106) dirá que

“a presença de forros e escravos na celebração do Boi-de-Reis era tanta que a data de celebração dos festejos da igreja de São Benedito, o padroeiro dos pretos e escravos da capital, passou a acontecer no dia 6 de janeiro, época das festivas brincadeiras do boi”⁷.

Parece plausível levantar a questão da relação dos Bois com a religião. Veja: o Boi de São João, pelo menos no Piauí, é mais agitado, mais desenfreado, com personagens que atormentariam mais facilmente a mente de um autêntico defensor da civilidade e da ordem na Teresina oitocentista. O Boi de janeiro, por outro lado, pode ser mais aceitável tanto por ser menos abrasivo, quanto por se relacionar de maneira mais fácil com a religião e a cristandade pelo período em que acontece e por estar dentro da Festa de Reis. Nesse sentido, a Independência em 1889, a criação da Vigararia Forânea do Piauí em 1890 (Chaves, 2013, p. 54) e a criação do bispado em 1901 (o Decreto de Instalação é de 1903 e o bispo só chega em março de 1906) poderiam ter impactado no que parece ter sido o temporário desaparecimento do Bumba meu boi em Teresina durante quase que toda a Primeira República. Vale lembrar, ainda, que no século XIX, a Festa de Reis, em muitas regiões brasileiras, era mais popular que o próprio Natal.

O BOI TERESINENSE

O Boi de Teresina se desenvolveu sob forte influência do Maranhão, inclusive lembrando o ritmo mais lento do sotaque de baixada, mesmo que com instrumentos diferentes. Segundo Leôncio Rodrigues, em entrevista que concedeu ao Diário do Povo em 1977⁸, o primeiro sotaque maranhense foi o de “caxias”, em Humberto de Campos, Tutóia e Barreirinhas, região muito próxima do Piauí. Isso não significa, necessariamente, que o primeiro sotaque seja o de caixa, mas é possível que se trate um sotaque bastante antigo que foi conhecido tanto pelos piauienses que foram ao Maranhão quanto pelos maranhenses que fora ao Piauí. Margens opostas do mesmo rio, esses estados estabeleceram trocas intensas desde o começo.

Não somente tais questões estruturais, mas a própria história do Piauí e sua consolidação enquanto estado são indicadores das fortes relações que ele estabelece com seus vizinhos, principalmente com a Bahia e Maranhão. A Capitania do Piauí integrou o Estado do Maranhão de 1772 até 1811, quando Dom João VI decretou a separação, estabelecendo a autonomia administrativa do Piauí.

O sotaque de caixa pode ter impactado de alguma forma o Boi piauiense mais próximo do Maranhão, deixando reminiscências na sonoridade dele mesmo que tenha se tornado muito mais próximo do sotaque de baixada de Teresina. Considerando o que afirmou Leôncio Rodrigues Sobrinho, o sotaque de caixa seria muito antigo (para ele, o primeiro do Maranhão), e teria surgido em Humberto Campos, Tutóia e Barreirinhas. Tutóia já é próxima do rio Parnaíba e as cidades de Barreirinhas e Humberto Campos estão entre ela e São Luís. Como frisado, havia muitos piauienses que saíam de seu estado e iam ao personagens em busca de melhores condições de vida, especialmente durante as crises enfrentadas no Piauí. Da mesma forma, maranhenses se mudavam para o Piauí. Tutóia é próxima de Parnaíba, que já era uma cidade em desenvolvimento. Essa circulação de pessoas e costumes pode significar não só que as culturas boieiras se



relacionavam ao longo das margens de todo o Parnaíba, mas que os sotaques dos Bois maranhenses podem ter mudado desde a época relatada por Leôncio até os tempos em que se tem maior documentação. Além disso, muitos maranhenses e piauienses foram para Belém, principalmente à época do ciclo da borracha, o que pode ter permitido interações e trocas que eles levaram de volta e que podem ter influenciado nos sotaques tradicionais de seus estados, como o ritual de morte dos Bois de zabumba do interior do Maranhão, da mesma forma que podem ter deixado reminiscências desse contato, como os personagens do Boi de baixada do Maranhão.

Segundo Viviane Pedrazani (2010)⁹, os personagens do Boi teresinense são o Amo, o Pai Francisco, a Mãe Catirina, o Vaqueiro, os Índios e o Doutor. Os instrumentos são pandeirão, maracá, tambor-onça, apitos, matraca¹⁰, cuícas e pandeiros.

O BOI DE PARNAÍBA

No caso do Boi de Parnaíba, cidade mais antiga que a capital Teresina, a conexão com o Maranhão e o Pará, em vários momentos, foi mais expressiva do que com outras regiões do Piauí. O Boi parnaibano, no século XX, é mais antigo que o da capital na medida em que os grupos existentes em períodos mais recentes remontam desde antes do teresinense.

O Boi parnaibano, estando num delta, está separado do Maranhão apenas pelo rio Parnaíba. O sotaque de tambor é o predominante em Parnaíba e na região do Maranhão próxima ao rio. Há de se ressaltar que a depender do grupo, há alterações nos ritmos, na medida em que um tem mais contato com Teresina, como o Rei da Boiada, atualmente comandado pelo Batista, e outros tem mais contato com o Delta do Parnaíba, como o Novo Fazendinha. Como o Boi do saudoso Seu Bandeira, que é influenciado pelo sotaque de baixada maranhense tocado à caixa.

O Bumba meu boi de Parnaíba, e o seu Ritual de morte de Boi em particular, não é uma brincadeira isolada dos seus estados vizinhos. Nossas pesquisas apontam que ele conversa com pelo menos duas tradições. A primeira seria a do delta do Parnaíba, região onde está localizada a cidade de Tutóia, reconhecida como um dos principais viveiros de cultura popular no Maranhão e também de várias pequenas cidades entre Tutóia e Parnaíba, cuja população é influenciada pela cultura de Tutóia e há muitos anos tem migrado para Parnaíba (Botto, 1931). Essa tradição parece dialogar bastante com os bois da Ilha Grande Santa Isabel, onde se localizam os Bois Novo Fazendinha e seu “contrário”, Brilho da Ilha, bem como outros pequenos grupos. A linguagem usual entre os boieiros de se referir ao grupo rival como “contrário” era usada na segunda metade do século XIX para se referir à pessoa que estava com o diabo no corpo. O mestre do Novo Fazendinha é João Ribeiro e seu filho Canarinho é quem canta. O Brilho da Ilha foi fundado por Dona Lúcia e ela ainda o comanda; atualmente seu filho é quem canta no Boi. Durante o campeonato de Boi de Parnaíba de dez anos atrás, João Ribeiro cantou uma toada muito antiga, como indicou Dona Lúcia, que encontramos também no Folclore Brasileiro – Piauí (Oliveira, 2016). A toada diz: “(Eu) tava na beira da praia / quando avião posô sô. / Ô foi coisa que eu achei bonita: / um aparelho cum doze motô. / Ô foi tô” (Oliveira, 2016). Em 2024, em Parnaíba, o SESC promoveu um encontro de dois mestres. Nesse encontro, João Ribeiro, do Novo Fazendinha, cantou, novamente, essa mesma toada¹¹. Sobre essa interação do SESC com a cultura boieira da região, há de se ressaltar algo que, talvez, alguém já tenha notado durante a leitura do texto. Aqui, a todo momento falou-se em Amo de boi, e não mestre. Essa palavra surge soberana neste artigo porque à época dessa pesquisa, os comandantes dos Bois em Parnaíba eram chamados de Amos do Boi, e esse título era prestigioso. Depois da aproximação com o SESC e com a pasta da cultura em geral que se começa a chamá-los de Mestres.



A segunda tradição é representada pelo Rei da Boiada e pelo Igarçu, Bois viajados e acostumados a participar de festivais fora de Parnaíba. O Igarçu havia parado por um tempo, mas depois que o conheci ele brincou mais dois anos sob o comando do Mestre Bandeira, até que, infelizmente, ele nos deixou. Mestre Bandeira é um dos grandes exemplos das circulações do Boi. Em 1957, como palhaço de circo, passou um mês no Maranhão, mas não viu nenhuma brincadeira de Boi. Depois, morando em Caxias, voltou para São Luís, onde passou quase dez anos e viu algumas apresentações, como a do Boi de Viana, o “brilhoso” Boi de Laurentino e o Boi de orquestra de Rosário. Se os brincantes de hoje, em Parnaíba, gostam de afirmar as particularidades do Boi local, relacionando a batida do Boi de Parnaíba à tradição e zelando pela sua manutenção, seu Bandeira parece mais aberto ao que viu no Boi maranhense, o que fica demonstrado no trecho da entrevista transcrito abaixo: “A minha música é diferente, quando eu canto toada, eu canto a toada do Boi de orquestra do Maranhão, ela fica diferente, os tambor é daqui, o estilo do pessoal baterem tambor é diferente deles (Bandeira, 2014). Seu Bandeira ganhou a cópia de um livro que nós infelizmente não conseguimos identificar o título nem a autoria, mas pode ter sido o livro de Noé Mendes de Oliveira, Folclore Brasileiro – Piauí. Ele se lembra dos personagens e fica indignado com a incorporação de personagens do Boi-Bumbá ao Boi parnaibano. A cópia foi extraviada. Muita coisa da história do seu Bandeira foi levada por uma enchente no bairro Piauí, onde ele residia em Parnaíba, depois que saiu da ilha onde tinha sido Mestre de Boi.

Na tabela a seguir, estão relacionados os integrantes do Rei da Boiada da competição oficial de São João de 2015¹².

Personagem	Quantidade	Personagem	Quantidade
Caboclos reais	26	Índias	12
Vaqueiros adultos	16	Sargentos	2
Vaqueiras mulheres	11	Cavaco	1
Tamborzeiros	10	Banjo	1
Facas	3	Índia iaporanga	1
Roncadeira	1	Amos	3
Índias guerreiras	2	Cacique	1
Porta estandarte	1	Curandeiro	1
Pajé	1	Catrevagem completa	5
Sinhazinha	1	Organização	16
Boieiros	36	Produção	6
Vaqueiros mirins	12		

A brincadeira sofre influência dos estilistas carnavalescos que atuam no Bumba meu boi. Outra influência é a do Boi-Bumbá, essa parece ter se acentuado há 20 anos, com o regulamento da Secretaria de Cultura para o São João da Parnaíba, que atribui nota às personagens oriundas do Boi-Bumbá de Parintins, na Amazônia. Os instrumentos que pontuam são tambor, roncadeira, maracá e apito. Nesta pesquisa, feita há dez anos, meu olhar inicial foi de que haveria uma certa parintização do Boi. No Boi de Arlindo, a exemplo, que à época dessa pesquisa chamava-se Flor do Lírio, a índia iaporanga dançava como as índias de Parintins, mesmo que ao som do sotaque de tambor de Parnaíba. Desde então, essa ideia foi sendo lapidada e complexificada. No entanto, de fato, houve o que poderíamos chamar de modernização do Boi, através da implementação das verbas destinadas à Cultura. Arlindo Leão, secretário de Cultura, foi uma figura importante para esse processo, conforme voltou o olhar para essa faceta da cultura parnaibana. Em sua gestão foi inaugurada a Praça Mandu Ladino, em 2007, onde está o Quadrilhódromo, estrutura destinada à eventos onde acontece o campeonato.

Os personagens em Parnaíba são o Boi, a Burrinha, o Folharal, Pai Francisco e Catirina (ou seja, o boi e a catrevagem). O folharal é uma figura que lembra muito o Cazumbá maranhense. Noé Mendes de Oliveira (2016) descreve na primeira edição do Folclore Brasileiro – Piauí em 1977 que



há dois personagens em Parnaíba que não aparecem em Teresina: o Cazumbá ou Bicho Folharau e a Cunhã, que seria a mulher do Cazumbá. A Cunhã que ele descreve era sempre uma travesti. Benjamin Santos (2019), ao contrário de Noé Mendes, fala em Doutor Cazumbá e Folharal, mas não em Cunhã. Há, ainda, uma personagem que foi absorvida de Parintins, a Sinhanzinha. Os instrumentos do boi em Parnaíba são tambor, roncadeira, apito e maracá (Santos, 2019). Penna Botto, ao falar sobre o tema em 1930, diz que

Outra coisa chocante em Parnaíba e que está a chamar a ação policial é a bacanal conhecida pela denominação de: “o boi”. Trata-se de grupos de caboclos e pretos, homens e mulheres, todos indivíduos desclassificados, que percorrem as ruas da cidade, de dia e à noite, desde S. João (24 de junho) até S. Pedro (29 de junho), as vezes até mesmo 1 de julho. A frente de cada grupo vá, aos pinotes, um robusto negralhão fantasiado de “boi”; ao “boi” segue-se o tocador de um instrumento sonoro africano, uma espécie de tambor que emite sons mistos e plangentes, e atrás, aos saltos e gritos, uma quarentena de maltrapilhos, seminus, arquejantes, ébrios... E uma cena verdadeiramente africana, de uma selvageria impressionante! Por mais de uma vez foi despertado, alta madrugada, pela passagem barulhenta “Boi” pela porta as Capitania. No último dia cada grupo “mata o Boi”, simbolicamente, no meio de uma orgia pandemônica!... (BOTTO, 1931, p. 214-215).

Esse “instrumento sonoro africano, uma espécie de tambor que emite sons mistos e plangentes”, parece ser o tambor-onça, como indicado por Rafael Galante (2018). Assim, também é possível que tenha existido tambor-onça em Parnaíba na virada da década de 1920 para 1930.

Assim, o Boi parnaibano se relaciona inicialmente de maneira muito frequente com o Maranhão e o Pará pela proximidade com essas regiões, principalmente com o Maranhão. Separados apenas por um rio, o Parnaíba, toda a região do delta do Parnaíba compartilha uma relação de troca que remonta ao período colonial¹³. É importante ter em mente que as tendências circulavam, ora mais, ora menos, às vezes daqui, às vezes de lá, mas circulavam. Por vezes, eram nos espaços de tempo entre uma leva de gado para exportação ou a mudança de uma família. Como a Historiografia das últimas décadas se preocupa em deixar claro, a vida acontece, em grande parte, nos pormenores do dia a dia, na aparente pequenez dos eventos rotineiros.

Relembrando o começo deste texto, é preciso ter em mente que o que poderíamos chamar de vicissitudes do boi são sua âncora de muitas maneiras. Capaz de se adaptar, ele consegue surfar as mudanças que o tempo impõe. E essas adaptações não são apenas geográficas, mas também estéticas e organizacionais. A tradição do boi em Parnaíba, a exemplo, conseguiu se manter viva e dinâmica ao longo do século XX, como evidencia o exemplo do grupo Rei da Boiada, que, apesar de ter surgido com esse nome apenas em 1963, carrega uma herança ainda mais antiga, resultado da fusão e reinterpretação de diversos bois locais. A longevidade e resiliência do boi parnaibano vêm justamente dessa habilidade de absorver influências externas — como o sotaque de Teresina, que vem do impacto dos bois de matraca e de baixada do Maranhão, e até a inclusão de mulheres no batalhão após observar o sucesso do Boi Pirlampo de São Luís — e reelaborá-las dentro de uma tradição própria.

Simultaneamente, o desaparecimento de diversos bois, por vezes de forma gradual, por vezes de forma abrupta, evidencia que além da resistência física ou econômica, a sobrevivência também se dá graças à capacidade de diálogo com o novo e à conexão com a comunidade local. Impactado pelas conjunturas sociais, econômicas, culturais e políticas, o boi tem de saber surfar os altos e baixos das ondas inerentes a qualquer manifestação humana. Batista, Amo do Rei da Boiada, é um exemplo dessa abrangência que os bois têm de ter: é poeta repentista, presidente do Parnaíba Futebol Clube, vereador, presidente da Sociedade de Bois de Parnaíba, neto de Amo, filho de Amo, e Amo de boi. Reúne em si uma série de funções que, de uma maneira ou de outra, contribuem para que o Rei da Boiada resista.



Segundo Pedro Silva (1988), sobre a cantiga O Meu Boi Morreu (O meu boi morreu / Que será de mim? / - Manda buscar outro, / O maninha, / Lá no Piauí!),

“aquele versos da cantiga muito divulgada na segunda década deste século, só foram conhecidos no Piauí por cerca de 1914 quando da temporada artística da trupe “Las Americanitas”, dirigida pelo astro espanhol Galhardo, que os cantaram no velho Teatro 4 de Setembro de Teresina e, posteriormente, num teatrinho particular, da mesma trupe, que foi instalado num prédio da praça Rio Branco na mesma cidade onde até 1921 funcionou o Cinema “Fenix”, da extinta empresa cinematográfica Nogueira & Avelino. Talvez mesmo não sejam aqueles versos de nenhum outro Estado do norte brasileiro, pois a escritora Mariza Lyra informa ser aquela cantiga de autoria do falecido maestro carioca Luís Moreira”.

A toada seria gravada em 1916 por Eduardo das Neves e Bahiano. Nesse sentido, essa seria uma tradição mais recente do se imagina. Assim, quando Penna Botto (1931) descreve o boi parnaibano do São João de 1930, é possível que esses bois já conhecessem a cantiga.

Arlindo, do Flor do Lírio, contestou a afirmação de que teria sido o Rei da Boiada a incluir mulheres pela primeira vez em Parnaíba, por suas sobrinhas já terem brincando como indiazinhas, antes de se mudarem com o pai para o Maranhão. Talvez por serem crianças não tenham causado tanto impacto. Depois de se mudar para o lado maranhense do delta, Mano, irmão de Arlindo, dirige um boi que lembra o de Parintins. O Flor do Lírio mudou de nome depois que o Amo Arlindo parou de cantar. Até 2024 ele apresentou-se como Lírio do Campo, o nome antigo do boi, sob o comando de Mestre Luiz Carlos.

No restante do estado, a brincadeira de boi sempre aparece dentro do Reisado, com a figura do boi sempre aparece como um personagem, como que incontornável¹⁴. Parafrazeando Oswald Barroso (2013, p. 25), “se desenvolve em autos, como uma rapsódia de contos, danças e entremeses incluindo obrigatoriamente o episódio do boi”.

Segundo Batista (2025), este ano os bois que sairão serão: Rei da Boiada, Estrela Cadente, Novo Fazendinha, Brilho da Ilha, Tira Fama, Brilho da Noite e Lírio do Campo. Por fim, vale citar que vi boi no Piauí em mais duas cidades: Barras e Batalha. Elas ficam no meio entre Teresina e Parnaíba. Nas duas tem boi tocado à matraca. O interessante é que em ambas as duas cidades os brincantes formam um círculo e a matraca é tocada num ritmo mais lento que a maranhense.

O BOI DE FOGO DE AMARANTE E FLORIANO

Em Amarante, a brincadeira já fora o Boi de Fogo, com os caboclos trajados de estopa, com as roupas molhadas e cobertas de lama para que aguentassem “os busca-pés, espadas, foguetes, bombas e outros fogos da época, que lhe atirava a rapaziada, na tentativa de tomar o boi” (Castro, s/d). Os personagens descritos por Nasí Castro (s/d) são Dona Maroquinha (a dona do boi), o Mestre, o Contramestre, o Alferes, o Tenente, o Sargento, o Caboclo Guerreiro, o Caboclo Real, o Bom Vaqueiro, o Pai Francisco, a Nêga Catirina e o Boi.

Em Floriano, cidade mais jovem que Amarante, o Boi de fogo também já está extinto. No entanto, como demonstrei em outros trabalhos, o fogo dependia da vontade do cliente, atendia-se às exigências do contratante. Segundo Né Preto (Soares; Ferreira, 1988), ele brincava no Boi desde criança, e era, de fato, bastante violento. A intenção era sempre não permitir que tomassem o Boi deles. Ele diz que o sentido da brincadeira era “a turma rica querendo tomar o boi dos pobres” para fazer uma festa. Seu Né Preto



brincou por cinco anos, quando o Boi de fogo foi impedido de sair às ruas porque um rapaz morreu queimado dentro do Boi e o poder público, em função disso, barrou a brincadeira. Ele herdaria o Boi de Alarico e o comandaria por 66 anos. Depois ele pararia porque se dizia velho e os outros brincantes também já não queriam mais. Então, ele deu o Boi à um rapaz. Seu Né Preto informou, ainda, que em Floriano, o Boi “passou cinco anos parados” (Soares; Ferreira, 1988). Apenas nos dois anos anteriores à entrevista em questão que voltou a ter boi, mas seu Né Preto diz que é “muito pequeno”, diferente do que comandava. Segundo ele, o Boi de Floriano é composto por palma, pandeiro, tamborim e maracá.

Na documentação da Missão de Pesquisas Folclóricas encontram-se mais referências sobre diversas partes do Piauí, incluindo ao Boi de Valença, havendo uma foto do Amo do Boi, e muito material sobre Teresina. Já tratei do assunto em outro livro, intitulado O Bumba Meu Boi da Província da Bahia e Outros Bumbas.

A capacidade de adaptação do Boi piauiense vai se revelando como profundamente conectada ao território. O Boi simboliza um animal, quem brinca nele tem relação com a terra, quem o inventa vivia, de sol a sol, a realidade do campo. Além disso, existe uma sagacidade ímpar no Bumba meu boi. Como dito anteriormente, ele sabe encontrar brechas. Mesmo em meio a limitações estruturais, o Boi desenvolve identidade própria.

Felipe Calil Abrão

Pesquisador do Bumba Meu Boi do Século XIX

NOTAS:

- ¹ João Evangelista Ferreira Alves, comandante há mais de uma década do programa Clube do Povo de São Luís, capital do Maranhão.
- ² Sobre o Bumba meu boi na Independência, recomenda-se O Bumba Meu Boi e as Independências do Brasil – Calil Felipe Abrão, 2024, publicado nos Anais do Simpósio Internacional Independências do Brasil (UFMS-2024); e sua outra versão, publicada sob o título O Bumba Meu Boi e as Lutas Sociais nas “Independências” do Brasil, no livro História do Bumba Meu Boi do Maranhão (1829-1900) – Calil Felipe Abrão, 2024.
- ³ Ao mesmo tempo, os Bois parecem muito suscetíveis a mudanças políticas. Em Parnaíba, à época do Novo Fazendinha e do Flor do Lírio, o PT tinha muita influência. Depois que Mão Santa se afasta do partido e assume a cidade, as competições e os grupos que ganhavam alternam e o cenário muda de figura. Naturalmente, isso não é uma característica exclusiva do Bboi nem da cidade.
- ⁴ Informações fornecidas por Allan Carvalho, cantor e compositor de Belém, doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e boieiro de carteirinha.
- ⁵ No livro O Bumba Meu Boi do Século XIX: Fontes Hemerográficas, Literárias e Oficiais (1829-1900), demonstramos que o Boi da Madre Deus é mais antigo do que se imaginava até então. Até o momento da escrita deste trabalho, a mais antiga menção ao Boi da Madre Deus data de 25 de junho de 1884. No século XIX ainda há outro registro de 19 de julho de 1891.
- ⁶ Quem falou sobre o Riso da Mocidade foi o Raimundo Rocha, pai de Mundicarmo Ferretti, em O Bumba meu boi.
- ⁷ Segundo Mairton Celestino da Silva, em nota de rodapé, “o folclorista Luís da Câmara Cascudo faz alusão a essa brincadeira do boi de dezembro, no Dicionário do Folclore Brasileiro. 10 ed. Ed Ilustrada, São Paulo: Global, 2001, p. 80.
- ⁸ Essa entrevista pode ser encontrada tanto no acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite, quanto no livro Um caso de polícia: pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão (1876-1977) – Mundicarmo Ferretti (org.), 2015.
- ⁹ Ela fala do Imperador da Ilha e do Dominador do Sertão.
- ¹⁰ Instrumentos segundo Pedrazani (2010).
- ¹¹ Quem informou desse encontro e dessa toada foi Lulu Maleiro, filho de Seu Maleiro, do Riso da Mocidade, tendo inclusive enviado um vídeo desse encontro.
- ¹² Burrinha, Doutor Cazumbá, Folhalal, Pai Francisco e Mãe Catirina (Santos, 2019).
- ¹³ O rio Parnaíba, já próximo de desaguar no mar, toma direções várias e se torna (ou afluí) em outros rios. O boi Igarçu, a exemplo, tem este nome por conta do rio Igarçu.
- ¹⁴ Para quem se interessar, esse olhar mais abrangente para o reisado piauiense pode ser encontrado na coletânea Boiada Reunida, organizado pelo autor e publicado como livro não vendável. Os volumes podem ser encontrados nas bibliotecas. Para o Reisado de Teresina, recomenda-se a leitura da dissertação de Laila Ibiapina Caddah, que também foi publicada como livro, intitulado Tradição e Invenção no Reisado: a brincadeira de Raimundo Branquinho.
- ¹⁵ O Boi de Fogo no Maranhão e no Piauí – Boletim da CMF, nº 64, 2018; O Boi de Fogo – O Bumba Meu Boi da Bahia e Outros Bumbas, 2022.

REFERÊNCIAS:

- ABRÃO, C. F. Apropriações e Tradições: o bumba meu boi do litoral do Piauí. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 62, p. 6-12. São Luís: CMF, 2017b.
- ABRÃO, C. F. O reisado do Massapê do Piauí. IN: ABRÃO, C. F. (org.). Boiada Reunida. Alta Performance: Goiânia, 2023.
- ABRÃO, C. F. Cópia contrário: Apropriações na terra do meu boi morreu. XXIX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Brasília, 2017.
- ABRÃO, C. F. O Boi de Fogo no Maranhão e no Piauí. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 64, p. 29-38. São Luís: CMF, 2018a.
- ABRÃO, C. F. O Bumba Meu Boi da Bahia e Outros Bumbas. Alta Performance: Goiânia, 2022.
- ABRÃO, C. F. O Bumba Meu Boi do século XIX: fontes hemerográficas, literárias e oficiais (1829-1900). Alta Performance: Goiânia, 2023.
- ABRÃO, C. F. Tradição ou tradições: o bumba meu boi no Norte do Piauí. III Encontro Internacional em História, Memória, Oralidade e Cultura. Fortaleza, 2016.
- ABRÃO, C. F. S.; SARAIVA, P. M. de. O Meu Boi Morreu: o Ritual de Morte do Bumba meu Boi "Rei da Boiada". Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 60, p. 17-22, jun. 2016.
- BANDEIRA, Raimundo. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em Parnaíba, 2014.
- BARROSO, O. Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas. Fortaleza: Armazém da Cultura, 1ª ed. 2013.
- BATISTIA FILHO, João. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em Parnaíba, 2014.
- BATISTA FILHO, João. Entrevista concedida à Felipe Abrão, via Internet, em 2025.
- CARACAS, Sebastião Correia. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em São Luís, 2014.
- CASTRO, N. Amarante. Projeto Petrônio Portela. Teresina, s.d.
- CHAVES, M. Obra Completa. Teresina: Fundação Municipal Monsenhor Chaves, 2013.
- Dona Lúcia do Brilho da Ilha. Entrevista concedida à Felipe Abrão, via Internet, 2025.
- FERRETTI, M. M. R. Um caso de polícia! Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977. São Luís: EUFMA, 2015.
- GALANTE, Rafael. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em São Luís, 2018.
- GALANTE, Rafael. Entrevista concedida à Felipe Abrão, via Internet, 2025.
- MELLO, Moraes Filho. Festas populares do Brasil - Tradicionalismo de 1888. Rio de Janeiro: Ed. B. L. GARNIER, 1888. Biblioteca Virtual do Senado Federal. OLIVEIRA, N. M. de. Folclore Brasileiro: Piauí. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 6ª ed., 2016.
- OLIVEIRA, N. M. de. Folclore Brasileiro: Piauí. Teresina: EDUFPI, QUEIROZ, Teresinha de. Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo. Teresina: APeCH/UFPI, 1993, 44p.
- REIS, Francisco. Chiquinho Folharal. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em Parnaíba, 2014.
- WILLIAM, Roberto. Entrevista concedida à Felipe Abrão, via Internet, 2025.
- ROCHA, R. O Bumba Meu Boi. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore: São Luís, nº 47, ago. 2010, p.15.
- RODRIGUES, João Batista. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em Parnaíba, 2015.
- SANTOS, Acrísio João dos. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em Parnaíba, 2015.
- SANTOS, Antônio Honório. Entrevista concedida à Felipe Abrão, em Parnaíba, 2016.
- SANTOS, B. Veredas da meia-lua: o Boi de São Joã da Parnaíba. Teresina: Halley, 1 ed., 2019.
- SILVA, M. C. da. Batuque na rua dos negros: cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.
- SILVA, M. C. da S. Entrevista. Agosto de 2018 e março de 2019.
- SOUZA, E. F. de S.; SOARES, W. Manuel Dias Carneiro - "Né Preto". Teresina: Corisco, 1998.
- SILVA, Pedro. O Piauí no Folclore. Fundação Cultural Monsieus Chaves, 1988, Teresina, 133p.
- TONI, F. C. A Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.



313. M. de Macedo (del) e Armando Pedroso (sculpt.). O Bumbá. 1883. Xilogravura [557]Foto_ MOURA, Carlos Eugênio Marcondes



Bumba-meu-boi (Foto: Alente Yuri Graneiro)



OLÍMPIA VIVA





EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OLÍMPIA E O FOLCLORE DO BRASIL

Formação Docente em Olímpia valoriza a Cultura Popular e a Identidade Brasileira

A cidade de Olímpia, reconhecida nacionalmente por seu Festival do Folclore e por sua atuação na preservação das manifestações culturais tradicionais, fortalece seu protagonismo com a realização do curso de extensão “Educação Patrimonial – Olímpia e o Folclore do Brasil”. A iniciativa, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, destinou-se à formação de professores da Rede Municipal e alcançou expressivo êxito entre os participantes.

Buscando valorizar e expandir a compreensão sobre o patrimônio material e imaterial local e nacional, por meio da capacitação dos profissionais que atuam diretamente na formação de crianças e jovens.

O curso destacou a Educação Patrimonial como instrumento essencial de “alfabetização cultural”, que permite ao educador e ao aluno o reconhecimento do espaço que habitam, de suas raízes históricas e simbólicas, e da importância da preservação de bens culturais. Em uma sociedade cada vez mais marcada pela perda de vínculos identitários e pelo avanço da homogeneização cultural, ações como essa reafirmam a pluralidade da cultura brasileira e o papel da escola como espaço de resistência, memória e valorização da diversidade.

A metodologia adotada combinou exposições dialogadas, debates, produção de trabalhos em grupo, exibições audiovisuais e encontros com convidados de notório saber. Essa abordagem reconhece o patrimônio como fonte viva de conhecimento, promovendo a apropriação consciente dos bens culturais e o fortalecimento do sentimento de pertencimento e cidadania.

Conteúdo programático: um mergulho profundo na cultura local e nacional

A estrutura curricular foi cuidadosamente organizada em quatro unidades temáticas, proporcionando uma jornada formativa ampla e integradora:

Unidade 1 – Educação Patrimonial: Introdução aos conceitos fundamentais, história de Olímpia e os ciclos econômicos que moldaram a cidade, com ênfase nas influências das correntes migratórias, das etnias e povos que formaram a cultura local e o rico Patrimônio Arqueológico da cidade.

Unidade 2 – Festival do Folclore: Estudo da origem e missão do Festival, sua trajetória e a contribuição inestimável do professor José Sant’anna. Foram apresentados dados estatísticos e impactos socioculturais do evento, hoje referência nacional.

Unidade 3 – Museu do Folclore: A história do Museu, seu acervo, exposições e ações educativas. Uma unidade voltada à compreensão do museu como espaço dinâmico de preservação e diálogo com a comunidade.

Unidade 4 – Folclore Brasileiro: Abordagem das etnias formadoras do Brasil, com destaque às manifestações culturais das cinco regiões do país, explorando ritmos, danças, mitos, parlendas, culinária e outros elementos essenciais do saber popular.

Convidados especiais: saberes que ampliam horizontes

O curso contou com a presença de convidados notáveis que enriqueceram o processo formativo com



experiências práticas, reflexões teóricas e vivências pessoais ligadas ao tema do patrimônio cultural.

Entre os destaques, a presença da folclorista Maria Aparecida de Araújo Manzolli (Dona Cidinha), baluarte do folclore olímpense. Com décadas de dedicação à cultura popular, Dona Cidinha compartilhou histórias, memórias e ensinamentos sobre os bastidores do Festival do Folclore e a importância da transmissão oral e afetiva do saber tradicional.

A Dra. Tatiane Pereira Souza - Pedagoga, Mestre em Educação e Doutora em Ciências Sociais, trouxe importantes reflexões sobre a mediação entre o conhecimento acadêmico e os saberes tradicionais, destacando o papel da escola na valorização da cultura popular como ferramenta pedagógica transformadora.

Outro momento de grande relevância foi a participação de Dulcilaine Lopes, coordenadora de Educação Patrimonial da Fundação Araporã (Araraquara), que apresentou uma palestra sobre o patrimônio arqueológico de Olímpia, com foco nos sítios já identificados e estudados, especialmente o sítio arqueológico Maranata. Ressaltando a importância desses vestígios na construção de uma identidade local plural e milenar.

Sua abordagem contribuiu para ampliar o olhar dos professores sobre o patrimônio, indo além do folclore e do patrimônio edificado, para incluir também o território ancestral e os saberes silenciosamente preservados nas camadas do solo e da história.

Resultados e continuidade

O curso alcançou sua meta de impactar positivamente a prática docente. Os professores relataram maior consciência sobre a importância do patrimônio cultural no processo de ensino-aprendizagem e o desejo de levar as discussões para suas salas de aula. O envolvimento emocional com o conteúdo e a troca com os convidados geraram reflexões profundas sobre identidade, pertencimento e memória coletiva.

Dado o êxito da primeira edição, a continuidade do projeto já está garantida com novas turmas previstas, consolidando-se como uma política pública permanente de valorização da cultura, da educação e da cidadania cultural.

A formação em Educação Patrimonial, nesse contexto, se apresenta como uma estratégia de fortalecimento das raízes culturais, de desenvolvimento de práticas educativas mais sensíveis e de incentivo à preservação ativa dos bens culturais da cidade e do país. Em tempos de transformações aceleradas e riscos de apagamento cultural, iniciativas como esta reafirmam que o futuro se constrói com memória, participação e identidade.

Tiago Louzada

*Diretor de Patrimônio Histórico-Cultural
Secretaria de Cultura e Defesa de Folclore*



Professores e suas memórias com o FEFOL, atividade desenvolvida no curso



Conclusão do Curso com a presença do prefeito Geninho Zuliani, a Secretária de Cultura e Defesa do Folclore Priscila Foresti, a Assessora de Educação Eliana Bertencello e a Folclorista Professora Dona Cidinha Manzolli

50 ANOS DA MATRIZ, 61 ANOS DO FEFOL: A singular simbiose entre fé e cultura

A Igreja Matriz de São João Batista, que neste 2025 completou 50 anos com este visual moderno e arrojado considerando a época de sua construção, começou a ser erigida juntamente com o Festival do Folclore, que em 1965 teve sua primeira edição saindo das escolas e vitrines de lojas, para alcançar um público maior e mais diversificado.

As obras de reforma da chamada “Igreja definitiva” do Padroeiro da cidade, São João Batista, tiveram início naquele longínquo 1965, mesmo ano do início do Festival aberto ao público. O Festival do Folclore ali ficou por 17 anos. Além do seu atrativo natural, havia o elemento facilitador das pessoas saírem do trabalho e já ficarem por ali, nas barracas de quitutes, comidas típicas, vinhos e outras guloseimas.

À noite, as famílias vinham para ver as apresentações dos grupos folclóricos e parafolclóricos, enquanto a criançada se divertia nos atrativos do parque de diversões que era montado no entorno da Igreja em obras, onde uma Roda Gigante, com suas luzes coloridas dava suas voltas, quase abraçada à Matriz nascente.

Foi um período interessante e muito desafiador, pois onde brotava um templo religioso católico que viria a ser referência nacional, brotava ao mesmo tempo um evento que, igualmente, viria a ser outra referência nacional, este no âmbito da preservação cultural de nossas raízes, na valorização de nossos costumes, e no ensinamento sobre a importância de um povo preservar e defender sua própria cultura, para não ser colonizado ou escravizado por culturas e costumes estrangeiros.

Sete anos após a suntuosa obra ser entregue, a festa saiu dali, pois o espaço já se mostrava pequeno demais para a grandiosidade do evento, e foi levada para o Ginásio de Esportes, onde permaneceu nos anos de 83, 84 e 85, para finalmente se instalar no suntuoso Recinto construído especialmente para o Festival, que crescia de forma admirável.

Este recinto, também foi um marco da cidade, dado o seu gigantismo, para uma Olímpia que começava a tornar-se um polo de desenvolvimento regional. Suas características, inspirada nas antigas arenas romanas, era o sonho acalentado pelo idealizador da festa, professor José Sant’anna. Arquibancadas em meio círculo, ladeada por barracas que formam espaçosas praças de alimentação, e a arena, embaixo, totalmente livre de armações e estruturas sejam de concreto, sejam de ferro ou aço, sejam de madeira. Um vão livre grandioso.

E foi então ali que, a partir de 1986, a festa se fez. Ainda com situação precária, algumas obras por fazer, chão por colocar piso, um pouco de barro, porque foi um período chuvoso aquele, mas foram fatores que não fizeram o público arredar o pé. Público que naqueles dias e noites emprestou sua animação, seu engajamento e apoio a algo que estava nascendo, ainda uma promessa a ser cumprida. Infelizmente não houve, neste caso, a possibilidade do povo da cidade dar sua colaboração para a obra propriamente dita, mas no que dependeu dele, povo, aqueles primeiros dias e noites já demonstravam o que seria fazer o Festival em sua própria casa.

Portanto, o Festival do Folclore teve na Praça da Matriz de São João Batista, hoje chamada de Praça “Monsenhor Antônio Saint’Clements Torres”, o seu berço natal, ancorado naquele espaço que pouco tempo depois abrigaria uma das mais suntuosas, artística e majestosa, Igreja do país.

Portanto, entendemos que cabe perfeitamente aqui, tomarmos emprestada a máxima cravada pelo pároco responsável da Matriz -“O sábio sabe valorizar a arte. O ignorante prefere as aparências”, também para o Fefol.



Festival do Folclore na Praça da Matriz nas décadas de 60 e 70



Final da Missa dos Violeiros com os grupos participantes do Festival do Folclore na Igreja Matriz (2024)

Porque não é de aparências que se alimenta o nosso Festival do Folclore. É de conteúdo, é de manifestações que visam manter viva a arte e a cultura nacionais, o legítimo pensar e a liberdade de se manifestar de um povo. Assim como não foi também para as aparências que se constituiu a obra imponente da Matriz. Foi o pensamento de larga extensão, levando à conclusão de que, ao mesmo tempo que pudesse abrigar com todo conforto a fé de seus frequentadores, fosse adornada com a arte, que em última análise, é também algo divino.

O Divino que se manifestou no dia 24 de junho de 1975, ano do marco glorioso para a cidade de Olímpia, que ganhava naquele dia sua suntuosa Igreja Matriz de São João Batista, versão final. Um monumento à religiosidade de seu povo resultado de 10 anos de intensos trabalhos e movimentações, pode-se dizer, de toda a comunidade.

Quem vê a Matriz de São João Batista hoje, não se espanta tanto com a sua forma e gigantismo, na mesma proporção que se encanta com sua beleza e seus detalhes, porque imagina sua estrutura sendo erigida dentro dos parâmetros técnicos e de equipamentos hoje existentes.

Mas se raciocinarem que quando ela foi construída, nada do que vemos hoje como ferramentas e técnicas facilitadoras na construção civil existia, não de concluir o quanto de gigantismo, determinação e fé havia naqueles homens de então. Portanto, a Matriz-mor da Estância Turística de Olímpia, no fundo, é resultado de um trabalho “artesanal”.

Além disso, o que pouca gente sabe, para além dos envolvidos diretamente com a obra e seus percalços, é que a Igreja olimpiense foi também precursora de uma mudança no pensamento arquitetônico paulista, onde profissionais começaram a produzir a arquitetura observando e evoluindo com as qualidades do concreto armado por exemplo, desta forma consolidando uma identidade sui generis para a arquitetura paulista.

Ou seja, a obra também fez parte da revolução arquitetônica do nosso Estado, não sendo unicamente uma estrutura luxuosa ou exibicionista, mas evidenciando uma ação com raízes mais profundas entre os responsáveis envolvidos. É isso que se tenta demonstrar neste trabalho, com o intuito de fazer com que o leitor se anime a conhecer os detalhes, as minúcias de como tudo foi feito. E de como as dificuldades inerentes foram vencidas. Antes de tudo, com muita criatividade e pioneirismo pois, como se disse, a obra foi um norteador do pensamento arquitetônico moderno no Estado de São Paulo.

Daí que nesse momento em que celebramos os 50 anos de sua existência, temos que levar em conta todas as nuances entrelaçadas no trabalho de construção, para o qual cada olimpiense, à época, cada um à sua maneira, deu uma importante contribuição, seja material, seja espiritual, seja na fé que depositavam nos propósitos íntegros daqueles visionários tocados por Deus.

A Fé Move Montanhas? No caso olimpiense pode-se afirmar com convicção que sim, e nossa “montanha” a ser movida resultou num monumento inigualável à religiosidade, um símbolo do que há de mais profundo na alma de cada cidadão.

Importante lembrar que a Matriz olimpiense foi a primeira igreja de concreto à vista no interior do Estado de São Paulo, especificamente do Noroeste Paulista. E o valor disso pode-se medir conforme a realidade de que, até aquele momento, construções em concreto aparente só haviam no Estado de São Paulo a atual Igreja de São Domingos (1953-58), projeto do arquiteto Adolf Franz Heep (1902-1978); a Igreja de Santa Maria Madalena (1955-56), do arquiteto Joaquim Guedes (1932-2008), e o Centro Paroquial São Bonifácio, (1964-66), do arquiteto Hans Broos (1921-2011), todas fincadas na capital paulista.



A Igreja Matriz de São João Batista evidencia de forma única a evolução da arquitetura modernista estadual e nacional que ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970. Tal evolução está refletida em sua estrutura e elementos construtivos (janelas, tetos, portas, mecanismos de ventilação natural, concreto aparente, dentre muitos outros que muitos desconhecem).

Para se chegar a este monumento à religiosidade, foi necessário um esforço hercúleo de tantos quantos estiveram envolvidos na empreitada. Afinal, foram 10 anos de luta incansável para que hoje a cidade pudesse contar com este que é um dos mais belos templos católicos do país.

“São centenas de metros cúbicos de concreto amassado com a mesma betoneira e carregado em baldes nos ombros dos trabalhadores”.

Nestas palavras de monsenhor Antônio Saint’Clements Torras, pároco emérito da Matriz de São João Batista por 58 anos, e principal coordenador do projeto, falecido em 19 de janeiro de 2020, a denotação de que, antes de tudo, a edificação da Matriz é resultado de uma conjugação de forças e interesses para a instauração de inspirada obra de arte arquitetônica.

“A cada lance de cobertura, de uma viga à outra, incluindo as vigas, eram gastos oitocentos sacos de cimento. Uma vez iniciado o serviço, não podia ser interrompido até terminar o lance. Foram muitos baldes de concreto. Foi usado um elevador de carga, que levava o concreto até uma determinada altura, porém precisava ser esparramado e para isto o único recurso era o balde, era o homem”.

”De fato, não foi o doutor Melanias Massage Nagamine, arquiteto projetista, não fui eu, que fui obrigado (a pedido do arquiteto) a acompanhar a construção, não foram os fornecedores dos materiais, nem os que colaboravam com seus donativos, os que construíram a Matriz. Foram os que carregaram os baldes de concreto, prepararam as caixas ou trabalharam a ferragem. A todos eles e a todos os que ajudaram, de alguma forma, devemos a nossa lembrança e toda a nossa gratidão”.

Ou seja, na Capital Nacional do Folclore, onde o clamor popular se manifesta a cada ano, temos, há cinquenta anos, um monumento que, além de abrigar a fé, a devoção, e o louvor a Deus, também abriga em seus detalhes a força e determinação de um grupo de trabalhadores que, artesanalmente, num certo sentido, deram ao povo sua grandiosa e inigualável Casa Divina.

Orlando Rodrigues Costa
Jornalista e escritor

A ARTE CONTEMPORÂNEA E O FOLCLORE

O jovem artista olimpiense Rick Duran traz todo seu talento e criatividade no 61o Festival do Folclore..

“ Representar o folclore com a minha arte no lugar que acontece o maior festival do folclore do Brasil e na cidade que cresci é muito importante para mim”

Sobre o artista

Duran, Artista Plástico e Muralista, natural de Olimpia/SP, 27 anos, começou sua trajetória artística na infância, sempre incentivado pelos pais, aos 6 anos, através de um desenho conquistou seu primeiro prêmio em um concurso da cidade. Desde então, a arte se tornou sua forma de expressão e conexão com o mundo.



Rick Duran

Começou a atuar profissionalmente em 2017, explorando diferentes técnicas, desde telas até grandes murais.

Sua arte é um reflexo das emoções, cores e texturas que dialogam com o espaço e o observador, criando experiências visuais únicas. Sua trajetória inclui exposições em locais prestigiados como o Rio de Janeiro e colaborações com marcas e empresas de destaque, como Converse, Posca, Grupo Borelli e Consigaz. Com mais de 400 obras, Duran busca trabalhar com diferentes superfícies e materiais, como telas, artes digitais, personalizações de produtos e murais.

Realizou grandes murais em diversas cidades, como Itajai/SC, Curitiba/PR, Ribeirão Preto/SP, São Paulo, Riviera de São Lourenço/SP, São José do Rio preto/SP, São Bernardo do Campo/SP e Olimpia/SP. Seu trabalho já foi enviado para mais de 10 países, dentre eles Estados Unidos, Portugal, Alemanha, Austrália, México, Inglaterra, Irlanda, Holanda e Suécia, com uma ampla aceitação internacional.

Em Abril de 2024, participou do concurso de arte da empresa Consigaz na cidade de Uberlândia e entre 4200 artistas conquistou o 1o lugar.

Estilos e influências

Seu estilo artístico abrange diversas técnicas de pintura como o realismo, street art e o abstrato. Suas influências vão desde Claude Monet, pintor francês que fez parte do movimento impressionista até o Kobra, um dos maiores artistas brasileiros da atualidade.

Sua pesquisa artística é voltada para a representação da essência humana, explorando olhares, sorrisos e sentimentos, buscando transmitir emoção e a beleza da singularidade humana, transformando cada obra em um reflexo da vida. Acredita que a expressão e a emoção contida em cada traço são capazes de criar uma conexão profunda com o observador.

Para pintar, utiliza tinta acrílica e spray, técnicas que criam contrastes vibrantes, trazendo riqueza de detalhes e texturas, tanto em telas quanto nos murais.

Intervenção Artística no Recinto

Conjunto dos Murais

A ideia é que os 3 murais tenham um certo padrão estético, desde paleta de cores com tons mais quentes e vibrantes até ornamentos voltados aos azulejos portugueses e tecidos de chita.

Mural 1

A ideia de criação desse mural tem como elemento principal o Bumba Meu Boi, tradicional no Folclore Maranhense. Composto por mais duas imagens que representam a dança, o movimento e a alegria do folclore. Tentei trazer ao fundo blocos de cores bem coloridos. A ideia é que sejam retalhos de tecidos de chita, azulejos portugueses, típicos da cultura popular. Esses elementos e blocos de cores são padrões estéticos nos 3 murais.

Mural 2

Esse mural representa o diálogo entre a dança popular e os personagens folclóricos, especialmente os cazumbás, figuras enigmáticas e espirituais que fazem parte das tradições do Maranhão. A composição visual contrasta a leveza da dançarina com o mistério dos cazumbás mascarados.

Mural 3

Não poderia deixar de homenagear o Professor Santana, figura principal desse mural. A ideia foi homenagear os Mestres da Cultura Popular de Olímpia. Entre o retrato em preto e branco e o fundo colorido destaca o contraste entre memória e presente.

“Gostaria de deixar à minha gratidão pelo convite para criação dos murais e participação do anuário. Representar o folclore com a minha arte no lugar que acontece o maior festival do folclore do Brasil e na cidade que cresci é muito importante para mim, assim como participar do anuário, já que meu pai sempre participou e escreveu em algumas das edições.”



A vibrant scene from a folk festival at night. Several dancers in traditional yellow shirts and long, multi-colored striped skirts are performing on a stage. One dancer in the center holds a microphone, while others play large, round drums. The background is filled with colorful lights and a crowd of spectators.

FESTANÇA

grupos do 61º FEFOL

REGIÃO CENTRO - OESTE

Siriri Flor Serrana
Moçambique Mossa Senhora do Rosário

Cuibá - MT
Catalão - GO

REGIÃO NORDESTE

Congo de Oeiras
Batalhão de Bacamarteiros
Grupo de Cultura Popular Ariús
Coco de Roda Babaçu
Xique Xique
Coco do Calemba
Caboclinho Canidé de Goiana
Papanguarte
Boi de Morros
Bumba Boi de Matraca do Maiobão
Bumba Boi Brilho da Ilha
Boi de Nina Rodrigues

Oeiras - PI
Carmópolis - SE
Campina Grande - PB
Maceió - AL
Maceió - AL
São Gonçalo do Amarante - RN
Goiana - PE
Bezerros - PE
São Luis - MA
Paço do Lumiar - MA
São Luis - MA
São Luis - MA

REGIÃO NORTE

Jabutí Bumbá
Grupo Cultural São Tomé do Carvão
Frutos do Pará
Carimbó Bico de Arara
Grupo Folclórico Tribo Waiká
Parananin
Grupo de Suça Tia Benvinda

Rio Branco - AC
Manzagão - AP
Belém - PA
São Caetano de Odivelas - PA
Boa Vista - RO
Ananindeua - PA
Natividade - TO

REGIÃO SUL

Raízes Liorâneas
Boi de Mamão de Sambaqui
Pôr do Sol
Fandanguará

Xangrilá - RS
Florianópolis - SC
Quinta do Sol - PR
Guaraqueçaba - PR

REGIÃO SUDESTE

Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras
Catupé
Congada Três Colinas
Irmandade do Menino Jesus - Família Jerominho
Mineiro Pau e Boi Pintadinho
Folia De Reis Milagres De Jesus
Ciranda de Tarituba
Catira Araçatuba
Cia De Reis Família De Belém
Reisado Sergipano de Guarujá
Grupo Folclórico Caiapós
Cordão dos Bichos de Tatuí
Fandango de Tamanco Cuitelo
Congada Terno de Sainha Irmãos Paiva
Catira Espora de Prata
Quadrilha Teco Teco Biru Biru
Folia de Reis Nova Geração da Água Limpa
Cordão Sucatas Ambulantes
Companhia de Danças Parafolclóricas Saruê

Vitória - ES
Itamogi - MG
Franca - SP
Passos - MG
Santo Antônio de Pádua - RJ
Piabetá - RJ
Paraty - RJ
Araçatuba - SP
Castilho - SP
Guarujá - SP
Piracaia - SP
Tatuí - SP
Ribeirão Grande - SP
Santo Antônio da Alegria - SP
Barretos - SP
Queluz - SP
Barretos - SP
São Paulo - SP
Montes Claros - MG

OLÍMPIA

Companhia A Viagem dos Três Reis	Olímpia - SP
Companhia de Reis Caminhos de Belém	Olímpia - SP
Companhia de Reis Estrela da Guia	Olímpia - SP
Companhia de Reis Estrela da Paz	Olímpia - SP
Moçambique Nossa Senhora do Rosário	Olímpia - SP
Terno de Congada Chapéu de Fitas	Olímpia - SP
Companhia de Reis Lapinha de Belém	Olímpia - SP
Companhia de Reis Magos do Oriente	Olímpia - SP
Companhia de Reis Os Mensageiros da Paz	Olímpia - SP
Companhia de Reis Os Viajantes de Belém	Olímpia - SP
Companhia de Reis Santos	Olímpia - SP
Terno de Moçambique São Benedito	Olímpia - SP
Companhia de Santos Reis Fernandes	Olímpia - SP
Companhia de Santos Reis os Visitantes de Belém	Olímpia - SP
Dança de São Gonçalo	Olímpia - SP
Companhia os Mensageiros de Santos Reis	Olímpia - SP
Grupo Folclórico de Danças de Afro Brasileira e Capoeira	Olímpia - SP
Afoxé Dindazúgê	Olímpia - SP
Associação Templo de Umbanda Morada de Caboclo e Preto Velho	Olímpia - SP
Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade M, enina-Moça"- GODAP	Olímpia - SP
Grupo Parafolcórico Frutos da Terra	Olímpia - SP
Associação Cultural Anástasis - Artes Cênicas e Solidariedade	Olímpia - SP
Cia de Danças Parafolclóricas Zazuê	Olímpia - SP
Grupo de Dança da APAE	Olímpia - SP

GRUPOS INÉDITOS

Boi de Mamão de Sambaqui	Florianópolis - SC
Fandanguará	Guaraqueçaba - PR
Folia de Reis Milagres de Jesus	Piabetá - RJ
Ciranda de Tarituba	Paraty - RJ
Quadrilha Teco Teco Biru Biru	Queluz - RJ
Cordão Sucatas Ambulantes	São Paulo - SP
Companhia de Danças Parafolclóricas Saruê	Montes Claros - MG
Siriri Flor Serrana	Cuiabá - MT
Grupo de Cultura Popular Ariús	Campina Grande - PB
Coco de Roda Babaçu	Maceió - AL
Coco do Calemba	São Gonçalo do Amarante - RN
Caboclinho Canidé de Goiana	Goiana - PE
Bumba Boi de Matraca do Maiobão	Paço do Lumiar - MA
Jabutí Bumbá	Rio Branco - AC
Grupo Folclórico Tribo Waiká	Boa Vista - RO



Grupo Folclórico Tribo Waiká - Boa Vista - RO



Grupo Folclórico Tribo Waiká - Boa Vista - RO



Jabuti Bumbá - Rio Branco - AC



Jabuti Bumbá - Rio Branco - AC

mensagem final

O Festival do Folclore de Olímpia é mais do que uma celebração cultural; é o resultado de um processo dedicado e apaixonado de organização que começa meses antes. Desde os primeiros encontros e planejamentos, até a execução dos detalhes que encantam nosso público, cada etapa é marcada por um compromisso coletivo em valorizar, preservar e difundir as tradições folclóricas que enriquecem nossa identidade.

Tudo começa com a missão de organizar e traçar as metas e objetivos para desenvolver o maior Festival do Folclore do Brasil. Essa organização envolve diversos setores, desde a curadoria artística, com a escolha dos grupos, até a segurança, infraestrutura, comunicação e apoio logístico, que juntos garantem a realização de uma festa segura, acolhedora e inesquecível para o público e os participantes.

O Festival não se resume apenas às apresentações noturnas que encantam e emocionam, mas se estende por toda a cidade, envolvendo oficinas, encontros, convivências e manifestações que acontecem em cada canto, seja no centro comercial, empresas patrocinadoras, entidades e escolas municipais, celebrando a cultura em sua forma mais vibrante e viva.

Além disso, este evento só é possível graças ao empenho de equipes, artistas, voluntários, patrocinadores e, principalmente, ao amor pela cultura popular que une a todos. Através do Festival, reafirmamos a importância de manter viva a história e os costumes que nos conectam às nossas raízes.

Cumprimos, assim, a missão inspiradora do Professor José Sant'anna, que sempre acreditou no poder transformador da cultura para educar, integrar e fortalecer nossa comunidade. Seu legado permanece vivo em cada canto da festa, guiando-nos a cultivar o respeito pelas manifestações folclóricas e a transmitir esse patrimônio às futuras gerações.

Com orgulho e gratidão, entregamos a 61ª edição do Festival do Folclore de Olímpia, certos de que o trabalho de todos os envolvidos garantirá a continuidade desta grande celebração por muitos anos.

Camila Reale Thereza Gameiro
Diretora de Festivais e Eventos
Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore



folcloreolimpiaoficial



fefoloficial



folcloreolimpia



folcloreolimpia.com.br

comissão organizadora

DECRETO No 9.522, DE 14 DE ABRIL DE 2025

Constitui a Comissão Executiva do 61o Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Santanna” (02 a 10 de agosto de 2025).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito da Estância Turística de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, DECRETA:

ART 1º: Fica constituída a Comissão Executiva do 61o Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 02 a 10 de agosto do de 2025, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Comissão Organizadora

Presidente: Priscila Seno Mathias Netto Foresti
Presidente de Honra: Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Vice-presidente: Cláudio Roberto Ferreira da Silva
Vice-presidente de Honra: Ana Cláudia Casseb Finato Zuliani
1º Secretário: Raquel Crepaldi Righetti
2º Secretário: Márcio Henrique Eiti Iquegami
1º Tesoureiro: Cléber José Cisotto
2º Tesoureiro: Max Mena

Subcomissão de Curadoria Artística

Priscila Seno Mathias Netto Foresti - Coordenação
Alan Saviolo Duran
Ana Cláudia Casseb Finato Zuliani
Camila Reale Thereza Gameiro
Célio Franzin
Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos
Davi Seixas Mendes
Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Maria Justina Boitar Riscalí
Tiago Louzada
Vivaldo Mendes

Subcomissão do Anuário e Anuarinho

Tiago Louzada - Coordenação
Luiz Fernando Monzani
Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos
Estêvão Amaro dos Reis
Orlando Rodrigues da Costa
Priscila Fernanda Minani
Taíse Renata da Cruz

Subcomissão de Imprensa, Cerimonial e Marketing

Claudio Roberto Ferreira da Silva - Coordenação
Camila Reale Thereza Gameiro
Cleber Luís da Silva Chiaradia
Priscila Fernanda Minani
Wladimir Candini

Subcomissão de Hospedagem e Monitores de Grupos

Davi Seixas Mendes - Coordenação
Alexandra Maria Piton Marcondes
Andressa Olmos
Camila Reale Thereza Gameiro
Lorraine Melissa Fogagnoli
Valter de Moura e Silva Junior

Subcomissão de Alimentação

Célio Franzin - Coordenação
Valter de Moura e Silva Junior
Maria Clara Ruiz Seno
Natália Bortolan Ritzinger
Liliane Cristina Sena Silva - Nutricionista

Subcomissão de Abertura, Mini Festival, Atividades Diurnas e Missas

Jéssica Maria dos Santos - Coordenação
Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro - Coordenação
Alan Saviolo Duran
Bruna Silvestre Bonito
Daniela Monteiro da Freitas
Tiago Pessoa Lourenço
Taíse Renata da Cruz
Maristela Aparecida Araújo Bijotti Meniti
Marcela Rubio Nespolo Aniceto



Subcomissão de Limpeza

João Paulo Morelli - Coordenação
Arian Lourenço de Mello
Caren Michele Lourenço
Fabrício Henrique Raimondo

Subcomissão de Manutenção e Obras

Leandro Pierin Galina - Coordenação
Guilherme Amim
José Augusto Gianotto
Flávio Augusto Santinon

Subcomissão de Comércio Interno

Graziela de Souza Mendes - Coordenação
Arian Lourenço de Mello
João Luiz Alves Ferreira
Wilson França
Cleber Luís Gonsaga

Subcomissão Jurídica, Decretos e uso de Imagem

Antonio Cataneo Neto - Coordenação
Cleber Luís Braga
Isabela Duran Oliveira Souza
Marcos Antônio Loureiro Barbosa

Subcomissão de Desfile

Davi Seixas Mendes - Coordenação
Clarismundo Sant'anna
Gilson Carlos Miranda
Tairine Fogagnoli Franzin
Glendson Rafael de Carvalho
Loraine Melissa Fogagnoli
Marcos Balbo

Subcomissão de Feira de Artesanato e Artes

Tiago Louzada - Coordenação
Janeleí Delomodarme
Mara Sílvia dos Santos Buzatto
Rosiani da Silva Nunes
Sílvia Regina Rodrigues Pereira
Cleber Luís Gonsaga

Subcomissão de Estacionamento, Trânsito, Segurança e Fiscalização

Vinicius Claudio Zoppellari - Coordenação
Márcio Henrique Trindade Silva
Bruno Fréu Garcia
Carlos Henrique Vasconcelos dos Santos Tiago Louzada

Subcomissão de Compras e Licitações

Max Mena - Coordenação
Graziela de Souza Mendes
João Luiz Alves Ferreira

Subcomissão de Atividades Externa

Alan Saviolo Duran - Coordenação
Glendson Rafael de Carvalho
Natália Bortolan Ritzinger
Tiago Louzada

Subcomissão de Palcos e Apresentações Internas

Davi Seixas Mendes - Coordenação
Alan Saviolo Duran
Célio Franzin
Glendson Rafael de Carvalho
Pedro Henrique de Andrade

Subcomissão de Logística e Transporte

Valter de Moura e Silva Junior - Coordenação
Arian Lourenço de Mello
Angelo Rodrigo Tarichi Brassalotti

Subcomissão de Estruturas, Montagem e Desmontagem

Camila Reale Thereza Gameiro - Coordenação
Arian Lourenço de Mello
Guilherme Amim de Faria
Valter de Moura e Silva Junior

ART 2º: Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário. Registre e publique.

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, em 14 de abril de 2025.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI
Prefeito Municipal

PRISCILA SENO MATHIAS NETTO FORESTI
Secretária Municipal de Cultura e Defesa do Folclore

RAQUEL CRISTINA CREPALDI RIGHETTI
Secretária Municipal da Casa Civil

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, em 14 de abril de 2025.

CLÉBER LUÍS BRAGA
Supervisor de Expediente

equipe da Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore

Priscila Seno Mathias Netto Foresti
Secretária de Cultura e Defesa do Folclore

Tiago Louzada
Diretor da Divisão de Patrimônio Histórico-Cultural

Alan Saviolo Duran
Diretor da Divisão de Programas e Projetos Culturais

Camila Reale Thereza Gameiro
Diretora da Divisão de Festivais e Eventos

Graziela Souza Mendes
Diretora da Divisão Administrativa

Servidores
Alexandra Maria Piton Marcondes
Aline Gabryele Balbo Moraes
Arian Lourenço de Mello
Gislene Sônia de Almeida
Janeclê Delomodarme
José Carlos Teixeira
Luciano Ribeiro Silva
Maria Clara Ruiz Seno
Marco Antônio Neves
Natália Bortolan Ritzinger
Rosiane da Silva Nunes
Silvio Borges de Queiroz
Simeão Martins Soficier
Valter de Moura e Silva Junior

expediente

Anuário do 61º FEFOL

ANO L - Nº 53 - AGOSTO DE 2025

Publicação

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia
Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore

Prefeito

Eugenio José Zuliani

Vice-prefeito

Márcio Henrique Eiti Iguegami

Secreária de Cultura e Defesa do Folclore

Priscila Seno Mathias Netto Foresti

Diretor

Professor José Sant'anna (*in memoriam*)

Coordenação

Tiago Louzada

Conselho Editorial

Tiago Louzada, Luiz Fernando Monzani, Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos, Estêvão Amaro dos Reis, Orlando Rodrigues da Costa, Priscila Fernanda Minani e Taíse Renata da Cruz.

Revisão Coletiva

Conselho Editorial

Projeto Gráfico | Organização e designer | Organização

Edna Carla Stradiotto - Artrilha Editora

Fotos

Prefeitura da Estância Turística de Olímpia/ Divisão de Comunicação
Acervo Museu do Folclore

Impressão

Carlinhos Artes Gráficas

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos desde que citada a fonte.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Estância Turística de Olímpia (SP). Prefeitura
61º Festival do Folclore : Estância Turística de
Olímpia : capital do folclore / Prefeitura do
município da Estância Turística de Olímpia ;
organização Edna Carla Stradiotto. -- 1. ed. --
São José do Rio Preto : Artrilha Editora, 2025.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-84912-06-9

1. Estância Turística de Olímpia (SP) - Aspectos
culturais 2. Festas folclóricas - Estância Turística
de Olímpia (SP) - História 3. Folclore - Brasil -
História 4. Folclore - História e crítica
I. Stradiotto, Edna Carla. II. Título.

25-283552

CDD-398.0981

Índices para catálogo sistemático:

1. Folclore brasileiro 398.0981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



REALIZAÇÃO



APOIO



PROMOÇÃO



PATROCINADORES



ISBN: 978-65-84912-06-9



CBL

9 786584 912069